

Livro Zero

revista de psicanálise





© 2016, Fórum do Campo Lacaniano SP (FCL-SP)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Livro Zero

Revista de Psicanálise É uma publicação anual do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. Rua Verissimo Glória, 126. Sumaré. São Paulo, SP Brasil. secretaria@campolacanisnosp.com.br

> COMISSÃO DE GESTÃO DO FCL-SP Diretora: Glaucia Nagem de Souza Secretária: Luciana Guarreschi Tesoureira: Gisela Giglio Armando Coord. de FCCL: Samantha Abuleac Steinberg

> > Conselho do FCL-SP Ana Paula Gianesi Conrado Ramos Sandra Berta Tatiana Assadi Rita Vogelaar

Comissão de Publicação Coord: Luciana Guarreschi Ana Paula Gianesi Luis Guilherme Coelho Mola Gisela Giglio Armando Glaucia Nagem de Souza

Projeto gráfico e editoração 113dc Design+Comunicação

FICHA CATALOGRÁFICA

LIVRO ZERO: Revista de Psicanálise

O fala-ser nas estruturas, v. 1, n. 7, (2º Semestre, 2016), São Paulo, FCL-SP / EPFCL-Brasil , 2016. 176 p. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo / Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil.

Periodicidade: Anual. ISSN 2178-0250

1. Psicanálise. 2. Psicanalistas - Formação 2. Psicanálise e arte.

I. Fórum do Campo Lacaniano II. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil





Sumário

5 Editorial

DIAGONAIS EPISTÊMICAS

- 9 O fala-ser muda a psicanálise Albert Nguyên
- 19 Eu falo com meu corpo Marc Strauss
- 25 Articulação do passe e o fim da análise: marcos e atos Pedro Pablo Arévalo

ENCONTRO DE MEMBROS

47 Nossa *vibe*Luciana Guarreschi

EVENTOS DA BIBLIOTECA

- O astuto ignorante: Gunter Grass e a subjetividade de nossa época Ana Laura Prates Pacheco
- Incêndios: 1+1=1 e seu passo, dizer a voz (posta no silêncio)

 Ana Paula Lacorte Gianesi
- 75 Um exercício de formalização da peça Incêndios a partir da psicanálise Conrado Ramos

ESPAÇO ABERTO

81 Um(a) fala(ser): Vicissitudes do bebê e sua mãe em uma un(i)dade hospitalar Ana Lúcia N. Girardi



ESPAÇO ESCOLA

Algumas considerações sobre a Proposição de 9 de outubro de 67

 LUCIANA GUARRESCHI

 O que esperamos de um membro de Fórum? - Reflexões sobre o des(enlace) estrutural entre Fórum e Escola e seus possíveis efeitos SAMANTHA A. STEINBERG
 Qual é o espírito da Escola de Lacan?

 SAMANTHA A. STEINBERG

 Dis...solução

 SANDRA BERTA

JORNADA DE ENCERRAMENTO

123	"Há mais luz quando alguém fala" - a voz como enlace entre
	sujeito e o Outro.
	Beatriz Oliveira
129	Os laços da escola: entre o social e a pólis na conceituação de
	Hannah Arendt
	Gisela Armando
135	Nós na fita
	Glaucia Nagem
143	Enlaces e desenlaces entre gozo e verdade
	Ingrid Figueiredo
149	Do real ao a, ou da queda ao passo de dança.
	Lucília Maria Abrahão e Sousa
159	O falasser, o desejo e o mais-de-gozar em Antígona.
	Patrizia Corsetto
165	A disjunção entre o simbólico e as leis.
	Rafael R. Daud
169	Momento de concluir: entre o som e o silêncio.
	Silvana Pessoa







Editorial

O fala-ser nas estruturas - este foi o tema enunciado no ano de 2015, vindo a público agora, em nossa sétima Revista Livro Zero. O complemento "nas estruturas" já indica nossa orientação de não pensar um conceito sem o outro: o "fala-ser" não anula o "falta-a-ser". No entanto, de modo algum são a mesma coisa. Como pensá-lo então? Lacan deixou algumas pistas, como esta de 1974: "o fala-ser é um modo de exprimir o inconsciente." Ou ainda: "O sujeito se suporta a partir do fala-ser". Nossos convidados internacionais e membros do Fórum São Paulo nos deixaram outras:

A seção **Diagonais Epistêmicas** traz os trabalhos de nossos colegas internacionais. Nela, Albert Nguyên nos inquieta com a afirmação de que o fala-ser muda a psicanálise, na medida em que possibilitaria o "dizer inaudito" do traço de humanidade, marca própria desse ser. Em continuidade, o texto *Eu falo com meu corpo* aponta o principal traço do fala-ser, a saber, que ele tem um corpo que goza quando fala, que ressoa ao falar. O que pode levar um sujeito a tomar a palavra, senão esse gozo de lalíngua que possui o fala-ser? Não sem pagar um preço, nos avisa Marc Strauss, autor do texto. Encerrando a seção, Pedro Arévalo articula os eventos-chave que marcaram o passe e o fim de sua análise, contando-nos a experiência pitoresca da emergência do desejo do analista.

Abrindo os trabalhos dos membros do Fórum São Paulo, Luciana Guarreschi apresenta a orientação política da Comissão de Gestão de 2015-16. Os **Eventos da Biblioteca** trazem Ana Laura Prates Pacheco - que visita a literatura de Gunther Grass, com *O Tambor*, e extrai daí demarcações precisas sobre o nascimento do homem contemporâneo - e Ana Paula Gianesi e Conrado Ramos fazendo uma "dobradinha" sobre a peça *Incêndios* - ela analisando, via enredo da peça, o fundamento da psicanálise "há relação sexual entre fantasias", do qual retira que o sinthoma ultrapassa a fantasia, ele *matematizando* a análise feita por ela.

Na seção **Espaço Aberto**, Ana Lúcia N. Girardi vai do parto de um significante fonoaudiológico, alimentado de dificuldades no aleitamento materno, ao "deixar-se alimentar", não sem a não tão recém-parida escuta analítica.

Espaço Escola: momento de questionamento, verificação, dis... solução. Luciana Guarreschi atenta às condições históricas dadas na criação da





Escola de Lacan, bem como para os critérios de localização dos Analistas Membros de Escola, e pergunta se estaremos à altura do que Lacan nos propôs. Samantha Steinberg percorre as nuances entre membros de Fórum e Escola, mantendo uma tensão esclarecida, necessária e estrutural entre esses dois polos. No texto seguinte, ela ainda dá conta do invariável das proposições de Lacan em seus textos ditos institucionais, qual seja, o desejo espirituoso ali contemplado. Sandra Berta fecha a seção fazendo valer a função do dizer de Lacan e provocando pânico naqueles que, ainda, resistem à dis-solução.

Selando os trabalhos do ano, nossa Jornada de Encerramento recolhe de Beatriz Oliveira a precisão da diferença entre objeto cedível e objeto perdido, bem como as consequências de enlace com o Outro a partir dessa cessão em um caso clínico. De Gisela Armando temos a articulação de alguns conceitos de Hannah Arendt com o dispositivo do Cartel para pensar os laços singulares de trabalho dentro de nossa instituição psicanalítica. Glaucia Nagem repassa a fita teórica de Lacan até os nós, expondo com clareza o momento de emergência do fala-ser, atando-o ao sujeito. Ingrid Figueiredo busca, na noção de ser-para-o-sexo, os enlaces e desenlaces entre o gozo e a verdade, não sem dialogar com a filosofia. Lucília Abrahão e Souza parte do cotidiano domesticado e higienizado de Ana, personagem de Lispector, para encontrar, no olhar de um cego mascando chicletes, o tropeço no real e seus consequentes (e)feitos. Patrizia Corsetto revista Antígona na trilha do desejo e do mais-de-gozar, distinguindo claramente os desejos neuróticos em suas modalidades prevenido, impossível ou insatisfeito, desse outro desejo que habita o fala-ser, causado pelo objeto a. Rafael Daud escreve uma carta ensinando-nos algumas coisinhas sobre o Nome do Pai, valendo-se da disjunção entre as diversas leis, normas e regras do que Lacan chamou lei simbólica. Nosso momento de concluir fica a cargo de Silvana Pessoa que, entre o som e o silêncio, encontra a batida, o tempo e o compasso das intervenções emergentes do analista.

Desejamos a todos uma boa leitura! Comissão de Publicação do Fórum São Paulo.

 \odot



















O fala-ser muda a psicanálise

Albert Nguyên¹

Lacan encontrou dificuldades ao se empenhar na exploração do gozo, especialmente ao limite do simbólico, tendo em vista o tratamento do gozo. Como articular o gozo e o ser falante para além da consideração do simbólico e de seu laço com o imaginário? Uma das fórmulas-chave é "que o ser, ao falar, goza". Mas, o que é que goza? O que goza é o corpo, e Lacan foi levado a dar a ele um lugar cada vez maior. Não foi por acaso que ele acrescentou ao corpo imaginário, ao corpo da forma, o corpo imagem, tão importante hoje em dia (esporte, cirurgia, cânones de beleza, regimes alimentares), o corpo do simbólico que determina a língua, corpo que falta e o corpo real, o corpo da substância gozante, o corpo de gozo do ser vivo.

Ele nomeou fala-ser o ser falante e seu corpo. Fala-ser enoda as três dizmensões do amor, do desejo e do gozo: o amor, na medida em que ele é o imaginário próprio a cada um (*Cf. Seminário Non-dupes-errent*),² o desejo, enquanto furado (recalque originário e castração), e o gozo enquanto ser de gozo nada mais é do que aquilo que possibilita uma nova concepção de inconsciente. Sim, mas qual?

Esse inconsciente não se resume às formações do inconsciente, do inconsciente linguagem, mas torna-se inconsciente letra, inconsciente escritura, inconsciente feito de letras que podem fazer cadeia mas que, para tanto, são Uns, elementos onde o gozo está fixado.

A interpretação analítica joga com esses elementos da alíngua para des-fixar o gozo: "O sujeito se suporta do fala-ser, no sentido que designo como sendo o inconsciente" (*Seminário XXIII*, aula de 16/12/1975), isto é, "minha expressão de fala-ser que substitui o ICS de Freud" (*Outros Escritos*, p. 565). E, ainda: "O estatuto do inconsciente como real, aquilo que a cura analítica visa, se articula naquilo que do ser vem ao Dizer", ou seja, o resto indecifrável, pois isso é a cifra do sujeito (**Urverdrängung** e, mesmo, melhor



¹ Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano da França. Analista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

^{2 &}quot;Os não tolos erram", homofonicamente em francês: "Nomes do pai".



dito, **Unerkannt**, impossível de se reconhecer).

O sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem, o sujeito do simbólico, não está mais na frente da cena (mas, nem por isso está desaparecido), é o fala-ser que ocupa esse lugar corporal: Real, "o ser é um corpo" (*Seminário XX*). O fala-ser faz a junção entre a função da alíngua e o real do gozo, e é esta nomeação que faz entrar na questão do homem, do humano.

Ora, a questão do humano está no cerne do laço social e no cerne da questão política, a atualidade demonstra isso. E ainda podemos nos perguntar se Lacan não havia antecipado esse estado de coisas em sua segunda conferência sobre Joyce: "O homem vive do/de ser... Daí minha expressão fala-ser, que substituirá o inconsciente de Freud". E ainda:

"O inconsciente é um saber enquanto falado, constituindo o LOM", LOM,³ l-o-m dá destaque à letra para nos fazer entender/ouvir justamente o Real do inconsciente, o real do simbólico.

O sujeito real não é mais o sujeito suposto à cadeia significante, "a linguagem é uma elucubração de saber sobre *a alíngua*" (*Seminário XX*), o que significa um saber que excede o sujeito e que só o atinge por ser falado: "o inconsciente é que o ser, ao falar, goza, como já lhes disse antes".

Nem por isso, o fala-ser abandona – poderíamos duvidar disso – a questão do desejo e não apaga o trabalho efetuado pelo primeiro Lacan. O problema reside na maneira como o desejo e o gozo se articulam, como se opera a ligação do ser de falta com o ser de gozo (SOLER, *l'En-je*, número 11, p. 31). Como já indiquei, a conjunção se faz pelo corpo:

"O homem tem um corpo, ele fala com seu corpo, ele fala-ser por natureza (il parlêtre de nature)."

Destaco o equívoco que recai sobre o "com", pois se entende/ouve também que o corpo vem no lugar do homem na fala, é o corpo que fala, ou então, o corpo como o parceiro com o qual o homem fala...

Mas, notemos que aquilo que a fórmula diz no final da frase dissipa o equívoco: a junção está feita, é da natureza do LOM de "parlêtrer".⁴ Vocês conhecem a fórmula da Conferência 'A Terceira', que resume a operação:

"O inconsciente é um saber que se articula da alíngua, o corpo que ali fala só está ligado a ele pelo real do qual goza."

Destaquemos saber, nó e gozo. O real do qual se goza, este gozo está fora do simbólico, é o sintoma.



Livro Zero

³ LOM é homofonicamente igual a "l'homme", em francês.

⁴ Parlêtrer, falasserar – trata-se de parlêtre, fala-ser, sendo usado como verbo no infinitivo.



A consequência disso, para a psicanálise, é evidente: não se trata mais de visar fazer sentido, nutrir o sintoma de sentido, o fora de sentido é seu alvo (cf. *l'esp d'un laps*, do Prefácio à edição inglesa do Seminário XI), extrair o Dizer que ex-siste aos ditos; é esse Dizer que é decisivo (*cf. O aturdito*). Isso quer dizer que se atinge as letras do saber, letras de gozo, ao falar, e não de outra forma.

Evidentemente, isso dá ao ser uma cor particular, que pode ser resumida da seguinte forma:

"O humano é devastado pelo verbo. O verbo se encarna e faz gozar." (IZCOVICH, *l'En-je*, número 11).

É preciso notar, simples lembrança, que esta inflexão sobre o humano e o fala-ser, em Lacan, se inscreve nas modificações que ele faz em sua doutrina do pai e na do sintoma: o Nome do pai se pluralizou em "os Nomes do pai", depois em "o pai que nomeia" ("père-version") [pai-versão/perversão] e o pai que enlaça (pai sintoma): definitivamente, trata-se de "noue-mination⁵ [nó-meação]. O sintoma mensagem cedeu lugar ao sintoma que é acontecimento de corpo (irrupção de gozo):

"O inconsciente é uma articulação de significantes que veiculam o gozo. Esses significantes designam o lugar onde o gozo é experimentado, o corpo" (IZCOVICH, *l'En-je*, número 11, p. 43).

"O inconsciente como real se articula por aquilo que do ser vem ao Dizer."

IMPACTO SOBRE A ANÁLISE

Como indicado em meu título, entremos na reflexão sobre o impacto, os efeitos desses deslocamentos na análise: o sujeito tornado fala-ser via consideração do corpo e do gozo fixado, o sintoma tornado sinthoma e a pai-versão/perversão (*père version*). L'*imp*acte, o impacto – o impossível [*imp*] e o ato [*acte*] é isso que encerra a palavra em francês.

Para tanto a psicanálise opera a partir da transferência e, portanto, do amor que se endereça ao saber. O fundamento da transferência reside no SsS (Sujeito suposto saber), é o saber que é suposto e é a visada da análise que consiste na queda desse SsS que acompanha a queda das identificações: travessia do fantasma e inexistência do Outro. Mas, em 1964, permanece justamente a questão da pulsão. Em 1975, com Joyce, a resposta é:

"As pulsões, isso é o eco no corpo do fato de que existe um Dizer"



^{5 &}quot;Noue-mination", nomeação que enlaça, sem tradução em português que atenda à homofonia que existe em francês.



(Seminário XXIII). E Lacan acrescenta, explicitando a fórmula:

"Esse dizer, para que ele ressoe, para que ele consone, outra palavra do sinthomasdaquino [sinthomadaquin],⁶ é necessário que o corpo aí seja sensível. Que ele o é, isto é um fato."

A solução é, portanto, o Dizer, e ele depende da relação com o real e dessa identificação especial que não faz parte das três identificações freudianas, que Lacan traz no seminário "L'Insu que sait..." a identificação ao sintoma. Pode-se aplicar aos psicanalistas essa arte-dizer de Joyce que não é senão o eco do Bem-dizer ético: é uma ética do bem dizer suportada pela responsabilidade que sempre é sexual, o que quer dizer que leva em conta a não-relação sexual.

A incidência do fala-ser na conduta e os resultados das curas são avaliados no Passe. Teremos a oportunidade de falar novamente disso amanhã⁷.

E quanto à instituição analítica? Pois, se a psicanálise permanece uma experiência extraterritorial, nem por isso ela está menos concernida pela presença da Escola na cidade. O terreno é um pouco movediço e fonte de conflitos severos...

Um ternário deve se articular aí: político-epistêmico-ético ou políticoclínico-ético do qual é necessário dizer que precisa, inicialmente, de uma retificação permanente da ética que reclama os avanços do saber analítico, substituto da não relação sexual.

Em outras palavras, a ética domina o político e o epistêmico, e ela somente encontra seu lugar ao distanciar-se do discurso do Mestre e de sua versão capitalista, ao afastar-se da recuperação política das instâncias de saúde, que querem fazer da análise uma "terapia avaliada" dentre outras, e ao preservar a dimensão de singularidade (que a psicanálise lacaniana especifica).

Evidentemente a questão do "como" se chegar aí está aberta: a partir de qual política e de quais debates epistêmicos é possível manter junto, ligar, enodar, os "épars désassortis" [dispersos desparelhados]? Eu diria, para lançar a discussão, que os dispersos não estão extraviados e que uma combinação [assortiment] supõe primeiramente que elementos diferentes sejam colocados juntos: é isso que opera a lógica dos conjuntos, e lembro que essa lógica se apoia no conjunto vazio como elemento do conjunto. Uma Escola deve, portanto, ter esse vazio em seu cerne; o lugar desse vazio deve ser aí cuidado. Trata-se de reunir as diferenças em volta desse lugar vazio.

Isso poderia ser a ocasião para não se recair nos caminhos já conhecidos

12 Livro Zero





⁶ Referência a Santo Thomás de Aquino.

⁷ No dia seguinte à presente conferência, Nguyên falou exclusivamente aos membros do Fórum São Paulo.



(o Um da Associação Mundial de Psicanálise) e especialmente naquilo que Freud já denunciava em seu texto "Psicologia das massas e análise do Eu", a saber, a multidão e seu líder, o Um de exceção. Para tanto, a democracia comporta um limite, aquele do todos-semelhantes, todos iguais, enquanto que a análise convoca antes a um "todos diferentes".

Nossa chance reside, para além dos egos e dos escabelos [*escabeaux*] que os sustentam, na causa analítica, no objeto "a", causa do desejo, se quisermos que o gozo se reduza um pouco.

O TRAÇO DE HUMANIDADE

Vocês terão compreendido, pelo fato de que a crise mundial e os efeitos devastadores da financeirização das sociedades, o humano chega na frente da cena, e os psicanalistas, confrontados a esses fenômenos em sua prática e fora de seus consultórios, têm que responder por isso.

Vou me apoiar na escritora Hélène Cixous para formular alguns elementos de resposta.

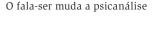
A análise é a experiência que pode trazer à luz aquilo que chamo de traço de humanidade, é o que gostaria de mostrar a partir de dois textos, um intitulado "Volées de humanité" ["Revoadas⁸ de humanidade"] e o outro "Viva a laranja", que relata o encontro de Cixous com o texto de Clarice Lispector.

Volées de humanidade

A questão que esse texto levanta se resume em poucas palavras: o que é que nos primeiros momentos da vida humana inscreve o traço de humanidade? Nesse texto, extraído de "*Croire rever penser*" [Crer, sonhar, pensar], publicado pela editora Campagne, Cixous⁹ escreve:

"Em que somos humanos?", e ela mesma responde: "Naquilo que lemos". Não haveria aqui algo com esse "lemos" que possa interpelar os psicanalistas, já que a leitura daquilo que se inscreve e se diz, sem que o sujeito o saiba, é o pão nosso de cada dia?

Volées não se trata aqui de *vol* no sentido de rapina, mas desse voo que em francês evoca, antes, o voo das aves ou os degraus da escada e, eventualmente, na gíria, a palmada. A humanidade que Cixous escreve não é a







⁸ Em francês, volée pode ser um grupo de pássaros (revoada), os degraus de uma escada, ou ainda uma gíria usada para se referir à palmada (que se dá em uma criança, por exemplo). 9 Hélène Cixous, escritora feminista francesa, crítica literária e filósofa.



dos teóricos ou dos filósofos, ela a aproxima da amizade (philia):

"O amigo é sempre interior, o ser humano aloja o amigo, ele é habitado, assombrado por ele, nós o escutamos, o amigo interior nos escuta pensar, antes mesmo que nos tenhamos aventurado a falar."

Como ser digno do nome de humano sem ter podido "fazer recuar a indignidade, a corrupção, a crueldade, o cálculo, nossas tentações cotidianas?" (p. 23). É necessário ultrapassar aquilo que empobrece cada um: "a covardia daqueles que não querem ver a face cruel da humanidade". Lacan e Freud subscrevem isso, cf. o *Seminário VII* para o primeiro, e "*O mal-estar na cultura*", para o outro.

É necessário ter ultrapassado "a covardia, a tentação interior (...). Esse é o vício supremo, o mais partilhado. A crueldade sem a desculpa do ódio" (Ibid, p. 33).

Cixous avança, então, a figura da mãe e de seu sorriso como possibilidade de inscrever o traço de humanidade: para suportar a violência da vida "é necessário que se interponha este rosto das compaixões maternas" (Ibid. p. 34):

"Je descendais la volée d'escalier, jetée au secours, tandis que montait comme la voix de l'humanité". (Descia os degraus da escada, buscando socorro, enquanto [o rosto e a voz materna] subia como a voz da humanidade...).

Por que essa voz que a chama e por que esse rosto? Porque o rosto é assim apresentado como a primeira figura que ajuda a sobreviver, a clínica nos indica isso frequentemente e a voz, objeto *a* mais enigmático, mas que ocupa um lugar bem grande na última parte do ensino de Lacan, voz e rosto determinam o traço de humanidade. E para Hélène Cixous ele está ligado à leitura, para ela o Outro lê:

"Uma velha (sua mãe) que olha longamente a figura de um livro. É isso o leite da humanidade."

A humanidade se nutre da leitura, sem dúvida, mas aquilo que interessa à análise é fazer emergir este traço que não se apresenta sempre a partir desse modelo.

A HORA DE CLARICE LISPECTOR: VIVER A LARANJA

Isso que Hélène Cixous vai escrever lhe foi revelado pela leitura de Clarice Lispector, leitura que vai reconciliá-la com a vida: "Fiquei errante durante dez anos glaciais, na solidão superpublicada, sem ver um único rosto de mulher humana" (L'heure de Clarice Lispector, 1989, Editions des femmes, p. 49).

Lispector é o dom de um rosto: "ela me mostrou um rosto e eu o vi, ganhei





a vida por esse rosto. Em seguida ela me estendeu um fruto que havia se tornado estrangeiro para mim. (...) Ela leu para mim com sua voz húmida e terna, ela o chamou 'l'aranja', ela a traduziu até minha língua e eu encontrei o gosto perdido da laranja, eu compreendi novamente o que é a laranja. A laranja precisa do calor humano para viver" (Ibid., p. 53).

Perdoem-me pela extensão desta citação, mas ela descreve exatamente a operação que eu gostaria de fazer vocês sentirem.

Ela nos intima a "deixar as rosas crescerem no jardim de seu coração, conhecer o viver (...) seguir o coração" (Ibid., p. 73).

Para se alcançar isso são necessários um trabalho e uma luta:

"O trabalho de des-esquecer, des-emudecer, des-enterrar-se, des-cegar e se des-ensurdecer" (Ibid., p. 79).

"A ideia de ter que repelir a morte, atravessar novamente a raiva e a destruição para ir amar uma folha no meio da vida me desencoraja e muitas vezes eu renuncio, eu esqueço, eu me retiro no esquecimento de viver " (Ibid., p. 83).

Esta introdução da morte é capital:

"Nós não sabemos mais como salvar a vida da morte (...) Nós não temos o lugar interior de pensar a vida e a morte, não temos coragem, não temos a arte de amar a vida diante da morte. Nós esquecemos" (Ibid., p.91).

E ela prossegue:

"De medo em medo nós não ousamos mais viver uma rosa (...), pois olhamos depois do holocausto, depois do massacre das *juifemmes* [mulheres judias], depois do emparedamento vivo das laranjas no mundo inteiro diante da islamização final" (escrito no momento da revolução iraniana, mas que atualidade!) (Ibid., p. 93).

A lição recebida de Clarice Lispector por Cixous: "tocar o coração das rosas: é a maneira de a mulher trabalhar: tocar o coração vivo das coisas, ir viver naquilo que está bem perto, (...) aprender a se permitir doar pelas coisas e por aquilo que elas são no mais vivo de si mesmas" (Ibid., p.107).

O coração vivo das coisas, a análise deve poder operar, para cada um, mas por contingência, essa mutação que liberta o sujeito de sua bolha solipsista e dolorosa. Não há nenhuma dúvida, então, de que por intermédio desse laço social a dois que constitui a análise, ele pode aceder a um novo laço social do qual o amor (no sentido da carta de amor, portanto, do "amur" ou do novo amor de Rimbaud) que não seja ausente, sendo que o temor, o medo e a covardia terão recuado.

Aliás, Lacan já tinha anunciado isso da forma mais clara possível, em



¹⁰ Referência a uma citação de Lacan.



"Kant com Sade", nos Escritos.

"O desejo, isso que se chama desejo, basta para fazer com que a vida não tenha sentido quando se produz um covarde."

Patrick Laupin: o homem impronunciável

Agora gostaria de partilhar com vocês uma frase que descobri em um livro intitulado *L'homme imprononçable* e retomada em outro livro *Des visages et des voix* [*Rostos e vozes*], página 202, livro magnífico de um poeta, Patrick Laupin, cuja escrita não pode falar senão aos psicanalistas. Espero que ela toque vocês tanto quanto me tocou:

"Eles são o poema escrito, que escuta a inaudita transferência do sonho, quase impossível de se dizer, na letra inescrita do coração."

Eles são os mineiros das minas, hoje fechadas, de Cévennes, pequeno maciço montanhoso ao sul da França, aos quais esse livro é dedicado, pontilhado aqui e ali com notas autobiográficas. Capítulos curtos, lembranças que fazem com que ele escreva esta marca particular da vida no fundo da mina, marca sobre o corpo e mesmo, no corpo. O escritor nomeia a marca, o que faz com que se reencontre o traço de humanidade em cada um. Dou a vocês uma passagem curta, mas o livro é recheado delas:

"Sentido austero e nobre, visível no próprio rosto burilado dos mineiros, marcado pelo trabalho extenuante e pela fadiga, que nem o frio e nem o calor esgarçam ou alteram mais, deixando somente marcas profundas, todas em rugas, em sinuosidades lisas que traem a verdade, o tormento. Rostos marcados por toda a doçura humana, moldados por essa humanidade que a preeminência do perigo constante deixa" (op. cit., p. 44, Ed La Rumeur Libre).

"O rosto dos mineiros está coberto por minúsculas tatuagens, minúsculas marcas em forma de estrela, da cor de uma tinta azul rajada, translúcida. É a passagem do carvão no sangue que essa tinta da noite escrita dá em seu corpo." (ibid., p. 65).

Extrair esse traço, tal é a tarefa à qual o psicanalista deve se ater e, quem ousaria dizer que é uma tarefa fácil?

Como não evocar o texto de Lacan, o Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*, no qual, para responder a uma questão que lhe havia sido colocada: "o senhor é um poeta?", ele responde: "Não sou um poeta, mas um poema, e





que se escreve, apesar do fato de que ele pareça ser sujeito".

Ouçam o início da frase de Laupin: "Eles são o poema escrito".

"Quem escuta na inaudita transferência de sonho (songe)."

Aqui, sublinho o "quem escuta", eco do "que se diz" do "*Aturdito*", e vocês, que escutam o oximoro, compreenderão: escuta inaudita daquilo que não é ouvido. Mas, por que não é ouvido?

Não é ouvido porque o transferido era um sonho (*rêve*), um devaneio (*songe*) e, se era um sonho (*rêve*) então, o sentido seria convocado, o sentido de algo enigmático (rébus): ora, o "Se" (do "se" diz) não diz, mas escuta.

Curiosamente "quase impossível de dizer" na vizinhança do impossível, mas ele escreve "quase", o que deixa subentendido, apesar de tudo, uma possibilidade, um dito incompleto que deixa lugar ao dizer: a ausência do dito isola o dizer. Eis aqui o dizer que aponta em direção ao real: a letra, abandono do sentido em benefício da letra que suporta o dizer. O sonho (*rêve*) reduzido à letra, sonho reduzido a R, o real (R-ève).

Essa carta é do coração. O coração, a alma, o amor, o inconsciente, o antidiscurso, a antinorma? É o singular, é o sinthoma. Essa letra é a letra reduzida que se ouvia no sonho (*rêve*).

Mas a letra é inescrita (*inécrite*), o que por um lado não afasta o fato que ela seria ainda por escrever e, por outro, como não evocar aqui aquilo que Lacan imputa ao objeto "a", objeto inominável, irrepresentável, do qual ele diz em *O Avesso* da psicanálise que se ele escreve "a", isso "é apenas o aparelho de nomenclatura". "Na letra inescrita do coração": o sentido se transferiu na letra "a", a causa do desejo, no nível daquilo que Clarice Lispector, na releitura de Cixous, chama de "o coração vivo das coisas".

Escolhi esta frase que tentei esclarecer para vocês pois, incontestavelmente, além do impacto desse dizer, ela encerra seu peso de equívoco: não se apreende numa primeira abordagem aquilo que se transfere, e é esquecendo o enigma do sentido que se percebe tratar-se da escritura, de letra e de gozo da letra: daí se ouve a dimensão de poema que, destacada do inconsciente linguagem nos dá acesso ao inconsciente Real: nesse ponto, o traço de humanidade, marca própria do fala-ser, responde pela dor de existir ao inscrever os hieróglifos da vida.

Tradução: Elisabeth Saporiti



(

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIXOUS, H. Volées d'humanité, in Rêver croire penser autour d'Hélène Cixous, Campagne Première Ed., Paris, 2010.
L'heure de Clarice Lispector, Editions des femmes, Paris, 1989.
FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). in Obras Completas Vol.XVIII. Rio de Janeiro. IMAGO 1974. O Mal-Estar na Civilização(1930[1929]). in Obras
Completas Vol.XXI. Rio de Janeiro. IMAGO 1974.
LACAN, J. O Seminário livro 7, A ética da pscanálise. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1988.
O Seminário livro 17, O avesso da psicanálise. Jorge Zahar Ed.,
Rio de Janeiro, 1992.
O Seminário livro 20, Mais, ainda. Jorge Zahar Ed., Rio de
Janeiro, 1985.
O Seminário livro 23, O sinthoma. Jorge Zahar Ed., Rio de
Janeiro, 2007.
Escritos. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.
Outros Escritos. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003 A terceira, texto inédito.
LAUPIN, P. L'homme imprononçable. La rumeur libre Éditions, Vareilles, 2007.
L'en-Je lacanien, Revue de Psychanalyse, Le parlêtre, n° 11, Éres Éditions, Paris, dezembro de 2008.





Eu falo com meu corpo

Marc Strauss¹

Coloquemos essa intervenção sob os auspícios de uma jovem paciente que, chegando a meu consultório, vocifera sua exasperação para com uma outra que, na sala de espera ao mesmo tempo que ela, falava ao telefone. Por mais que ela tenha suspirado barulhentamente, nada aconteceu; essa outra continuou como se nada estivesse acontecendo. Ela exprimiu com veemência sua indignação, que eu interrompi lhe perguntando por que ela não havia simples e polidamente dado a conhecer seu incômodo a esta mulher, pedindo-lhe para continuar sua conversa no corredor. Ela não só não soube responder a questão, como constatou que essa ideia não havia nem lhe ocorrido... Ela faz questão de manter sua indignação, que alimenta seu fantasma de ser maltratada, mal-amada, e qualquer ocasião lhe é boa para conformar a realidade à esse fantasma. Por que tamanha fixação a isso que se manifesta a ela como insuportável?

A subversão do sujeito pela psicanálise é radical. De fato, com a psicanálise, a definição de sujeito implica um gozo ligado a um objeto até ela, impensado. Este objeto é produzido pela fala que funda e assegura os laços entre os corpos falantes, os fala-seres.

A questão da origem da linguagem não se coloca, porque isto é um fato; ela é consubstancial ao fala-ser. Mas deste fato de linguagem, uma questão se deduz: como, da fala de cada um se extrai um Eu [Je] que nela é sujeito, como diz Lacan no seminário *Encore* (*Mais, ainda*)? É a questão da causa que é aí colocada, a causa da fala, que não é aquela de sua origem, mas de sua função.

Eu falo com meu corpo esta frase de *Encore (Mais, ainda)*, não trata sobre a conversão, em todo caso, não da conversão histérica. Se há aí uma conversão a operar, ela está no espírito, na representação que nós nos fazemos habitualmente de nós mesmos como uma esfera, ou antes um saco, com buracos, ou para dizer de outra maneira, nós nos vemos como um corpo



¹ Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano da França. Analista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.



com órgãos sensoriais que se abre para o mundo e nos coloca em contato com ele. Ao contrário, Lacan vai até afirmar, desde o início de seu ensino e apoiando-se sobre a alucinação psicótica, que isto que se abre a cada um como realidade, inclusive a sensorial, é produto da estrutura da linguagem. E ele se divertiu bastante com o desenho de Freud em forma de ovo em *O eu e o Isso*. Nós não somos sacos, e nosso corpo, nós não o somos, nós o temos.

Nós somos de fato... sujeitos. Sujeitos, porque como falantes nos representamos o que somos, nós temos uma imagem de nós. Para tanto, é preciso falar. Toda uma série de consequências se segue, que fazem o ensino de Lacan. Sujeitos do significante, nós somos crianças da linguagem e por esse fato, nós não temos grande coisa a ver com a natureza. O maravilhoso é que mesmo assim isso funciona, nós nos reproduzimos. Mas para chegar a isso que parece ser a finalidade de tudo que vive, a perpetuação da espécie, para o fala-ser, quantos desvios necessários, e quantos acidentes no caminho! O problema é que, como nós falamos de nós, queremos nos satisfazer e em nenhum caso satisfazer os obscuros propósitos da natureza.

Nós não somos então casados com a natureza, mas falamos, para o melhor e para o pior. É com a fala que o sujeito é casado, uma fala que ele deve fazer sua. Tomar a palavra é o que há de mais difícil, segundo Lacan, para um ser humano, enquanto que para Freud se tratava de se desvencilhar da autoridade de seus pais, em *O romance familiar da neurose*.

Lembremos nossa paciente que prefere suspirar e se irritar a falar. É que para tomar a palavra, esta palavra, o sujeito deve dá-la. Com efeito, só se dá a palavra tomando-a, ainda que seja só para dizer sim. Assim, o sujeito deve implicar seu ser, mesmo quando deste ser não sabe nada. Ou melhor, ele só sabe o que dele pode-se dizer, que sempre é insuficiente porque sempre "de lado", já que são palavras do outro que ele utiliza, a língua do Outro. Vocês o sabem, no seminário *Encore*, no lugar do ser, Lacan propõe o "pare-ser". Na verdade, nenhuma fala chega a dizer o que é o ser que aí se profere. Não há metalinguagem, este ritornelo bem antigo de Lacan já quer dizer exatamente isso. Da linguagem não se escapa, e é isso que faz a linguagem fundamentalmente mentirosa. Mente-se continuamente, pois a fala só existe porque o sujeito se promete outra coisa, que a linguagem não pode dar. Ela promete, nós sabemos dizê-lo assim desde que Lacan resumiu o ensinamento de Freud em uma frase, a não relação sexual. Em vez disso, ela, a linguagem, nos leva ao pior. Qual é esse pior? De maneira geral, é a reprodução de sujeitos aos quais falta a relação sexual, sem que nenhum dentre eles saiba o que o levou lá.

20 Livro Zero







Eu falo com meu corpo, é a retomada lacaniana deste célebre paradoxo de Epimênides, eu minto. Com Descartes, o Eu [Je] estava subdividido em um Eu que pensa e um Eu que é. E Lacan mostrou que contrariamente ao que queria Descartes, não é o mesmo eu, aquele do sujeito e aquele do falante. É o objeto a que os faz iguais.

O sujeito é então mentiroso, mas evidentemente, há mentiras e mentiras: a mentira que se faz aos outros, e a mentira que se faz a si mesmo. Então, quando sabemo-nos sinceros? Podemos cumprir com nossos compromissos, e por meio disso mostrarmos que somos sérios, mas sabemo-nos verdadeiramente compromissados de coração? Na verdade, só se sabe o valor que um objeto tem para nós quando o perdemos. Antes, nós nos aproveitamos dele.

Assim sendo, coloca-se a questão do que vale verdadeiramente para cada um. A resposta parece simples: basta perguntar a cada um pelo que ele seria pronto ao sacrifício supremo, a morte. Nós antecipamos que obteremos algumas respostas, mais ou menos estereotipadas: pronto para morrer por seu filho, seu companheiro, seu deus, sua pátria, sua causa política, sua liberdade etc. Foi preciso Freud para dizer: "Mas o que é isso que você conta? Que bobageira tudo isso! Com seu sintoma que escapa a seu controle e se vê com tamanha evidência, não venha nos convencer que você sabe o que quer e o que, queria ou não, lhe anima... Todas essas grandes palavras com as quais você se adorna vestem na realidade um gozo que lhe faria horror se você tivesse coragem de o olhar na cara".

Decorou-se que Freud tinha desvelado o motivo sexual secreto que se esconde em tudo. Evidentemente é um erro, um desconhecimento ativo na verdade, porque o motivo sexual não horroriza muito tempo, a ninguém. Do sexo, se acha sempre um jeito de rir, como o sabem as matronas romanas que para significar seu desprezo levantavam suas saias exibindo seus sexos. Freud mostrou que o sexual só era uma maneira de justificar aos seus próprios olhos e aos de outros o motivo pulsional. Uma justificativa bem complicada, que passa de fato pela constatação da diferença dos sexos e pela intervenção do pai.

Lacan mostrou que o próprio motivo pulsional já é uma vestimenta, a do gozo de lalíngua. O fala-ser tem um corpo que goza quando ele fala, o corpo ressoa com a fala. Têm-se boas razões para pensar que o corpo ressoa primeiro com a fala do outro, dito maternal, mas em seguida e acima de tudo ele ressoa com a sua própria. O que pode levar um sujeito a tomar a palavra, senão esse gozo de lalíngua que possui o fala-ser? É simples: falar é o meio de gozar de lalíngua...





Evidentemente, falar tem um preço. É preciso passar pelas humilhações do sentido. Tomar a palavra é a instituição da demanda, sempre particularizada. Particularizada pelos estágios biológicos, imaginaram os primeiros psicanalistas, alunos de Freud. Lacan mostrou que essa particularidade era gramatical. O estágio oral é a demanda ao outro. É se colocar à mercê do outro, seja a mãe para com o filho ou este para com a mãe. O estágio anal é a demanda do outro, à qual pode subtrair-se, dizer não. Essa tomada de sentido desconhece, recalca o gozo de lalíngua, que escapa ao sentido como ao controle; mesmo ao controle do fantasma, que é a colocação em cena de um gozo sempre parcial. Diante do que faz sentido para ele, o sujeito experimenta então o mal-estar de sua mentira, e ele é sempre ameaçado de ser negado por ele mesmo, por seu sintoma. Tal ameaça toma a forma do que para ele é impossível suportar, que então representa o pior. É algo diferente para cada um. Aqueles que leram 1984, de Orwell, se lembram da sala 101. O herói Winston é ali confrontado com ratos que querem devorar seu rosto e somente nesse momento ele abandona Julia, seu objeto de amor, que ele nunca traíra anteriormente, apesar das torturas que sofreu.

O que a psicanálise nos ensina, ou melhor, nos permite explicitar esse fenômeno clínico sempre constatável: o laço entre o amor e o pior. Freud enunciou as razões de se amar, narcisistas; se ama aquilo que se é, que se gostaria de ser etc. É preciso acrescentar que se ama sempre alguém que é capaz de fazer você viver o pior, quer dizer, de deixar você sem voz. Todos nós sabemos o efeito traumático dos mal-entendidos nos laços de amor desde a infância até idade adulta.

Não querer ficar sem voz é querer dizer... "Encore". Ainda, é o que se diz que é feito sujeito do fala-ser. É o que ele diz sempre, o que quer que ele diga mesmo que não seja uma demanda. O que mais ainda? Ainda bater o significante, como se diz bater um jogo de cartas e também ainda bater e se fazer bater pelo significante, como se diz bater em uma criança.

Bater, ser batido pela sorte, pela morte, por seus pais, por seu companheiro, seu rival, é o essencial da atividade dos fala-seres. Freud o desenvolveu, com o fantasma "Uma criança é espancada", pelo qual o sujeito assegura-se do amor do outro. Ser batido o assegura de ser o objeto do outro, enquanto que a declaração de amor é, como toda fala, suspeita e não garante contra a solidão. Novamente, referindo-se à nossa paciente, que não deixa escapar uma ocasião de se sentir batida. O problema é que a sexualidade, que supõe o consentimento do sujeito na perspectiva de um prazer, como aliás qualquer outra atividade que coloca em jogo o prazer, tem necessidade deste fundo de fustigação, que se apresenta como um desprazer. Daí,



sempre, o pior como sombra do prazer sexual. O pior que cada um em um casal permite ao outro imaginar, e algumas vezes viver. Para cada um, a aliança do melhor e do pior se faz sobre as duas faces do mesmo objeto, numa continuidade moebiana. Atenção então à "prevenção" em nome do bom senso. Nós sabemos bem que se convencermos uma mulher batida, ou um homem batido, esses existem também, de deixar seu companheiro, eles não terão nada de mais urgente do que encontrar outro que os bata ao menos o mesmo tanto.

Foi preciso um Sade para sustentar que ao se colocar sem desvio ao serviço da natureza nós seremos mais do que satisfeitos. Uma maneira radical de tratar a questão do mal pelo pior, num momento em que o mal se tornava o único foco dos homens, com a Revolução Francesa, a decapitação do rei e a instauração do laicismo da República.

Mais seriamente, Lacan, no início do Seminário "...ou pior", nos diz qual é o verbo que não está enunciado na alternativa: "Dizer".

Como nós vimos que esse dizer diz *Encore*², será que o saber muda alguma coisa na relação do sujeito com o pior, com seu pior?

Fundamentalmente não, já que dizer é sempre querer dizer "Encore". É o que diz explicitamente Lacan no seminário: "Porém aqui está, não é possível que eu não possa fazê-lo, esse pior. Exatamente como todo mundo".

Isto posto, podemos acrescentar que dele conhecer a função lhe restitui sua dimensão de comédia. Por exemplo, a comédia que interpreta (*joue*) nossa paciente que prefere suspirar, e que só tem de tragédia a forma que ela acredita ter de se impor, a ela e aos outros, para existir.

Tradução: Luciana Guarreschi

Revisão: Luc Matheron

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919), in Obras Completas, Vol. XVII, Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909 [1908]), in Obras Completas, Vol. XI, Ed. Imago, 1974.



² Encore homofonicamente em francês: no corpo.



FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923), in Obras Completas, Vol. XIX, Ed.Imago, 1974.

LACAN, J. O Seminário livro 20, Mais, ainda. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1985.





24 Livro Zero



Articulação do passe e o fim da análise: marcos e atos¹

Pedro Pablo Arévalo, AE (2014-2017), FCL de Venezuela

Com esta exposição desejo mostrar a articulação dos eventos chaves que marcaram o passe e o fim da análise, o papel de causa que jogou o desejo do analista e a dinâmica do processo, a dialética entre analista e analisante, entre o dispositivo e o fim da análise, e entre o Eu e o sujeito do inconsciente.

I. Antecedentes analíticos

O sujeito começou a análise aos trinta e quatro anos com um analista lacaniano em Maracaibo. Para este então ele trabalhava como gerente em uma filial da Petróleos da Venezuela. Mais que um sintoma, uma doença ou um mal-estar específico, vivia *desde sempre* com múltiplos e severos sintomas e dificuldades subjetivas, como fobias, vício do trabalho, interminável busca de êxitos, conflitividade familiar e no trabalho, manias obsessivas, atos compulsivos, repetições *problemáticas*, dúvida crônica e múltiplas doenças corporais, entre **muitos** outros. Com aquele analista esteve durante um ano, e fez a entrada em análise, mas teve que suspendê-la ao se mudar para uma cidade afastada de tudo. Dois anos depois mudou-se para Caracas e lá retomou a análise com outro analista lacaniano, e a suspendeu dois anos depois, insatisfeito com os resultados. São aplicáveis as palavras de Colette Soler em *El fin y las finalidades del análisis*: "A detenção não conclusiva é um efeito da frustração" (2013, p. 14).

Ponto de interesse é que com a mudança para Caracas em 1988, se fez assíduo assistente a seminários e outras atividades de ensino da psicanálise lacaniana, mesmo que desde o princípio e até o atravessamento da fantasia,² muitos anos depois, sempre à margem. De fato, até poucos anos atrás nunca teve o pensamento explícito de exercer a psicanálise, possibilidade visualizada a partir do imaginário e bloqueada pela fantasia.



¹ Este texto contém parte do material apresentado nas entrevistas do passe. Versões prévias foram compartilhadas no Fórum da Venezuela (Valência e Caracas) no final de 2014 e na Il Jornada sobre o passe organizada pelo Fórum de Pereira. Colômbia, em fevereiro de 2015.

² Neste trabalho utilizarei o termo fantasia para me referir à fantasia fundamental, ainda que entenda que em português se usem tanto fantasma como fantasia.



Três anos depois da suspensão da análise com o segundo analista, ao cumprir cinquenta anos, optou pela aposentadoria prematura de uma organização de consultoria gerencial, empresa mista de duas grandes corporações. No ano seguinte começou um terceiro e último período de análise, com uma analista do Fórum. Este durou uns nove anos, com algumas suspensões de vários meses, e concluiu em fim de análise. Durante os primeiros anos foi se dando o tratamento do real com o simbólico, o progressivo esvaziamento de gozo, o deciframento do inconsciente e a lenta construção do fantasma, com o consequente alívio terapêutico gradual, como geralmente dizemos na psicanálise, *o que vem por acréscimo*, e os consequentes efeitos subjetivos.

II. Começo do atravessamento da fantasia

Em 2009, o analisante viu-se envolvido em um trágico acidente que derivou em um processo legal de mais de três anos e que teve severas implicações para sua integridade física, com um longo e doloroso período de recuperação e três cirurgias.

Um ano depois do acidente tem um primeiro momento de atravessamento da fantasia, formulado então como *Sou a vergonha de minha mãe*. Tinha trabalhado durante anos, e havia desenvolvido versões sumamente elaboradas e extensas, mas só esta versão condensada resultou eficaz. Várias formações do inconsciente tinham precedido este rito analítico. Delas ressaltam duas:

- Primeiro, um sonho em que a analista, que está sentada, tem umas chaves em forma de Cristo entre as pernas. No sonho diz a si mesmo uma frase enigmática: Tenho medo de que perca uma chave que não tem. Interpretação: o enigma que causa o gozo se origina no sexual, e sua solução passa pela análise.
- Em um segundo sonho em que aparece um clipe em forma de pernas nuas de mulher, é dizer um *clipe-tóris*, *un clitóris*, o qual une a esfera dos idiomas, refletindo tanto seu gosto por aprendê-los, como sua coragem (no espanhol da Venezuela *ter bolas* é *ter coragem*). E umas capas ou lâminas protetoras, codificadas: seus livros, o saber. Aparece um dedo apontando o mapa, e o sujeito diz: *meu dedo pênis sou eu*. Interpretação: o centro de todo seu mundo, seu princípio ordenador, é a mulher, o *eros*.

Outras formações seguiram a este primeiro momento de atravessamento da fantasia:

Livro Zero







- O sonho do redemoinho. No sonho se veem tratores, galpões, casas, árvores, animais girando no ar como um grande redemoinho. Deixam de girar e se acomodam no chão suavemente, sem se destroçar, com uma reacomodação geral. Há um ancião carrancudo. Tem que salvá-lo ao próprio risco. Infinidade de folhas de hayacas³ como folhas de livro, úmidas, vão se colocando suavemente sobre uma pequena colina ou túmulo, e se secam. O ancião ondulava como bandeira. Interpretação: reacomodação subjetiva geral por este primeiro atravessamento da fantasia. Anos depois compreenderia que tanto o ancião como o pequeno túmulo representavam seu pai, que ainda não estava por assim dizer "bem" posicionado (respeito ao inconsciente) na formulação da fantasia.
- O sonho do edifício-roleta. Em um segundo sonho vê a parte superior, o topo de um edifício de base ovalada; e é como uma pista de atletismo, de corrida. O edifício começa a girar, como se fosse uma maciça corrente giratória, no sentido contrário ao das agulhas do relógio. A força da corrida ou giro empurra as coisas para dentro, não para fora, como ocorreria na realidade. Absorve-as ou aspira para o centro e ao fundo, onde se abre um vazio de vários andares, para um imenso jardim ou pátio interior (a força do falo). Há várias cenas de angústia, ansiedade, se movimentando dentro do edifício, no "olho do furação". Logo que a "roleta" se detém, as casas ao redor da pista estão quietas, tranquilas, reacomodadas. Ao final, depois do segundo torvelinho (a segunda volta), ele vai embora, abandona sua casa, seu edifício (quer dizer, se afasta do poder do falo), junto a uma mulher jovem. Interpretação: de novo uma reacomodação subjetiva geral, mas ainda não se atreve a confrontar o falo.
- Naquele momento pensou que aquilo era tudo, atravessamento do fantasma e fim da análise, conceitos dos quais sabia muito pouco; e como reação por demais impulsiva, marca de toda a sua vida, solicita o passe. O faz em Roma, por ocasião do II Encontro Internacional, aproveitando que estavam lá as integrantes da Secretaria do Passe. Em tal ocasião ocorre uma formação do inconsciente que marca o evento analítico.



³ A hayaca ou hallaca é um prato típico do Natal na Venezuela. Consiste de uma massa de farinha de milho recheada com sopa de carne de vaca, porco e galinha ou frango, à qual se acrescentam azeitonas, uvas passas, alcaparras, pimentão e cebola, envolvida de forma retangular em folhas de banana-da-terra (a verde) para finalmente ser presa com pavio ou mecha e fervida em água.



• Um significante inserido: o esquecimento da penna. Logo em seguida a uma apresentação, entrevista-se com uma integrante da Secretaria do Passe. Ao terminar sai andando, mas depois de poucos passos volta-se por qualquer coisa que pudesse ter esquecido. Vê no chão uma caneta e diz para si mesmo em voz alta: ah, veem que eu sim deixei algo? Deixei a penna. Diz a frase tal qual em espanhol, mas inserindo uma palavra em italiano, penna, que quer dizer caneta, pluma; e que dita essa frase em espanhol, porta um significado especial: ah veem que sim deixei algo? Deixei a vergonha. E também deixei a pena, deixei o castigo. Além disso, penna é como pena, e esta ao mesmo tempo como o feminino de pênis... é como o reverso do fantasma: sou a penna de minha mãe. Sou o "pênis" da minha mãe, suas "bolas" (sua coragem)... como nota à margem, seria interessante explorar a denegação implícita.

A solicitação do passe foi aceita e o processo transcorre, já depois do evento, até sortear os passadores e marcar as entrevistas, que se efetuariam em 2011. No entanto, em janeiro, se vê forçado a suspender o passe, devido à ativação do processo legal antes mencionado, o qual estava em estado latente. Cabe mencionar vários acontecimentos singulares ocorridos entre a decisão de solicitar o passe e sua suspensão: (1) um lamentável desencontro com uma figura intelectual de grande transcendência pessoal; (2) um sequestro à mão armada enquanto andava em um encontro casual com uma jovem casada; e (3) uma cirurgia de quadril depois de um doloroso, prolongado e fracassado esforço de recuperação. A mesma ativação do processo legal era um evento previsível. É como se com isso todo o inconsciente tivesse falado. A insistência da cadeia significante?... Mesmo assim, nem todos foram eventos "negativos". Para aquela época começou uma relação conjugal estável, na qual pôde sustentar o desejo, e que não terminou com a fuga, estrutura fundamental de repetição. Até então o impacto do desejo era de tal magnitude, que não podia suportá-lo, o que fazia que não pudesse sustentar as relações, ou que mantivera relações nas quais podia haver excitação, mas não desejo. Por uma razão ou por outra, por toda a vida andava então de relação em relação.

O processo legal finalizou quase dois anos depois, e com ele um dificílimo período de mais de três anos de aproximação da morte em diversos sentidos, medo de perder a capacidade de caminhar, ou a liberdade, ou os bens, e sentimento de culpa (os fatos demonstram e as instituições confirmam, mas cego, surdo e implacável juiz é o Supereu).







Visto a distância e da perspectiva que dá o fim de análise, é de pensar que aquele tão difícil período o sensibilizou e potencializou ao máximo seu espírito de luta, condicionando-o de alguma maneira ao desenlace da análise, que de outra forma talvez teria derivado em uma detenção não conclusiva por cansaço.

III. NA ORIGEM DO FIM DA ANÁLISE, A EMERGÊNCIA DO DESE-JO DO ANALISTA

Pouco depois de terminado o processo legal, andava o então analisante pelos caminhos solitários de Cerro El Ávila, linda montanha ao norte de Caracas, em uma de suas longas caminhadas de então (uma grande conquista, considerando que dois anos antes apenas podia dar uns passos ajudado por uma bengala); e em um cruzamento de caminhos conhece uma mulher de uns quarenta e cinco anos, formidável caminhante, cuja extrema magreza chamava a atenção: todo um enigma que semelhante "fragilidade" suportara aquela tremenda energia e resistência. Após conversar um pouco sobre os diversos caminhos na montanha decidem prosseguir a caminhada juntos por iniciativa dela e com pouco entusiasmo de sua parte; e sem pensar se deram umas circunstâncias de exceção que propiciaram a emergência do desejo do analista. Esta mulher falava profusamente de coisas cada vez mais íntimas, de maneira irrefreável. Ele, pela sua parte, andava taciturno em suas reflexões sobre o terrível período recém-terminado, derivado do acidente e do processo legal. Na solidão daqueles caminhos se deu sem pensar uma associação livre, uma destituição subjetiva e uma atenção flutuante apenas marcada de sua parte por alguns uhum, aham, hmm e algumas breves palavras mais de cortesia que de interesse, mas que sem se propor iam estabelecendo laços entre fatos, recordações, pensamentos e efeitos na vida da caminhante, o que se fez o tema quase único de sua conversação. De mútuo acordo fizeram muitas outras caminhadas de várias horas por diferentes caminhos, sempre solitários e tranquilos, por uns quatro meses. De maneira espontânea se deu que foi tomando seu irrefreável falar de uma maneira similar a como tomava o seu próprio em sua análise de tantos anos. Quer dizer, colocou em jogo inadvertidamente um hábito quase automático desenvolvido em suas sessões de análise com suas próprias palavras. Começou a tomar nota mental dos significantes, a fazer interpretações, e a vincular com o enigma que fechava aquela mulher. Lembra em especial uma interpretação que, pode observar posteriormente, provocou um perceptível



movimento subjetivo. Descendo do Ávila em uma cabina ela diz, referindose a seu pouco peso, que não importava onde se sentasse: É que eu não faço contrapeso, e sem pensar ele repete suas mesmas palavras, sem vê-la: é que eu não faço contrapeso. Terminaram a travessia em completo silêncio, e logo se despediram sem nenhuma referência àquelas palavras.

Obviamente, com as sucessivas caminhadas foi se dando conta do que estava ocorrendo, tinha comentado com seu analista, e gradualmente começou a atuar mais conscientemente. Lamentavelmente isso o fez errar mostrandolhe seu desejo de analisá-la (o único que até então lhe havia deixado ver), e ela com sua clara estrutura histérica, respondeu afastando-se, e já não pôde reconstruir a impredizível circunstância. Deixaram de compartilhar as caminhadas, mas meses depois voltou a encontrá-la em um daqueles perdidos lugares, e não pôde deixar de observar que sua magreza tinha deixado de ser extrema; havia recuperado suas formas femininas, e mesmo que então falasse com cautela, evitando o tema pessoal, se transparecia um claro relaxamento nas relações de trabalho e pessoais em geral.

No que diz respeito ao advento do analista, aquela circunstância tão especial significou a emergência do desejo do analista, de seu particular desejo como analista. Obviamente, não se está falando de um desejo subjetivo qualquer, nem da função desejo do analista (mesmo que esta tenha sido posta em jogo pela enigmática caminhante), menos ainda do desejo do ser analista (paradoxo desejo, que procuraria ser o que não é mais que um des-ser). Está se falando é do que moveu aquele analisante a ocupar, sem se dar conta, da posição de analista em que aquela mulher lhe colocou, naquela singular circunstância fortuita. Especificamente, era o enigma preso naquela mulher, refletido em sua extrema magreza, e falado por sua história e significantes, o que o movia. Não é este o momento de se estender sobre este crucial ponto teórico do desejo do analista nesse sentido, o qual foi apontado por Lacan em diversos momentos de seu ensinamento. Por exemplo, no Seminário 11, no parágrafo final: "O desejo do analista não é um desejo puro. É o desejo de obter a diferença absoluta" (1964a, p. 284). E esta outra, tomada do escrito Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista: "qual pode ser então o desejo do analista? Qual pode ser a cura à qual se consagra?" (1964b, p. 832). E dali mesmo: "[...] é o desejo do analista o que, em último termo, opera na análise" (Ibid., p. 833).

Aquelas caminhadas viram a emergência do desejo do analista, iniciaram a passagem do analisante a analista, um passe em ato, e marcaram um ponto crucial do desencadeamento do fim de análise.

30 Livro Zero







IV. O DESEJO DO ANALISTA OPERA COMO CAUSA

Este desejo, posto assim em jogo, lhe deu um tremendo impulso analítico: começou a operar como poderosa causa, começou a causar a análise. Àquela mesma época encontra-se com uma mulher de uns cinquenta e seis anos, que fora sua empregada e era presa de uma marcada depressão, quase uma melancolia, e lhe diz para ir ao seu consultório, coisa que não tinha. Seu segundo analista tinha seu consultório no estúdio de seu apartamento, pelo qual lhe resultou natural acondicionar assim o seu próprio. Duas poltronas, um sofá convertido em divã, uma mesinha e uma grande janela de lindo panorama conformaram seu improvisado dispositivo. O melhor que pôde, agora a plena consciência e sob supervisão, começou a exercer como analista. Pouco a pouco foram chegando novos pacientes. Uns meses depois a analista responde ao emergente e sustido desejo do analisante recém-tornado analista com um movimento dialético. Diz-lhe que torcia pela chegada de um novo paciente para encaminhá-lo. Respondeu com o silêncio, mas sem contar o impacto subjetivo e o poderoso impulso que lhe deu, com todas as dúvidas imagináveis: Falaria sério? Ou dizia só para estimular-me? Me estará enganando/provocando?

As formações do inconsciente não se fizeram esperar, refletindo a aceleração do trabalho do inconsciente e anunciando a resolução da análise.

- Uma fantasia ou sonho diurno. Está em sua casa, no cair da noite, fazendo exercícios. Refletem-se no vidro de uma janela em frente a ele umas sombras na tênue luz que vem da sala, posicionada atrás dele. Umas sombras que o veem. São sua mãe (severa), e seu pai (benévolo). São os dois. Afastam-se. Interpretação: uma tentativa de síntese das figuras paterna e materna dentro de si.
- Sonho da caneta (la *penna*) no fundo da piscina. Sonha com uma piscina profunda. Cai a caneta e deve buscá-la na água, que deveria estar suja (e lhe dar asco), mas na verdade está limpa e cristalina. Há no fundo um desaguamento "ao alcance de sua mão". Caneta, pluma, *pen*, pene, *penna*, pena... Interpretação: o erotismo (*penna* pênis) e o trabalho (*penna*-caneta) estão ao seu alcance, é ele quem os mantém afastados, inacessíveis.







- Sonho do poste que não podia soltar. Um poste que balança sobre sua mão, mas que não estava fazendo nada. Era um poste muito leve e alto, que não cumpria nenhuma função, mas tinha medo de que caísse, e por isso continuava segurando. De repente, ao cair, não ia acontecer nada... mas ele tinha temor de que si caísse algo ruim ia acontecer. Interpretação: o fantasma e a análise estão perdendo sua função, mas tem medo de deixar cair.
- Sonho de fim de análise. Seu segundo analista está em uma cadeira de rodas sumamente envelhecido e deteriorado. Acabado. Interpretação: o analista resíduo.

V. Um sintoma fora de controle e atravessamento da fantasia (segundo *momento*)

Pouco depois, impulsado pelo desejo do analista posto em jogo em sua nascente clínica, as mensagens do inconsciente e o movimento dialético da analista, o analisante recém-advindo analista se propõe enfrentar o sintoma, o seu sintoma central, último ou transcendental, examinando suas condições, recreando-as, afrontando-as, o que disparou uma fortíssima e inesperada resposta do inconsciente. Sobre esses dias escreve:

Eu queria desarticular, desativar, desarmar o sintoma, e o sintoma quase me desarma. Se está disparando com insuportável frequência e em qualquer inesperado momento ou em situações inéditas, por dizer de alguma maneira. Acho que isso se deve a que estou relaxando as barreiras que tinha estabelecido como defesa, o que me faz aproximar "perigosamente" do outro. É muito difícil manejar este assunto, mas acho que não posso evitá-lo se quero desarticular o sintoma. Ou estou me impondo um impossível? O que ocorre? Possivelmente a aproximação ao proibido, desejado e temido faz que se dispare o mecanismo de defesa. As barreiras, as máscaras, os papéis, os investimentos me permitiram enfrentar o sintoma, administrar as dificuldades e progredir na vida. Estou em um dilema. Se continuo adiante tirando barreiras, me enfrento ao evento desatado do sintoma. Se abandono, sinto que me abateria a sensação de fracasso.

32 Livro Zero







Este foi o ponto crucial que desencadeou o fim de análise. Assim, em plena luta com o sintoma, em uma sessão de análise, ele vai pronunciar pela milésima vez sua versão do fantasma e tem um *lapsus*: em vez de dizer *Sou a vergonha da minha mãe*, diz *Sou a vergonha do meu pai*. Imediatamente se dá conta, ri, comenta e ele mesmo suspende a sessão. **Acabava de atravessar o fantasma, em um segundo momento**. Até aquele momento, então, não compreendia que tinha deixado fora a metade. Saiu do consultório e foi até seu carro, mas não fez como sempre, que saía de imediato a fazer múltiplas coisas que sempre tinha pendentes, que o pressionavam, angustiavam, atormentavam. O peso de tudo caiu, e simplesmente começou a rir a gargalhada limpa. Tinha atravessado à plenitude o fantasma, e agora via de fora, de outro lado. Essa mesma noite fala o inconsciente:

O sonho dos três analistas. Neste sonho ele conversa com o segundo analista, com quem esteve em análise por vários anos, e que é ou era cabeça de um grupo lacaniano em Caracas. Falam cordialmente. Este analista lhe apresenta desculpas por não haver passado por sua casa e diz: Na verdade, sim, podia ter passado. Ele lhe responde: ah, ok, mas tudo bem, na verdade também eu poderia ter passado por aqui. Logo, no mesmo sonho, fala com outro analista, cabeça de um segundo grupo lacaniano local, e falam sobre sua terceira e última analista. O sonhante lhe comenta que está em análise com ela. Este outro lhe diz: ah, bom... e lhe faz alguns comentários elogiosos sobre ela. Logo está com esta última, sentado frente a frente, como geralmente terminam sendo as sessões de análise. Tinha o analisante ao seu lado direito, no chão, uns objetos como tijolos que tinham saído dele, uns blocos maciços de gozo, amarelo, como uma gordura solidificada, viscosa libido. Dava-lhe algo deixá-los ali, na casa da analista. Era sua casa, mas não era sua casa; era mais como "sua" casa da sua família paterna, e ela não era ela, era sua avó T., sua avó de carinho. Perguntava-lhe: e o que faço com isso? E a analista lhe responde: você verá o que faz com isso. Sua interpretação do momento foi: caída do Outro, autorização como analista e inquietude pelo desconhecido, pelo depois do fim. Quase dois anos mais tarde, recorda o sonho e vê outra interpretação, também válida e muito poderosa: a conversação com o primeiro analista é uma reconciliação com o pai. A conversação com o segundo é outra, desta vez entre as imagens materna e paterna.







• Na noite seguinte, outro sonho de final, muito sintético: o sonho onde falha. Está onde há uma analista, uma analista qualquer, borrada, indefinida. Uma sessão sumamente curta, praticamente umas palavras. De repente ele diz *falho*, e a analista corta aí, e sente que queria falar mais, que ficava mais por dizer. Interpretação: toma-o como seu próprio convite a assumir a falha, quer dizer, a castração.

Nos dias subsequentes cai em uma espécie de depressão, de luto. Algo na análise havia caído. Mistura-se com a assunção de outra perda mais ancestral. Era o luto pela morte do pai, ocorrida quarenta e cinco anos atrás. Esteve duas ou três semanas em um estado como aplanamento ou inanição emocional e intelectual.

Naqueles mesmos dias foi uma noite lá pelas dez buscar um livro na casa da analista. Havia-lhe dito que não importava a hora. No breve instante em que se viram observou que, àquela hora em que havia suposto que ela estaria cansada e a ponto de dormir, estava trabalhando no computador. Disse para si mesmo: quero essa transferência de trabalho para mim. Poucos dias depois se encontrava presa de uma voracidade leitora como não havia conhecido jamais em sua já longa vida de pessoa estudiosa. E mais que a intensidade, era o desconhecido prazer em fazê-lo. A analista volta a falar, a referir-lhe a um paciente, sem concretizá-lo. Já se fazem menos perguntas, já lhe inquieta menos.

Por esses dias decidiu fazer o passe, de novo sem pensar muito.

VI. Em direção à conclusão. A dialética das forças em jogo: a analista, o analisante, o passe, o fim da análise, e Eu e o inconsciente.

Dois meses depois, um novo movimento da analista: refere-lhe um paciente! Parafraseando a uma colega de Buenos Aires: *Que maneira de causar!* (2014, p. 2). E na origem de toda aquela dialética de conclusão da análise, o emergente desejo do analista. A nascente prática foi crescendo de pouco em pouco, com indicados da consultoria gerencial, médicos, amigos ou simples conhecidos. E sempre o desejo do analista movendo, causando. E dia a dia ia se incorporando a vivência da prática, sessão após sessão.

Os efeitos se projetam também até sua posição no Fórum e na Escola. Pela primeira vez em muitos anos se insere de maneira ativa: assume a direção de *La Azotea* (*A Açoteia*), a publicação do Fórum da Venezuela,







toma a iniciativa de traduzir o livro *Lacan sans peine*, de Corinne Maier (2002), se compromete a apresentar no Colégio Clínico de Caracas vários textos fundamentais como *A subversão do sujeito e a dialética do desejo* (não imaginava o nível do desafio), *A direção da cura e os princípios de seu poder*, e o *Seminário 6 – O desejo e sua interpretação –* (LACAN, 1960,1958 e 1958-59, respectivamente), entre outros, e se ocupa de resolver a questão do local para a sede do Fórum em Caracas.

Comentário à margem: é de mencionar a enorme diferença do estudo da psicanálise lacaniana a partir da perspectiva que dá o fim de análise e a passagem do analisante a analista, quando tomaram vida conceitos fundamentais como o atravessamento da fantasia, a retificação subjetiva, a assunção da castração ou a destituição subjetiva, entre muitos outros.

Continua a análise, já perto de seu fim. Em uma sessão integra "sem querer" o primeiro e o segundo momento de atravessamento da fantasia, dizendo *sou a vergonha de meus pais*, o que produz um novo efeito de reacomodação subjetiva.

Em paralelo, o passe prossegue o seu curso. Em meados de julho sorteia e contata os passadores. Algumas leituras feitas a partir da perspectiva do final foram particularmente relevantes, mesmo que o passe não se trate de uma prova epistêmica: a *Proposição de 9 de outubro de 1967*, a *Carta aos italianos*, o *Seminário 20*, e vários outros. E enquanto lia, escrevia sobre sua análise. Melhor dizendo, integrava e lhe dava forma ou estrutura às centenas de notinhas que tinha reunidas desde anos atrás (*a letra fixa o gozo*). Com a leitura dos textos sobre o passe e o fim de análise, e a escritura pensando nas entrevistas do passe, prosseguiam simultaneamente a análise, já próximo a seu final, e a florescente prática.

Seguem as formações do inconsciente: uma fantasia, em meados de agosto, que reflete a passagem de analisante a analista:

Chega a uma sessão de análise. Ao passar, se entreabre uma porta no fundo, e ali há uma pessoa, um analisante... Se vê como em um sonho: sou eu esse que está ali?... Mas, o que é que eu faço ali?... Enquanto pensa, passa... a esperar em um entre-quarto, à direita do corredor de entrada. Minutos depois passa ao fundo, ao sair a pessoa que estava ali. Já para finalizar a sessão alguém chega (vê sua sombra de baixo da porta), a analista sai e fecha a porta da sala de onde está. No momento em que ela abre a porta de entrada, se





entreabre de novo a porta do fundo, onde está, e vindo em direção à porta, diz: *ali estou eu, me olhando da porta. Mas também estou na sala, me olhando na porta*. Fecho a sala, mas a fantasia está completa, e o inconsciente trabalhando... (ARÉVALO, 2014, p. 63).

Esta fantasia lhe fez recordar *As Meninas*, de Velázquez, *As Meninas* como encenação da destituição subjetiva.

• As Meninas desde dentro... [a partir do espelho do fundo] e desde fora... [a partir do lugar do observador que vê o quadro, que é o ponto onde estão os reis que estão sendo pintados por Velázquez, representado a si mesmo no quadro]. Quer melhor encenação da destituição subjetiva? O espectador se olha no espelho do fundo, e o espelho do fundo é ele mesmo, que igualmente lhe olha... (Idem). O olhar, o meu objeto pulsional por excelência, perdido o poder de sua brasa e seu vazio, fica pendurado de singular trança significante, preso do olhar da infanta Margarida, precioso brinquedo dos Habsburgo. Olhar este que já não diz nada, mas que é um nada que nos oferece o inestimável sem-sentido do estar no fundo ou na entrada (Ibid., p. 64).

VII. Uma sessão sem pagamento

Nesses mesmos dias, outro movimento da analista. Pela primeira vez em todos os seus anos de análise o analisante se esquece de pagar a sessão. Envia-lhe a analista uma mensagem a respeito, e imediatamente esta lhe responde: *Tranquilo. Hoje não ia te cobrar...* Esse movimento de enxadrista lhe fez escrever duas páginas analisando aquela "inofensiva" mensagem. Tentava explicar a ação da analista: é um prêmio por estar fazendo algo pela Escola, ou um convite a dar por finalizada a análise, ou uma cortesia (mas não cabem cortesias na análise) ou é uma ação para ver o que acontece... Ao final deixou de lado as possíveis explicações. Mas voltemos ao esquecido que motivou a mensagem da analista, **esquecido que cobra nova valoração e maior peso depois da mensagem**. O analisante esqueceu de pagar a sessão. Aonde seja, uma formação do inconsciente. Possíveis significados desde o inconsciente: *Passei de analisante a analista... já não estou em análise, esta não é uma sessão de análise, é uma conversa entre colegas*.

Por outra parte: Foi uma "sessão" ou uma "cessão sem pagamento"?... E em tal caso, quem lhe cede a quem? O que é que se cede, o resto? Ou será o



Livro Zero







"bastão de mando" do analista? E quem cede ante a que?... O sujeito ante o seu desejo e seu gozo. Ou o sujeito ante a impossibilidade, ante a castração? Como dizem na esgrima, e pensando no sujeito do inconsciente: Touché! E também: Chapeau!

- Essa noite **sonha com dois cavalos, pai e filho**, que estavam presos em corais. De repente soltam (ou se solta?) ao pai, e o potro também se solta, logo de uns vacilantes saltos iniciais. Desce de uma pequena altura e começa a correr ao redor de uma esplanada. Quando os cavalos se soltam, sente uma marcada sensação de liberdade. Ao final do sonho aparece a analista e lhe diz: *Você vê Pedro Pablo? Você entende, Pedro Pablo?* A mensagem da analista no sonho (que obviamente é o analisante mesmo) se apresenta como uma mensagem cifrada, que não entendeu naquele momento. Como o vê hoje: deixando ir a seu pai, soltando a seu pai, liberta-se ele mesmo.
- Na noite seguinte tem um sonho chave, um sonho integrado de análise e passe. Está sentado em uma cama em um quarto de hotel. A seu lado uma sacola grande de plástico transparente, dentro da qual há toalhas de cor pêssego e lençóis brancos, ambas usadas (usadas, mas não sujas). Não só as usadas por ele senão também as de outros hóspedes, que não estão presentes, mas estão assumidos, supostos (em certo sentido estão ausentes, mas estão presentes). Também está a analista, que entra e anda em funções de trabalho, como coletando ou recolhendo as sacolas de toalhas e lençóis usados. Ela diz a ele que haverá uma eleição ou escolha de toalhas e lençóis. É algo que ele procurava, mas que ao saber o toma como desejável ou, melhor, o deseja. Isso é interessante, porque nem sempre o que se procura se deseja. No sonho pensa que, se a analista tivesse que falar algo com o dono ou gerente do hotel, qual seria nesse caso sua atitude diante dele? Bom, no sonho pensa nessa situação, e se responde que não o faria como uma subalterna a seu chefe (ou mais bem ao chefe do chefe do chefe...), senão com sua habitual desenvoltura, muito como um igual. Associa esse sonho com o passe e o fim de análise. As toalhas e os lençóis apontam ao resto de gozo, o seu e o de outros passantes e/ou analisantes em fim de análise. E apontam aos testemunhos. A escolha é o desenlace final do passe (nominação ou não). O enigmático da analista no sonho aponta a que a transferência ainda seguia







operando. Sua postura imaginada de desenvoltura ante o dono ou gerente do hotel (a Escola), claro representante do Outro, é um convite a que faça ele o mesmo, que se deslastre do Outro (quer dizer, que chegue ao fim de análise). No trabalho da analista no sonho há algo como de vocação, fazendo um trabalho humilde ou modesto, ou de formiguinha, o que enaltece esse trabalho do dia a dia. Toma-o como um convite ao passe de hóspede atendido (analisante) a trabalhador (analista) que procura se produzir esse resto. Imprescindível: para ele toalhas/panos e lençóis usados, mas não sujos remetem, sem dúvida, não só ao resto, ao que fica no fim da análise, senão também ao depois do trabalho e ao depois do amor.

VIII. Conclusão: o sonho das *emeradas* vazias.⁴ Cifrar do inconsciente – Decifrar do passe. Análise depois da análise?

Um dia depois do sonho das toalhas e dos lençóis (casualidade ou causalidade?), recebe o analisante um *e-mail* relacionado com a nova sede do Fórum, tema para o qual estava dando seu apoio. Na correspondência se mencionava a palavra cansar (em espanhol *agobiar*), a qual ressoou dentro dele, estava como em sintonia com o ponto de conclusão em que se encontrava. Em seguida a remeteu ao cansaço. Cansaço do objeto *a*? ... Sentiu que naquele momento se desmontou a transferência, caiu o SsS e o objeto *a*, e se deu a destituição subjetiva do passe.⁵

Dois dias depois tem um sonho de conclusão, de síntese: o sonho das *emeradas* vazias. Nele, parecia se insinuar o objeto *a*, causa do desejo, e o ágalma. Sonha com umas caixas, como caixas de sapatos, muitas caixas dispostas umas sobre as outras, e umas ao lado das outras, tal como ficam nas sapatarias. As caixas estavam vazias, e por fora estava escrita uma palavra enigmática: *emeradas*, escrita assim, em itálico, minúsculas e separadas as letras. O analisante-analisado mencionou o sonho numa







⁴ Uma primeira versão desta sessão (em espanhol) foi publicada na rede da IF como prelúdio da II Jornada sobre o Passe, ocorrida em Pereira, Colômbia, em 14/02/15, intitulada Da cura de uma análise ao desejo do analista.

⁵ Diz Colette Soler (2001/2009, p. 74): Finalmente a destituição subjetiva do passe. Com esta expressão designo o momento em que o analisante, com toda sua experiência de analisante, se sabe determinado como objeto no Outro. Este Outro – cuidado – é o inconsciente. Não é o Outro como parceiro exterior, e por isso podemos dizer que existe o terceiro estado do sujeito destituído [...] Poderíamos dizer que o sujeito se encontra equivalente ao objeto a. É o fim, o único final possível – segundo Lacan – da indeterminação subjetiva. Tomado de "Clínica de la destitución subjetiva", en ¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista? Buenos Aires, Letra Viva.



sessão, comentando somente que aquela palavra o fazia recordar a *mirada* (o olhar), seu objeto pulsional por excelência.⁶ Em nada mais reparou, nem mesmo que as caixas estavam vazias. Possivelmente aquele mesmo cansaço que havia precedido o sonho se refletia na inusitada falta de vontade pelo decifrar do inconsciente.

Na noite seguinte sonha que está dentro de uma *emerada* – assim disse no sonho – ainda que não seja uma caixa, mas uma estreita gruta, com pouca altura, onde não pode estar de pé. Disse também: *o falo me vence*. Estes dois sonhos marcaram a conclusão da análise. O primeiro era um sonho sem afeto algum; no segundo havia angústia. Depois deles ainda foi a um par de sessões, dedicadas a fechar alguns pontos sobre o fim de análise e o passe, cujas entrevistas começariam pouco depois.

Para aquele momento essa foi toda a sua elaboração. Mas o curioso significante do inconsciente fez, por assim dizer, a viagem de ida e volta no dispositivo do passe, desde as entrevistas com as passadoras até as interpretações ouvidas depois da nomeação. Um dos integrantes do dispositivo fez uma ponte entre o significante emeradas e a mirada (olhar), o objeto pulsional, escrevendo-o assim: $m(\)radas$, onde se evidencia a elisão da letra i (deixando entre parênteses o espaço vazio), que é como a elisão do "i" de ilegítimo, significante mestre do gozo descoberto ou revelado pela análise. Surpreendente...

Esta interpretação fez o analisante prestar atenção novamente, um ano depois do sonho, no significante construído pelo inconsciente. Com aquela interpretação se entendia que o inconsciente não tivesse escrito *miradas*, com todas as suas letras. Mas por que não *m radas*? Por que *emeradas*? Ou por que não *emerada*, no singular? E por que não em maiúsculas?... Algumas destas e outras questões seguramente ficariam sem resposta, mas notou que a palavra *emeradas*, escrita com a letra "*m*" como "*eme*", ficava ladeada pelas iniciais do nome do pai, e estavam incluídas na palavra as iniciais da mãe. E mais, elidido o "i" do significante mestre do gozo, ficava agregado o "e" da estrutura fundamental da repetição, o escape. Mais ainda, o objeto que rotulava as *emeradas*, remetia ao objeto dos negócios do pai. Mas agora não eram caixas de sapato, agora eram caixas de vazio, caixas de falta! *Chapeau!* Pelo inconsciente.⁷



⁶ Um ano e tanto depois, esse sonho lhe recordou uma passagem de Cem Anos de Solidão: José Arcadio Buendía sonhou essa noite [...] com um nome que nunca havia ouvido, que não tinha significado algum, mas que teve no sonho uma ressonância sobrenatural: Macondo (Gabriel García Márquez, 1967, p. 21).

⁷ Certezas de que estas elaborações acertem, coincidam com o que cifrou o inconsciente? Nenhuma, como tampouco se tem durante o tempo de análise. Mas a concordância e os efeitos subjetivos dão um indício e, por outra parte, há que se estar atento ao que segue falando o inconsciente.



À medida que transcorre a transmissão⁸ no período de AE, continuam a elaboração e o deciframento. Um colega comenta outro elemento presente nas *emeradas*: *la mère* (mãe em francês): *e-mère-adas*. Reacomodação da figura materna?... Ele mesmo, por sua vez, observa a quase homofonia com *émeraudes*, é dizer esmeraldas. E realmente é uma esmeralda, uma pedra preciosa este significante formulado pelo inconsciente, enroscado nesse valioso (ou insignificante?) objeto ao que designa e que fecha o vazio. Em toda a construção ressalta a simetria, a síntese, a completude, a articulação. Esta peça de ourivesaria mostra o cifrar do inconsciente na conclusão da análise, é um trabalho que recolhe, sintetiza e articula elementos fundamentais que de algum modo resumem a conclusão de todo um grande percurso da análise.

Importante é observar que a elaboração e o deciframento do sonho, com seus consequentes efeitos subjetivos, se deram graças ao dispositivo do passe. Este processo de trabalho com os diversos elementos do testemunho há de continuar durante o período de transmissão, acrescentando à análise uma dimensão que transcende o dispositivo freudiano, e que inclusive vá mais além do dispositivo do passe, ainda que a possibilidade de aceder à última etapa passe necessariamente por ele... E esta elaboração-deciframento não é um mero jogo hermenêutico, não é exercício de vaidade, ela produz efeitos de análise, mas além da análise, agora não com o Outro do analista, mas ante o Outro e os outros da Escola.

Aonde pode levar este processo em relação aos efeitos subjetivos no analisado? Certamente não há, não pode haver outra conclusão depois do fim. Mas, talvez, sim um aprofundamento ou um aperfeiçoamento da posição subjetiva alcançada com o fim de análise e a passagem de analisante a analista. A conclusão lógica do processo, que nem sempre se alcança (há términos não conclusivos de análises), implica múltiplas mudanças subjetivas transcendentais, à parte dos meros efeitos terapêuticos e o fim da relação analista-analisante, as sessões e o trabalho de análise: atravessamento do fantasma, com o consequente enfraquecimento da cena fundamental, destituição subjetiva (que fecha a passagem de analisante a analista e permite o manejo da função desejo do analista), assunção da castração, abertura ao desejo, mudanças dos modos de gozo, identificação ao sintoma, poder dedicar-se completamente às obras – ao trabalho e ao

 \bigoplus





⁸ Mais que transmissão, com seu carácter unidirecional, é um trabalho conjunto na Escola, a partir do testemunho.



amor – (o que não podia, finalmente pode⁹)... É este, por acaso, um estado de graça perfeito que se alcança de um só golpe, de maneira plena e única? Creio evidente que não, que é um estado em que há graus, é uma reacomodação subjetiva generalizada que se localiza em uma escala de estabilidade e consolidação. Pensa-se nada mais que na assunção da castração. É que o fim da análise nos garantiria (1) que não vamos nunca nos aferrar – se esperaria que só de maneira pontual – a certos significantes tentando tapar(mos) a falta: sou Fulano de Tal, com tais e quais títulos e reconhecimentos; ou (2) a alguma parcela de saber na qual acreditamos ter verdades absolutas? (Falo de qualquer campo de saber, incluindo evidentemente o psicanalítico, ou uma área profissional, ou um saber acadêmico, e até político [espero ao menos não me encontrar a alguém defendendo irrefutáveis, quase reveladas verdades religiosas...].) Tampouco nos garantiria (3) a nunca cair depois num impossível gozo inesgotável. Parece-me evidente que sempre se pode ir mais além na assunção da castração. Similarmente para os outros elementos que implica um fim de análise. O fantasma se debilita, mas não desaparece. A destituição subjetiva se dá em potência, não como estado perfeito e perene. E assim sucessivamente.

As anteriores são claramente considerações referidas ao analisado que faz o passe e acede ao período de transmissão. Mas também são de se esperar na Escola efeitos teóricos e subjetivos do trabalho conjunto no período de cada AE. Confiemos então que se gerem efeitos de valor, tanto individuais como institucionais.

IX. Fim da articulação: conclusão do passe

Antes de viajar paras as entrevistas do passe, apresenta-se um impasse com um dos passadores, que oferece um tempo demasiado curto a juízo do passante. Não obstante decide iniciar e falar-lhe pessoalmente, mas ali se fez evidente que a restrição ia ser ainda mais severa, e além disso, percebe indícios de que o passador poderia estar se colocando como analista e não como passador. Encontra-se então diante do que viu como um dilema, e é interessante examiná-lo para ver como o analisado respondeu ante essa rua sem saída. Por um lado, segundo o que via o passante, estava o grande Outro, que é a Escola, representando algo que se tratava de um passador, quer dizer, de alguém que tinha o respaldo da Escola para que

⁹ Colette Soler, 2013, p. 89.



se desempenhasse como tal, e seguramente de alguém que tinha um nome (um significante) na Escola. Por outra parte estavam os textos fundamentais (um Outro mais essencial), que segundo sua leitura lhe diziam que aquilo não estava de acordo com o dispositivo. E entre ambas estava o analisado com seu resto: sua impulsividade, o seu respeito e temor pelo Outro, ou seu temor ante a incerteza de "o que acontecerá?", ou "o que me dirão? etc. O analisado, depois de pensar, o que já por si é um indício, decide assumir o risco de não continuar, e o documenta da forma mais objetiva e formal que pode. Dois meses depois foi informado de que lhe era autorizado sortear outro passador (passadora), com o(a) qual se entrevistou de maneira por demais satisfatória.

Quase seis meses depois recebe a notícia da nomeação. Extraiamos um par de citações de algo que o analisado escreveu na ocasião:

Depois de uma travessia maior que a volta de Ulisses a Ítaca, depois de uma íntima Odisseia cheia de lotófagos, ciclopes, do devorar de Polifemo, a fúria de Éolo, Lestrigones, Circe, Telêmaco e Penélope, recebe a boa-nova de que o dispositivo do passe peneirou um testemunho, e que passaram elementos para concluir que tornou-se um analista da Escola, que adveio um analista como resto da análise (ARÉVALO, 2014, p. 62).

Uma análise levada até o fim reescreve a história pessoal, da volta ao devir, passado, presente e futuro, de tal maneira e medida que tudo muda, e não há forma de voltar atrás.

São Paulo / Rio de Janeiro, agosto 2015.

Tradução: Luciana Guarreschi e Pedro Arévalo

Referências bibliográficas

ARÉVALO, Pedro P. (2014). Pasa y recuerda. En *La Azotea* (11-12), revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas.

Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín. (2010 y 2011). *Lo que pasa en el pase*, Nos. 1 y 2. Medellín, Colômbia.

COTTET, Serge. (1982/1984)). *Freud y el deseo del psicoanalista*. Buenos Aires, Editorial Hacia el tercer encuentro del Campo Freudiano.

Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano – EPFCL (2010). Wunsch No. 8, Boletín Internacional de EPFCL, edición en español. Disponible en http://www.champlacanien.net/public/3/puWunsch.php?language=3.

FOUCAULT, M. (1966/1974). *Las palabras y las cosas*. México, Siglo XXVI editores.



LACAN, J. (1958/1975). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo em el
inconsciente freudiano. In Escritos 2. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
(1959-60). El Seminario 6 (El deseo y su interpretación). Versión
no establecida.
(1960/1975). La dirección de la cura y los principios de su poder.
In Escritos 2. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
(1964a/1973). El Seminario 11 (Los cuatro conceptos fundamen-
tales del psicoanálisis). Buenos Aires, Paidós.
(1964b/1975). Del Trieb de Freud y del deseo del psicoanalista. In
Escritos 2. Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
(1967/2012). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoa-
nalista de la Escuela. In Otros Escritos. Buenos Aires, Paidós.
(1972-73/1975). El Seminario 20 (Aún). Buenos Aires, Paidós.
(1973/2012). Nota italiana (o Carta a los italianos). In Otros
Escritos. Buenos Aires, Paidós.
MAIER, C. (2002). Lacan sans peine. Montréal, Les Éditions Internationales
Alain Stanké.
MÁRQUEZ, Gabriel García. (1967/1982). 100 Años de Soledad. Colombia:
Clásicos Universales.
NOGUERA, A. (2014). Pasador Ser a-traves-ado por la Escuela. Versión
inédita leída en el Foro Analítico del Río de La Plata en octubre 2014.
Publicación en próximo Wunsch.
SOLER, C. (2001/2009). Clínica de la destitución subjetiva. En ¿Qué se espe-
ra del psicoanálisis y del psicoanalista? Buenos Aires, Letra Viva.
(2013). El fin y las finalidades del análisis. Buenos Aires, Letra Viva.











Encontro de Membros



•

46

•



Luciana Guarreschi¹

Para a abertura de nosso ano, pedi às minhas colegas de Comissão de Gestão que me deixassem dizer uma palavrinha, uma palavrinha, sem muitas precisões. Não sabia muito bem o que queria falar, mas infindáveis pedaços de textos foram escritos mentalmente nos muitos dias de trabalho que antecederam o de hoje.

Ao sentar para escrever, quase me arrependo, mas pego a ideia pelos chifres e entendo, enfim, o que gostaria de tentar transmitir. É algo como o espírito que nos orienta. O esquema da IF está aí, estampado na capa de nosso boletim, acredito, bem descrito no editorial, e isso já é nossa orientação. Mas o que passa entre esses círculos diferentes, entre as linhas ora fechadas, ora pontilhadas e abertas? Como era de se esperar, as palavras me traem... Espírito... Vocábulo antigo, carregado de significações religiosas, filosóficas e, sem falar, vizinho de alma. Rasgo o verbo e opto pela, ainda atual, *vibe*.

Nessa *vibe*, desde novembro do ano passado, acompanham alguns outros: Rancière, Jacotot, Sennett, Certeau, Wolff, Freud e também Lacan, além, é claro, de colegas do nosso Campo. Um texto de Samantha Steinberg², fruto de sua experiência na Comissão de Acolhimento do Fórum São Paulo, uma bela reflexão sobre o que é ser um membro de um fórum, nos deu uma porta de entrada. E ainda, um outro, de Glaucia Nagem, sobre a de-formação do analista, que nos convida, pela arte, a observar um quadro (por que não dizer nossa estrutura?), com olhos joviais e se aventurar numa viagem de descobertas, mesmo quando não há como prever o que se pode trazer de volta dessa jornada. Tudo isso bem misturado, cozido e temperado nos almoços de terça-feira.

As perguntas: **como** faremos nesta instância, como Comissão de Gestão? Como conduzir as coisas, um vez eleitas? E ainda: o que fez e faz com que sejamos tantos neste Fórum? O que é preciso para estar aqui? Samantha

Nossa vibe 47





¹ Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL Brasil.

^{2 &}quot;O que esperamos de um membro de Fórum? – Reflexões sobre o des(enlace) estrutural entre Fórum e Escola e seus possíveis efeitos.", publicado nesta revista, p. 99.



responde no texto citado: **quase nada**. Com o que concordamos, cito-a: "Os fóruns se definem pela sua abertura à comunidade, 'qualquer um' pode pertencer a eles. Não é necessário praticar a psicanálise para ser membro. O que é preciso para ser um membro de fórum? Talvez quase nada, que se tenha uma transferência de trabalho com alguns membros do nosso campo e um interesse pelas questões levantadas pela psicanálise". Mas, uma vez aqui, o que é preciso? Pensando rápido, só uma resposta nos cabe: querer, ainda querer.

É simples assim. Mas como essa vontade, esse querer pode se estender, se engrandecer, espalhar-se em nosso Fórum? Lendo sobre o funcionamento de algumas tribos indígenas brasileiras, encontramos um bom caminho. Francis Wolff (2003) conta que nestas tribos o dever do chefe não é comandar, mas falar. Ele não dispõe de nenhum domínio direto das coisas ou dos homens, mas somente um domínio, ainda que precário, das palavras. Sua palavra tem como função restabelecer a ordem interior lá onde a desordem ameaca, reacomodar certa unidade do grupo cada vez que o tecido social se esgarça. Mas, dado muito importante, esse tecido social e essa unidade da comunidade, não está em seu poder criá-los; o chefe tem autoridade, mas não tem poder; a unidade e a ordem não emanam dele, mas da própria sociedade: confundem-se com ela (Wolff p. 32). Fica claro que, ao contrário de um poder que se exerce sobre a sociedade e que dispõe do monopólio do direito para fazer de um amontoado de indivíduos UM todo, na tribo guarani é a própria coletividade que exerce um poder sobre todos os seus membros, aqueles que a compõem e que se reúnem em uma unidade possível. A propriedade essencial a essas tribos é proibir a autonomia de qualquer um dos subconjuntos que a compõem, ao mesmo tempo que, dado também muito importante, os mantêm em articulação. A **comunidade** se esforça para impedir a constituição de um poder autônomo e estranho a ela mesma, impedindo, dessa maneira, uma certa dicotomia entre os membros da comunidade e aqueles que estão, por hora, encarregados de diligenciá-la.

É aqui que o querer pode se alastrar, pois implica que a comunidade não apenas tome decisões em maioria, mas **sobretudo que se chegue a elas por meio do debate público**, isto é, da defesa argumentada das posições opostas. Implica, pois, que os membros se metam nas atividades da comunidade, aportem implicações, ideias, saberes, seus quase-nada. Trocando em miúdos, já que me apraz a praticidade: **podemos muito pouco sem vocês**! Essa é a *vibe*! Vale lembrar, essa é a *vibe* desde o início, desde 98.









E, se hoje cá estamos, em casa nova e arejada, é porque, em que pesem tempestades e naufrágios, essa *vibe* se manteve, não sem a aposta **de cada um de vocês**, em momentos diversos e de jeitos diferentes. Uma aposta nessa espécie de tropel permanente que vivenciamos aqui, com seus dispositivos defeituosos, caóticos, já que feitos por mãos, mas que, acreditamos, ainda, podem propiciar a emergência do discurso analítico. Emergência condicionada à sustentação de uma diversidade, que é bem-vinda **neste** fórum e **vital** para a sobrevivência da psicanálise. "O Fórum estará assim exercendo uma função à nossa Escola, para que não a sabotemos", como bem lembrou Samantha em seu texto.

A união aqui, não faz signo de boa comunidade. Longe de querermos todos unidos, torcemos por nos fazer uns diferentes. Uns que, atravessados pela linguagem, prezem a aptidão que temos para falar, aptidão que, com alguma sorte que o acaso nos dê, deixa-nos dizer alguma coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Wolff, Francis. A invenção da política. In A crise do estado-nação, Novaes, A. (org.)- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.





Nossa vibe 49







Eventos da Biblioteca







O Astuto ignorante: Gunter Grass e a subjetividade de nossa época¹

Ana Laura Prates Pacheco²

Günter Grass nasceu em 1927, na Alemanha, tendo, muito jovem, servido às forças armadas nazistas. Essa marca certamente não terá sido sem importância na sua obra, como muito anos depois o próprio escritor deixará explícito em seu livro autobiográfico *Descascando a cebola*, em 2007. Em relação ao título de sua autobiografia, Grass comenta:

Descascada, para que possa vir à luz aquilo que é legível, letra a letra: raramente de forma unívoca, muitas vezes como escrita em espelho. A cebola tem muitas camadas. Mal é descascada, renovase. Cortada, provoca lágrimas. Só ao descascá-la fala verdade [...] Aquilo que eu aceitei com o estúpido orgulho dos meus anos de juventude, tentei, depois da guerra, movido por uma crescente vergonha, ocultar perante mim próprio. [...] Não sabia nada dos crimes de guerra que mais tarde vieram à luz, mas a afirmação da minha ignorância não pode ocultar a consciência de haver estado integrado num sistema que planificou, organizou e executou o extermínio de milhões de pessoas (GRASS, 2007, p. 246).



¹ Parte dessa conferência foi publicada na revista A PESTE, vol. 4, números 1 e 2 Autismo e segregação, 2012, como resenha do livro O Tambor, de Gunter Grass.

² PACHECO, Ana Laura Prates. Psicanalista, Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da UERJ. Pesquisadora convidada do LABEURN, UNICAMP. É AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Fórum de São Paulo. Participou do Secretariado do Passe no Brasil (2008-2010) e foi Diretora da EPFCL-Brasil (2010-2012). Foi editora da revista Stylus (2008-2010). É membro fundador do Fórum do Campo Lacaniano – SP, no qual é Coordenadora da Rede de Pesquisa de Psicanálise e Infância das Formações Clínicas do Campo Lacaniano, além de transmitir em seus próprios seminários. É autora de inúmeros artigos publicados em revistas e periódicos científicos no Brasil e no exterior. É autora, dentre outros, de: "Feminilidade e experiência psicanalítica" (Haker, 2001), de "De la fantasía de infancia a lo infantil de la fantasía" (Letra Viva, 2012) e "Da fantasia de infância ao intanfil na fantasia" (Annablume, 2012) e "La letra de la carta al nudo" (Um-decir, Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2015). E-mail: analauraprates@terra.com.br.



A revelação surpreendente e tardia de Grass trouxe grande polêmica no mundo literário, a qual não seria possível reproduzir aqui com toda a sutileza e complexidade que merece, mas escolho mencionar apenas uma entrevista do admirável escritor português José Saramago, na qual comenta o episódio: "Ele tinha 17 anos. E o resto da vida não conta? Parece-me uma reação hipócrita, de muita gente que talvez não consulta a sua própria consciência". Nessa mesma entrevista, pergunta-se a Saramago se ele é um homem otimista, e ele responde: "Como ser otimista quando se lê o jornal? O mundo é o lugar do inferno. (...) Não sou um pessimista, sou um otimista bem informado". Talvez o próprio Grass se identificasse com essa definição. Quando indagado sobre o porquê da demora da impactante revelação, ele respondeu que acreditava que sua obra como escritor e cidadão fosse suficiente – fazendo uma referência direta a seu livro *O Tambor de lata*, traduzido em português para *O Tambor*.

Prêmio Nobel de literatura em 1999, Grass ganhara notoriedade bem antes, em 1956, com sua obra *Die Blechtrommel (O Tambor)*, primeiro livro da chamada "Trilogia de Danzig" – juntamente com *Anos de cão* (1963) e *O gato e o rato* (1961). Danzig (hoje na Polônia) é a cidade na qual o escritor viveu, e que foi cenário da primeira batalha entre Alemanha e Polônia no início da Segunda Guerra Mundial. A cidade foi anexada à Alemanha nazista em 2 de setembro de 1939, e após a derrota alemã passou a integrar a Polônia com o nome polonês, Gdansk. Segundo Coutinho e Castro (1985), no livro *Gunter Grass e a cidade*, a Danzig de Grass corresponde à Dublin, de Joyce; ou a Praga, de Kafka:

O romance europeu contemporâneo como que se apropria da cidade para, no seu cosmos urbano fazer representar o "grande teatro do mundo" de que elas, as cidades, são uma redução, mas também uma revelação exata [...] o que se passa na cidade é o que se passa no mundo e o que no mundo é real, torna-se em símbolo na cidade do romance – e nunca o símbolo se aproximou tanto da realidade que o representa, isto é, nunca o símbolo foi tão real, e o real tão simbólico como no mundo mutável em que vivemos (p. 21).

São estes, portanto, o contexto e o cenário em que se desenrola a narrativa de Grass em *O Tambor*, obra posteriormente filmada em 1979 pelo cineasta Volker Schlondorff. Embora o filme de Schlondorff tenha transmitido aspectos importantes da obra de Grass, tornando-a mais acessível ao grande público, considero, entretanto, o livro propriamente dito indispensável e insubstituível.



³ SARAMAGO, J. Entrevista ao jornal espanhol El Pais em 20/08/2006.



A literatura de Grass, especialmente no livro *O Tambor*, parece desafiar, assim, o paradoxo exposto por Adorno em 1949: é possível a poesia depois de Auschwitz? Como não se render ao silêncio produzido pela experiência impossível de sustentar, ou simplesmente, de viver. Aqui, relembro um trecho do livro *A escrita ou a vida*, de Jorge Seprum (1995):

No entanto, vem-me uma dúvida sobre a possibilidade de contar. Não que a experiência vivida seja indizível. Ela foi invivível, o que é outra coisa. Outra coisa que não se refere à forma de um relato possível, mas à sua substância. Não à sua articulação, mas à sua densidade. Só alcançarão essa substância, essa densidade transparente os que souberem fazer de seu testemunho um objeto artístico, um espaço de criação. Ou de recriação. Só o artifício de um relato que se possa controlar conseguirá transmitir parcialmente a verdade do testemunho (p. 23).

Em seu trabalho *Memória e ficção: o teor testemunhal na obra de Günter Grass* (2014), Bruno Mendes dos Santos aproxima Grass e Seprum em relação à problemática da relação da transmissão da experiência traumática com a literatura:

Ambos são relatos intermitentes, fragmentários, não lineares, em que as reminiscências encadeiam-se e intercalam-se através de referências internas: ao narrar em episódio, algum elemento da narrativa traz à consciência uma memória anterior ou posterior àquele momentaneamente exposto, emulando o funcionamento da própria memória que experimentamos cotidianamente... [...] A culpa nos dois casos é uma questão recorrente: Seprum racionalmente conclui que, se sobreviveu por mera casualidade, não pode se sentir culpado pelos que morreram, no entanto sente-se culpável por querer esquecer toda a experiência nefasta dos campos de concentração, ainda que configurasse a única alternativa para se manter vivo. Grass, por outro lado, carrega e reitera a responsabilidade de pertencer ao povo que construiu esses mesmos campos (p. 8).

No caso de Grass, segundo Mendes dos Santos (2014), ele





[...] optou por digerir suas vivências e informações adquiridas no plano da realidade e transformá-las em obras de ficção, de modo que a transferência de sua experiência pudesse ser cumprida com maior eficiência, através do rearranjo dos elementos reais numa atmosfera fictícia [...]. Os acontecimentos de *O Tambor* foram escritos não com a intenção exclusiva de "exercer o símbolo", mas para "impactar diretamente sobre a realidade", a realidade imediata no universo espaço-tempo do autor: a sociedade alemã no fim da era Adenauer (pp. 166/167).

O Tambor parece-nos, portanto, o artifício criado por Grass para testemunhar a história da ascensão do discurso nazista, da adesão voluntária da maior parte da população – inclusive a do jovem Grass – a esse discurso, das condições a que essa adesão se deu e de suas consequências para o que se seguiu. Mas essa história é contada a partir da visão autocentrada, eu diria até mesmo, autista, de seu protagonista, o anão Oskar, que aos três anos se joga de uma escada e se recusa a crescer.

Ora, a verdade parcial que Grass testemunha nessa obra é, a meu ver, o nascimento, durante a ascensão do nazismo, do homem contemporâneo, o ASTUTO IGNORANTE, sujeito dividido entre a fé e a desilusão. Talvez não seja casual o fato de Oskar, o personagem principal do romance de Grass, ser justamente um autista anão, que nos transmite seu relato de um manicômio. Sabemos da história graças à relação entre Oskar e Bruno, o enfermeiro - "que é solteiro, sem filhos e natural de Sauerland". A personagem de Bruno, para nós, psicanalistas, é essencial, já que ela é correlata à posição do passador. É ela quem sustenta a possibilidade de que a escrita delirante de Oskar chegue a nós pela pena de Grass: Bruno irá de novo à pequena papelaria e me trará mais um pouco de espaço em branco de que preciso para o que espero seja o registro exato de minhas memórias. Nunca poderia ter pedido esse favor aos meus visitantes, ao advogado por exemplo. A solícita afeição prescrita para o meu caso teria certamente impedido os meus amigos de me trazer algo tão perigoso como papel em branco e pô-lo à disposição das sílabas que o meu espírito segrega incessantemente (GRASS, p. 13).

A relação entre Oskar e Bruno, infelizmente, foi suprimida do filme de Schlondorff, mas é, a meu ver, o que orienta formalmente a narrativa de Grass. Oskar escolhe contar sua história cronologicamente, cronologia essa, entretanto, pautada pela lógica irrefutável do delírio e da autorreferência. Ele inicia com o nascimento de sua mãe, produzido pelo encontro casual entre a etnia rural cachúbia de sua avó camponesa e um fugitivo russo, que se escondeu debaixo de suas saias de muitas camadas.

56 Livro Zero







A personagem rural da avó, bem como a localização de Danzig são essenciais para a transmissão da transformação histórica que estava prestes a ocorrer.



A esse respeito, Coutinho e Castro (1985) comenta:

O mapa das nações europeias antes do início da guerra de 1939-45 mostra, ao norte, atravessado pela parte final do Rio Vístula, até a sua embocadura, o território da Cidade Livre de Danzig que, para Sul e Oeste tem fronteiras como então chamado Corredor Polaco. [...] A situação geográfica e política da cidade com território próprio, administração autônoma e tutela da Sociedade das Nações vinha do fim da guerra de 1914-18 e resultara de uma das cláusulas do Tratado de Versalhes, assim vivendo até ser incorporada no Reich alemão às vésperas da Segunda Guerra Mundial. [...] Estas mudanças têm sido não a exceção mas a regra, na longa e acidentada história de Danzig desde que em 1235-36 é fundada a urbe, já desde os tempos remotos dividida entre tribos germânicas e eslavas. [...] Danzig tem sido sempre uma cidade colocada entre os dois mundos mercê da fatalidade da sua localização geográfica. Mas foi também graças à situação geográfica que Danzig se pode afirmar ao longo dos







séculos como um local de passagem de pessoas e mercadorias onde se juntaram banqueiros e comerciantes e se fixou um agregado com características próprias (p. 12).

Nesse cenário, ele comenta ainda:

É realmente entre o campo e o subúrbio que tudo começará; o espaço e o tempo integram-se aí para formarem uma unidade viva, espelho que irá refletir as ações dos homens e conter dentro dos seus limites uma território onde o que se faz e se diz adquire um significado simbólico do mundo e representativo da vida (p. 14).

Assim é que a personagem da avó Anna Bronski é o verdadeiro fio condutor da história, e é uma espécie de agente de resistência ao novo discurso, ao mesmo tempo em que estabelece um elo entre o campo e o subúrbio. A avó – comenta Coutinho – "sobrevive a todas as tempestades, e com ela a gente cachúbia, pois um cachúbio não se torna sem mais nem menos naquilo que o querem fazer, alternadamente polaco e alemão, consoante as reviravoltas da história e da política" (p. 14).

A mãe de Oskar, nascida desse acaso erótico e trágico, acaba personificando a divisão produzida por essas etnias após a consolidação dos Estados-nação. Apaixonada pelo primo polonês, casa-se, entretanto, com o alemão que sabe cozinhar, vivendo uma relação a três que se perpetuará até sua morte.

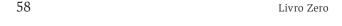
É dessa relação a três que nasce Oskar, e é o próprio quem nos relata a origem mítica do tambor, eleito como objeto bizarro de seu gozo autista, desde o útero:

— É macho – disse aquele Sr. Matzerath, que se presumia meu pai. Quando crescer vai tomar conta do nosso negócio. Agora sabemos enfim para quem nos matamos de trabalhar.

Mamãe pensava menos no negócio que no enxoval do bebê: "Já sabia que ia ser um menino tendo dito alguma vez que podia ser uma menina".

Assim, em idade prematura, conheço os meandros da lógica feminina; e ouvi atrás de mim: "Quando completar três anos vai ganhar um tambor de brinquedo".

Pesando e contrabalanceando cuidadosamente as promessas materna e paterna, observei e escutei uma mariposa noturna que se extraviara para dentro do quarto. De tamanho mediano e corpo hirsuto, voejava em torno das duas lâmpadas de sessenta watts, projetando sombras que, desproporcionalmente









grandes em relação à verdadeira envergadura das asas abertas, cobriam, preenchiam e aumentavam em movimentos vibrantes o quarto e os móveis. Mais do que o jogo de luz e sombra, o que me impressionou foi o som produzido pelo diálogo entre mariposa e lâmpada: a mariposa tagarelava em cessar, como se tivesse urgência de se esvaziar de seu saber, como se estivesse diante da impossibilidade futura de colóquios com as fontes de luz, como se esse diálogo fosse sua última confissão; e como se, depois do gênero de absolvição que as lâmpadas costumam conferir, não houvesse mais lugar para o pecado e o perdão. Hoje Oskar diz simplesmente: a mariposa tocava o tambor (GRASS, 1987, p. 52).

A respeito dessa decisão pelo autismo, Oskar conta que: enquanto exteriormente gritava e dava a impressão de um recém-nascido cor de carne, tomei a decisão de rechaçar claramente a proposição de meu pai e tudo o que se relacionasse às transações na mercearia e, em contrapartida, examinar com simpatia e no devido momento, ou seja, na ocasião do meu terceiro aniversário, o desejo de mamãe. (...) Só e incompreendido, ficava Oskar debaixo das lâmpadas imaginando como as coisas ainda continuariam assim por sessenta ou setenta anos, até o dia em que um curto-circuito final viria interromper a corrente de todos os mananciais luminosos; perdeu, em consequência, o entusiasmo, antes mesmo que sua vida debaixo das lâmpadas tivesse começado. Foi unicamente a perspectiva do tambor de lata que me impediu de conferir expressão mais categórica ao impulso de retornar ao útero materno (GRASS, 1987, p. 54).

De fato, em seu terceiro aniversário, Oskar lança-se pela escada do porão e como produto da queda, para de crescer e começa a tocar tambor. Ao mesmo tempo, desenvolve um timbre de voz que, ao gritar, tem o poder de ensurdecer os ouvintes e quebrar os vidros. Ninguém é capaz de tirar seu tambor, que é substituído infinitamente por um novo a cada vez que está prestes a desaparecer. Oskar não é aceito na escola, e acompanha a partir de então as visitas da mãe ao tio amante. É dentro das saias de várias camadas de sua avó, a vendedora de batatas, que Oskar encontra o gozo que o protege do mundo francamente sem sentido que o rodeia.

Toda a narrativa do passar dos anos e do cotidiano da família e dos vizinhos vai sendo acompanhada pela ascensão do nazismo, ao qual seu "pai presuntivo" adere de modo cada vez mais convicto e alienado. A ideia original de Grass de contar a história por meio do olhar de uma personagem, de preferência infantil, ingênua ou deficiente foi bastante replicada.





Talvez os exemplos mais notáveis sejam Forrest Gump⁴ e A Vida é bela. ⁵ Sem aprofundar na análise de cada uma dessas obras, constatamos que ambas, entretanto, partem da suposição do olhar infantil no sentido de inocente, sendo o último bastante comprometedor do ponto de vista ético, apostando, ao contrário de Grass, na ética da paixão da ignorância: não quero saber nada sobre isso! Assim, a ignorância astuta aqui é, antes, glorificada, reafirmando o "cinismo ocidental".

Em O Tambor, em contrapartida, o personagem de Oskar está longe de ser inocente, estando mais próximo de um gnomo, uma criatura inexistente, surrealista, ou melhor, excessivamente real, fantasticamente real. Grass, pelo testemunho delirante, indiferente e autocentrado de Oskar, transmite o cinismo com o qual o próprio povo aderiu ao discurso de Hitler. Os comícios, desfiles, perseguições, bem como as mais famosas passagens da Segunda Guerra Mundial, como a "Noite de cristal" ou a "Batalha da Normandia", em 1944, são descritos de modo ascético e individualista, como se não passassem de acontecimentos banais e corriqueiros, que importam mais ou menos na medida em que estimulam ou atrapalham o único e indispensável objetivo de sua vida: tocar seu tambor e quebrar vidros com sua voz. São, portanto, o tambor e a voz que dão o ritmo e são a causa de todos os acontecimentos históricos.

Uma das passagens mais fortes do livro trata exatamente do momento em que o vendedor de brinquedos judeu, fornecedor dos tambores de Oskar e frequentado assiduamente por ele e sua mãe, tem sua loja destruída e é assassinado: Era uma vez um tambor chamado Oskar. Quando lhe tiraram o vendedor de brinquedos e saquearam a loja do vendedor de brinquedos, teve o pressentimento de que, para os tambores anões de sua espécie se anunciavam tempos calamitosos. Assim, ao deixar a loja surrupiou um tambor bom e outros dois quase incólumes e, dependurou-os no pescoço (GRASS, 1987, p.248).

O mesmo tipo de egoísmo cínico chega ao auge durante a famosa ocupação do correio de Danzig⁷ no qual o tio/pai trabalhava. Enquanto, impotentes dentro da agência de correio, os derradeiros resistentes esperam a morte,





⁴ GROON, W. Forrest Gump: o contador de histórias. Rocco, 1986. Forrest Gump, filme de 1994, dirigido por Robert Zemeckis.

⁵ La vita è bella (A Vida É Bela) filme italiano de 1997, dirigido e protagonizado por Roberto Benigni.

^{6 &}quot;Noite de Cristal" (Kristallnacht) como ficou conhecida a noite de 9 de novembro de 1938 por causa da destruição de sinagogas, lojas, casas e de agressões contra judeus.

⁷ Referente à data na qual a Alemanha invade a Polônia (Danzig) em 01/09/1939 ocorrendo a batalha que deu início à segunda grande guerra.



jogam cartas. Aos poucos, um a um, os jogadores vão sucumbindo, até que sobre apenas Jan Bronski a construir um frágil castelo de cartas que logo é derrubado por uma rajada de vento: "Não se trata aqui de mais um vulgar jogo de cartas como tantos – comenta Coutinho e Castro (1985) – este será o último de uma época que está a acabar, que acaba mesmo diante de nossos olhos" (p. 60).

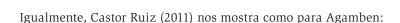
A batalha é toda descrita tendo como protagonismo sua busca pelo tambor, culminando na morte de seu tio/pai. É Oskar quem diz: Foi meu tambor, não, fui eu mesmo, Oskar, o tambor, quem despachou para a tumba primeiro minha pobre mãe, depois Jan Bronski, meu tio e pai. Mas, como acontece com todo mundo, em dias em que inoportunos sentimentos de culpa, que nada conseguem dissipar, vêm se acomodar em meio aos travesseiros de minha cama de hospital, escudo-me em minha ignorância — ignorância que então virara moda e que ainda hoje muitos dentre nossos cidadãos adotam como se usa um chapéu elegante. Oskar, O ASTUTO IGNORANTE, foi levado na condição de vítima inocente da barbárie polonesa, com febre e nervos inflamados, ao Hospital Municipal (GRASS, 1987, p.304).

Faço minha a pergunta de Coutinho e Castro (1985): "Mas o que é a imoralidade de Oskar, comparada com os males sociais e as aberrações históricas que ele documenta?". É desta pergunta que parto para sustentar a proposta que aqui defendo com uma outra questão: Oskar, o autista, a eterna criança objeto, com seu tambor, sua mudez e seu grito bizarro não seria um prenúncio do homem contemporâneo nascido entre a era da segregação e a era da concentração?

Sustento aqui uma distinção entre a era da segregação e a era da concentração a partir da leitura que Bousseyroux (2012) faz de Lacan, distinguindo a era dominada pelo Discurso do Mestre daquela dominada pelo Discurso do Mestre pervertido, formalizada na escrita do Discurso Universitário. Ao contrário do Discurso do Mestre que produz a segregação:

O que Lacan considera estar naturalmente no princípio do universo concentracionário é *a recusa da segregação*: nos campos, não mais se discrimina, junta-se, uniformiza-se, confunde-se, reduz-se as formas do humano ao disforme, aniquila-se as diferenças. No princípio do campo de concentração está a recusa absoluta da diferença. Os campos têm por princípio, a produção industrializada de um puro concentrado de indiferença (p. 183).





Os campos de concentração, longe de serem uma irracionalidade pontual do nazismo, representam um paradigma da política moderna. [...] Quando o regime nazista decide desnacionalizar a todos os judeus tornando-os pura vida nua, e portanto matáveis por qualquer um sem punição, não inovou uma barbárie contra a humanidade, senão que deu sequência a uma prática comum do Estado moderno, só que em proporções tanatopolíticas antes nunca vistas. O que aterroriza no nazismo não é sua barbárie, senão tê-la cometido dentro da legalidade inerente ao estado de exceção. [...] Agamben constata que a realidade do campo, como espaço onde a exceção controla a vida humana como norma, não tem cessado de existir ao longo dos tempos e até os momentos atuais. [...] Assim, a vigência do campo como figura potencial onde todos poderemos cair numa ou outra oportunidade, leva Agamben a sustentar uma afirmação radical: O campo, que agora se estabelece firmemente em seu interior é o novo nómos biopolítico do planeta.

Assim, a figura do anão autista, a eterna criança, nos remete à afirmação de Lacan de que na era do binômio segregação-concentração, não existe gente grande. Conforme afirmei em meu texto "Infância e autismo: entre a segregação e a concentração" (2012):

[...] o próprio Discurso Universitário que criou a criança no lugar de "ser humano ainda incompleto", segregando-a posteriormente nas escolas e instituições afins, mas reservando-lhes, por outro lado, direitos próprios, agora quer tomar a criança em sua ocorrência demasiadamente humana, humana o suficiente para concentrá-la em campos – na melhor das hipóteses –, à espera da solução final. Lembremos do livro *A Trégua*, de Primo Levi, na incrível passagem em que comenta a presença de um menino sem fala e sem história no campo de concentração. Ali, naquele campo, tanto quanto nos atuais, a vida não é bela e não há pai suficiente que sustente essa ilusão.8 Afinal, é preciso apagar os rastros dos restos a qualquer custo. Ou será que no fundo, a necessidade de anestesiar e prender, não deixa de ser um grosseiro reconhecimento de que há ali um sujeito? (p. 23).

 \bigoplus





⁸ Aqui faço uma referência irônica ao filme "A vida é bela", de Benigni, no qual um pai tenta convencer seu filho de que o campo de concentração é uma espécie de gincana, para supostamente protegê-lo.



O final do livro nos leva novamente ao começo. Depois das perdas inexoráveis do pós-guerra, Oskar, no manicômio, não tem mais sua voz. Nas palavras de Coutinho e Castro (1985):

O ceticismo lúcido, que já vem de longe, trouxe-o como era inevitável, àquela posição de renúncia. [...] Verificados o mundo e a vida tal como são, acaba por não lhe interessar mais destruí-los para os criar de novo. [...] Se Oskar é um herói de nosso tempo, a sua configuração moral bem como seu comportamento aproximam-no mais do anti-herói. Revela asco pelo mundo em que é introduzido e recusa-se a participar dele, bem como patenteia o espetáculo de uma solidão, produto do seu afastamento solitário do mundo. Mundo que ataca, que tenta recriar, do qual se defende, sucessivamente. Para Oskar, na sociedade em que nasceu e a que pertence, só duas hipóteses são possíveis: a integração ou o internamento num manicômio. Outra solução não consegue o protagonista encontrá-la (p. 81).

Eis o que a obra-prima de Grass cruelmente transmite e ensina: o nascimento de uma nova subjetividade na era da concentração: a do *astuto ignorante*. Convido-os a ler o livro até o fim para não privá-los das surpresas que ele ainda revelará. Mas antes de terminar, quero lembrar uma passagem de Clarisse Lispector no conto *Mineirinho* (1964), que parece também revelar algo sobre essa posição subjetiva contemporânea:

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os *sonsos essenciais*. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. [...] E eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso (p. 252). [grifos nossos]

Como observei no texto já mencionado, "Infância e autismo: entre a segregação e a concentração" (2012), "Talvez fosse o caso de nos perguntarmos se não estaríamos todos concentrados em uma mesma doença da libido" (PACHECO, 2012, p. 23).

Para nós, psicanalistas, resta a inquietante questão: qual é a resposta





ética da psicanálise perante o homem contemporâneo convertido em astuto ignorante? Seria, simplesmente, ofertar-lhes perigosas folhas de papel em branco? Talvez encontremos aí uma das definições mais belas do lugar que ocupa um psicanalista: *trazer algo tão perigoso quanto papel em branco e pô-lo à disposição das sílabas que o espírito segrega incessantemente.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOUSSEYROUX, M. "Práticas do impossível e teoria dos discursos". In: *A PESTE Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*. Vol. 4 números 1 e 2. São Paulo, Educ. 2012.
- COUTINHO E CASTRO, J. Günter Grass e a cidade. Lisboa, Horizonte Universitário, 1995.
- GRASS, G. (1959). O Tambor. Vol 1. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1987.
- . Descascando a cebola. Alfraige, Casa das Letras, 2007.
- ______. "O que deve ser dito". In: Folha de S.Paulo 05/04/2012.

 Originalmente publicado no diário Süddeutsech Zeitung.
- LISPECTOR, C. "Mineirinho". In: *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.
- MENDES DOS SANTOS. *Memória e ficção: o teor testemunhal na obra de Günter Grass*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Campinas, 2014.
- PRATES PACHECO. "Infância e autismo: entre a segregação e a concentração". In: *A PESTE Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*. Vol. 4 números 1 e 2. São Paulo, Educ, 2012.
- RUIZ, C. "Homo sacer. O poder soberano e a vida nua". In: *IHU On-Line* número 371, de 29/08/2011.
- SARAMAGO, J. Entrevista ao jornal espanhol El Pais em 20/08/2006.
- SEPRUM, J. A escrita ou a vida. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.





Incêndios: 1 + 1 = 1 e seu passo, dizer a voz (posta no silêncio)

Ana Paula Lacorte Gianesi¹

Incêndios (Incendies), uma extraordinária peça de Wajdi Mouawad (2013), que toca o horror e torna o enredo edípico mais uma vez contemporâneo, igualmente mostra, por meio da arte e do apelo à matemática aquilo que Lacan deixou decantar de seu fiel freudismo: não há relação sexual salvo entre gerações vizinhas (ou entre fantasias). Não obstante o clamor fantasmático, a peça aponta também para algo do feminino (efeito feminizante), para o "viver a pulsão" e, desta feita, para certa travessia.

Ao falarmos sobre a fantasia, entramos mesmo em um terreno próprio à realidade psíquica, àquilo que se designa pelo quiasma existente entre princípio de prazer e princípio de realidade. Pois bem, propomo-nos a discorrer brevemente sobre este conceito psicanalítico, a fantasia, bem como sobre o aforismo lacaniano relativo à relação sexual, para então fazermos um modesto comentário sobre a peça (apontando a travessia).

Sobre a fantasia, destaquemos algumas considerações de Lacan. Muito embora ele nos tenha indicado que há uma dimensão simbólica (e imaginária) na fantasia "um imaginário preso numa certa função significante" (LACAN, 1957-58/1999, p. 423), mostrara, também, sua articulação fundamental ao objeto, com o real, portanto.

Por meio da inclusão do real na fórmula da fantasia, chegamos a uma formalização que articula elementos heterogêneos. Por sua função, a fantasia faz dialogar toda a deriva do sujeito do desejo e um ponto fixo fornecido pelo objeto: conjunção/ disjunção – \$ e/ou a.

A figura topológica do *cross-cap* é utilizada por Lacan justamente porque permite demonstrar a coordenação entre esses dois elementos heterogêneos. Uma banda e um buraco. A banda de *Moebius* corresponderia ao sujeito; e o fragmento de esfera, ao objeto. Todavia, esta superfície precisa passar pela operação do corte para que os dois elementos sejam desvelados. Diríamos



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL Brasil.



assim: do *cross-cap* retiramos, por uma cirurgia, uma banda de *Moebius* (o sujeito do inconsciente/ do desejo – simbólico) e um buraco. Se a fantasia faz figura, é do corte que podemos distinguir \$ e a.

O objeto a, causa de desejo e mais-de-gozar, em suas formas predicáveis (oral, anal, olhar e voz), é encoberto pela roupagem fantasmática. Esta montagem pulsional visa encobrir a angústia do desejo do Outro (tomado por demanda). Ao enquadrar assim o objeto, o neurótico articularia – ϕ e a. O objeto da castração, que sustenta os giros da demanda; e o objeto a, que traduz seu furo apoiam-se mutuamente na fantasia.

Dizemos, igualmente, que a fantasia liga-se à estrutura neurótica ao modo de um axioma. A frase que profere a fantasia fundamental é aquela que em lógica se chama axioma (LACAN, 1966-67, inédito). Ou seja, estruturas conjuntistas dadas como pontos de partida, algo dado por princípio. Frases e definições (e teoremas) referem-se aos axiomas e, desde estes termos de princípio, torna-se possível proceder verificações de veracidade ou falsidade. O sujeito diz "verdade" para a fantasia. *Bate-se numa criança* (FREUD, 1919/1980): podemos chegar a este ponto da fantasia, uma frase fantasmática. (Da peça em questão, destaquemos a frase: a infância é uma faca plantada no pescoço.)

Montada no instante próprio à constituição do sujeito, a fantasia é, então, construída ao longo do percurso analítico. Há aqui uma importante referência ao aspecto artificial desta construção. Construção em análise.

Acontece que, para além de sua construção, o que habitualmente se faz acompanhar por impasses, uma psicanálise visa sua travessia. O objeto a, enquanto algo somente dedutível da análise de cada um, enquanto aquilo que há de absolutamente singular, é essa invenção que o sujeito pode fazer ao atravessar o que há de impotência, o que há de testamental na fantasia. Eis algo que aponta a liberdade.

Dizemos, assim, que se a fantasia procura fazer valer a escrita do impossível pela conjunção do elemento pulsional e das séries simbólicas, a travessia da fantasia, a travessia da impotência/imponência da fantasia, inclusive, pode fazer surgir algo como um impossível cingido. (Em *Incêndios*: tirar a faca plantada no pescoço, que não é fácil tirar [MOUAWAD, 2013, p. 26].)

Para fundar o que é do buraco, como nos diz Lacan, não seguimos sem certo tratamento das vicissitudes pulsionais. A visada pelas entrelinhas do objeto nas suas formas predicativas (ou substâncias episódicas) produz efeito de construção e, na separação, efeito de decantação do objeto. Isso, tanto pela mudança em relação à forma de objeto que o sujeito é na fantasia, como por seu esvaziamento. É do vazio (fora do campo do sentido) do objeto que o sujeito pode inventar.









Muito embora Lacan tenha nos deixado o legado desta orientação pertinente à travessia da fantasia, vale notar que em seus avanços, ele mesmo ressaltou a importância de se ir além deste ponto de real. O objeto *a* deixará de ser a única notícia do Real que um psicanalista/ analisante poderia ter. A lógica do não-todo, em uma análise, aponta, para além da invenção do vazio do objeto, também para o significante da falta do Outro e para a mulher não-toda fálica (LACAN, 1972-73/1985).

É notável que o sujeito (barrado), na fantasia, consubstancialmente se esforça por encampar toda a dimensão do real na coalescência entre o a e o S(A) e fazer este mesmo a equivaler ao $-\varphi$. O paradoxal desta tentativa é que o objeto que o sujeito procura englobar é (a)sexuado. Ele o é justamente por ser o a sexuado em sua versão de gozo, de mais-de-gozar e, igualmente, assexuado, por não ser suficiente para dizer da diferença entre os sexos. Apenas com o objeto a, a não identidade entre os sexos não se mostra. Na fantasia, somos todos sujeitos barrados (lado homem) procurando fazer relação com o a. O significante e a fantasia (com seu objeto) seriam, assim, insuficientes para resolver os impasses do gozo.

Por meio de suas fórmulas da sexuação, Lacan pôde finalmente avançar em relação ao problema por ele designado como inscrição nos modos de gozo. Ele foi bastante claro, os sujeitos inscrever-se-iam no modo todo fálico (lado Homem) ou não-todo fálico (lado Mulher).

A partir das fórmulas, a questão sobre os modos de relação do Falo com o a, lembremos, (a)sexuado, expandir-se-ia para a verificação sobre as outras letras indicadas por Lacan como pertinentes ao Real: A e S(A).

Se a travessia da fantasia está posta em um tempo final de uma análise, podemos também frisar que Lacan ainda deu outros passos. Em seu *Seminário XXIV, L'insu*, ele procurou distinguir um fim de análise, propondo-nos que não se trata de um final pela via da identificação ao inconsciente (ou pelo sentido) nem mesmo pela identificação ao analista, mas sim enquanto identificação ao sinthoma. Se o inconsciente foi descoberto por Freud e é descoberto em uma análise, quando o "*trique*" (um bastão resultante do envelopamento pelo simbólico dos elos do imaginário e do real) se põe a falar e falar, trata-se de verificar uma outra operação para o final, uma operação que marque certa descontinuidade em relação aos processos identificatórios.

Esta colocação convoca os dizeres de Lacan sobre o sinthoma. Podemos reconhecer que, quanto a isso, ele fora bastante preciso: o sinthoma não implica o sentido ou o enxame encadeado do sintoma enquanto mensagem do Outro. O sinthoma, enquanto uma função, mostra-nos aquilo que do inconsciente pode traduzir-se por uma letra, isto de modo que nesta letra a





identidade de si a si esteja isolada de qualquer qualidade. A identificação ao sinthoma envolve, conforme ele bem disse, conhecer (no sentido sexual), saber lidar com, saber se virar com ele, manipulá-lo etc. O sinthoma se refere, enfim, ao modo como cada um goza de seu inconsciente (real), de *alíngua*. Se não nos é possível predicar ou qualificar esse sinthoma-letra, isso se deve ao fato de estarmos entre o impossível do dizer e a contingência da escrita.

Pois bem, Lacan havia destacado, em seu *Seminário XXIII*, que no sinthoma não há equivalência entre o homem e a mulher. Mais ainda, não há equivalência e há relação. Verifiquemos detidamente a citação:

Na medida em que há sinthoma, não há equivalência sexual, isto é, há relação. Com efeito, se a não relação deriva da equivalência, a relação se estrutura na medida em que não há equivalência. Há, portanto, ao mesmo tempo, relação sexual e não há relação. Há relação na medida em que há sinthoma, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo sinthoma (LACAN, 1975-76/2007, p. 98).

A não equivalência entre o homem e a mulher implica, pela via do sinthoma, a relação sexual. No sinthoma o Outro sexo, A mulher, encontra seu suporte.

Entretanto, para que possamos seguir por estas linhas, retomemos alguns pontos. Lembremos que a fantasia, segundo Lacan formulou, seria uma tentativa do sujeito de escrever a relação sexual, fazer proporção (e complementação) entre os sexos, e isso por meio da punção entre sujeito e objeto. Na fantasia, somos todos sujeitos barrados (lado homem) procurando fazer relação com o *a*. Conclusão de Lacan, que encontramos em seu *Momento de concluir*: "Não há relação sexual, certamente, salvo entre fantasias" (LACAN, aula de 20 de dezembro de 1977, inédito).

Lacan permanece fiel a seu impossível (o fundamento da psicanálise): não há relação sexual, porém, abre suas exceções: fantasias (gerações vizinhas) ou o sinthoma.

Uma indagação faz-se, assim, imprescindível: encontramos bases homólogas para sustentarmos ambas as asserções? A relação sexual própria ao sinthoma é simétrica àquela da fantasia?

Diríamos que no sinthoma, homem e mulher não equivalem entre si. Lacan tentou mostrar isso com os nós. No quadro das fórmulas da sexuação talvez possamos localizar a não equivalência entre os sexos nas inscrições de gozo: fálico de um lado, Outro gozo (não-todo fálico) de outro.

Por outra via, desde seu *Seminário XXIV* até seu *Momento de concluir* Lacan afirmara que há relação sexual entre gerações vizinhas.



Enunciei, colocando no presente, que não há relação sexual. Este é o fundamento da psicanálise. Pelo menos me permito dizê-lo. Não há relação sexual salvo entre as gerações vizinhas, a saber, os pais de um lado, os filhos de outro. É isso que – falo da relação sexual – a interdição do incesto evita (LACAN, aula de 11 de abril de 1978, inédito).

Voltaríamos à *Nota sobre a criança* e acompanharíamos Lacan (1969) em sua sacada clínica segundo a qual os pais tomam os filhos como objetos. Ou mesmo ao seminário sobre A ética da psicanálise, no momento em que Lacan nos fala sobre o "incesto fundamental" (LACAN, 1959-60/1997, p. 87), qual seja, aquele filho-mãe, aquele que se dirige à Coisa materna. Também lembraríamos a asserção que o homem toma uma mulher como objeto causa de seu desejo. Se voltarmos ao quadro da sexuação e ao nosso argumento anterior, verificaríamos que a relação que se propõe é justamente aquela entre sujeito de um lado e objeto de outro. Caso estabeleçamos esta linha para dizer sobre a não equivalência (entre sujeito e objeto) e sobre a relação sexual (entre sujeito e objeto) não estaríamos de volta à fantasia? Ou melhor, não seria justamente a isso que visa a fantasia? Afinal, só é dado ao sujeito, na fantasia, atingir seu parceiro que é o Outro, por meio do objeto. Parece ser preciso sustentar que a não equivalência entre os sexos, no sinthoma, não é da ordem da realização fantasmática. Se o sinthoma sustenta o impossível, a fantasia faz do impossível, impotência. O sinthoma, ao mostrar a não equivalência entre o homem e a mulher, talvez permita, a um só tempo, o modo de gozo relativo a S(A) e o necessário de S₁.

Interessante pensarmos que a não equivalência e a não simetria entre o homem e a mulher, postos na via do sinthoma, chamam a abertura da lógica não-toda e do efeito de um além do significante (e da significação fálica). Esta visada do sinthoma, da identificação ao sinthoma quanto um signo, quanto aquilo que é da ordem da cifra, e que prova um impossível, pode nos implicar nesta diferenciação em relação ao que seria uma realização fantasmática. O suporte que A mulher encontra no sinthoma não é da mesma ordem que o atingir o parceiro por meio do objeto.

Pensemos, finalmente, sobre o texto de Wajdi. Inspiremo-nos, antes, por mais uma citação de Lacan que aponta para nossas colocações até aqui presentes. Sobre a relação sexual, ele afirmou:

Não há, salvo incestuosa. É exatamente o que nos adiantou Freud – não há relação, salvo incestuosa ou assassina. O mito de Édipo designa isso, que a única pessoa com quem alguém deseja deitar-se é





sua mãe, e o pai, se o mata – Édipo matou alguém que não conhecia e se deitou com quem não tinha a menor ideia de que fora sua mãe (LACAN, aula de 15 de março de 1977, inédito).

Com a leitura do testamento da mãe, Sra. Nawal Marwan, os gêmeos Simon e Jeanne Marwan recebem informações sobre o modo de partilha de seus bens. O notário Jean Lebel, encarregado da leitura, indica as diretrizes sobre o enterro que deve, então, acontecer sem caixão, com a mulher nua, seu o rosto voltado para o solo e de costas para o mundo:

Nenhuma pedra será pousada sobre minha tumba. E meu nome gravado em lugar nenhum. Nada de epitáfio para aqueles que não cumprem suas promessas. E uma promessa não foi cumprida. Nada de epitáfio para aqueles que mantêm o silêncio. E o silêncio foi mantido. Nada de pedra. Nada de nome sobre a pedra. Nada de epitáfio para um nome ausente sobre uma pedra ausente. Nada de nome. A Jeanne e Simon, Simon e Jeanne. A infância é uma faca plantada no pescoço. Não é fácil tirar (MOUAWAD, 2013, pp. 25-26).

Sr. Lebel entrega uma carta a Jeanne, com a solicitação que seja entregue ao pai e outra carta a Simon, pedindo-lhe que entregue a um irmão (esta última destinada assim: carta ao filho). Ela deixa escrito, então, que quando as cartas chegarem aos destinatários o silêncio terá sido quebrado e uma promessa terá sido cumprida. Apenas assim ela poderá ter uma lápide em seu túmulo como o anúncio de um enterro digno (ter um nome – tirar a faca plantada no pescoço – voltar a ter voz).

Eles não sabiam da existência deste irmão e acreditavam que o pai estava morto. Após alguma hesitação, primeiro Jeanne, depois Simon, resolvem partir para a terra natal da mãe.

Aturdida com aquilo que acabara de descobrir, Jeanne fala em uma aula de matemática (pura):

[...] uma matemática que tratará de problemas insolúveis que levarão, vocês sempre, para outros problemas também insolúveis [...] Sua maneira de falar vai mudar e, ainda mais profundamente, sua maneira de se calar e de pensar [...] Bem-vindos à matemática pura, quer dizer, ao país da solidão. Introdução à teoria dos grafos (MOUAWAD, 2013, p. 34).







A peça nos conta a história da mãe, Nawal. Nascida em um pequeno povoado, havia engravidado de um grande, mas proibido amor e assim "desonrado" a família. Quando nasce o bebê, ela vai morar na cidade (onde passa a estudar) e a criança é levada a um orfanato para adoção. Ela promete reencontrá-lo. A promessa, feita também em concordância com o então amado (Wahab): aconteça o que acontecer, te amarei para sempre!

Nawal coloca um nariz de palhaço entre as coisas do bebê (nariz que ganhara de presente de Wahab, porque ele a vira rindo muito quando assistiram a um teatro ambulante – uma marca do pai). O menino é levado. Ela se muda para outra cidade.

Sua avó, antes de morrer, pede a Nawal que ela aprenda a ler, aprenda a escrever, aprenda a contar, aprenda a falar (*Ibid.*, p. 48). Sua única chance de não mais repetir a sina familiar e então desprender-se da rede de raiva existente entre as mulheres daquela família. Quando Nawal aprendesse a escrever, ela poderia escrever (gravar) o nome da avó no túmulo desta.

Nawal descobre, logo depois, que o local para onde o pequeno tinha sido levado havia sido incendiado. Acreditando que o filho fora morto pela guerra civil instalada na região, procura vingar-se dos supostos criminosos. Vai trabalhar na casa do autor de vários atos sanguinários e consegue matá-lo. É presa, e na prisão passa a ser estuprada constantemente por um carrasco. Ali, na prisão, fica conhecida como "a mulher que canta" (ela aprendeu a cantar com uma amiga, Sawad, companheira nos momentos de enfrentamento político, durante a guerra civil que devastava o país), nos momentos em que a vida estava "em volta da faca" (*Ibid.*, p. 82). Ainda na prisão, Nawal engravida (do carrasco) e dá à luz aos gêmeos. Eles são cuidados por uma mulher até Nawal sair da prisão. Recebe ajuda e pode, enfim, sair do país. Passa a morar no Canadá.

Jeanne, procurando saber sobre sua mãe, encontra-se com um enfermeiro que cuidou de Nawal até a morte. Ele diz a Jeanne: "A voz da sua mãe ressoa ainda nos meus ouvidos: 'Agora que estamos juntos, melhorou'. Foram exatamente as palavras que ela pronunciou" (*Ibid.*, p. 52). A frase "Agora que estamos juntos, melhorou!" era a frase que Nawal e o amado diziam um para o outro até o momento em que foram brutalmente separados.

Ele conta a Jeanne que sua mãe permaneceu cinco anos em silêncio e que gravara este "silêncio" durante as noites. Dito isso, entrega-lhe as fitas. Jeanne e Simon escutam o silêncio gravado da mãe. Simon se recusa a continuar escutando. Jeanne diz: "Tem alguma coisa no silêncio da minha mãe que eu quero compreender" (*Ibid.*, p. 60).

Durante sua investigação, os gêmeos ficam sabendo que o irmão, Nihad, fora salvo do ataque ao orfanato e treinado para lutar. Também lhes informam que





ele queria muito encontrar a mãe. Tornou-se um franco-atirador e em determinado momento vai a uma prisão e lá trabalha como torturador. Quando se torna torturador muda de nome e passa a se chamar Abou Tarek (o nome do pai).

Ao receber esta última informação, Simon diz a Jeanne: Um mais um é igual a dois, não pode ser igual a um. Jeanne, um mais um pode ser igual a um? Ela entende, após alguns segundos, o que o irmão lhe dizia, e solta um angustiado grito, paradoxalmente quase silencioso. Nihad é Abou Tarek.

Os gêmeos encontram Nihad, sob outra identidade, e lhe entregam um envelope com as duas cartas. Ele as lê. Primeiro a carta ao pai, na qual ela conta sobre os filhos e assina "a puta do 72". A segunda, ao filho, diz assim:

Te procurei por toda parte [...] aconteça o que acontecer, te amarei para sempre [...] para preservar o amor, escolhi cegamente me calar [...] Você tem Jeanne e Simon diante de você, e já que você nasceu do amor, eles são irmão e irmã do amor [...] Esta carta estou escrevendo com o frescor da noite. Ela vai te contar que a mulher que canta era tua mãe. Talvez você também venha a se calar. Então seja paciente. Estou falando com o filho, pois não estou falando com o carrasco. Seja paciente. Para além do silêncio. Não há nada mais lindo que estar junto. Tua mãe (*Ibid.*, p. 129).

Ela deixara ainda uma carta para cada um dos gêmeos, na qual dizia assim:

Simon,

Será que você está chorando? Se estiver chorando não seca tuas lágrimas, pois não seco as minhas. A infância é uma faca enfiada no pescoço e você soube retirá-la. Agora, é preciso reaprender a engolir a saliva. Às vezes é um gesto muito corajoso. Engolir a saliva. Agora, é preciso reconstruir a história. A história está em migalhas. Devagarinho. Consolar cada pedaço. Devagarinho. Curar cada lembrança. Devagarinho. Ninar cada imagem (*Ibid.*, pp. 130-131).

Jeanne,

Será que você está sorrindo? Se estiver sorrindo não segura teu riso. Pois não seguro o meu. É o riso da raiva. O das mulheres andando lado a lado. Eu teria chamado você de Sawda (a mulher que canta). Mas esse nome ainda ao ser soletrado, em cada uma de suas letras, é uma ferida aberta no fundo do meu coração. Sorri, Jeanne, sorri. Nossa família, as mulheres da nossa família estão todas presas numa teia de raiva. Tive raiva da minha mãe. Assim como você tem raiva de mim. E assim como minha mãe teve raiva da mãe dela. É preciso quebrar esse fio.







Jeanne, Simon,

Onde começa a história de vocês? No nascimento de vocês? Então, ela começa no horror. Com o nascimento de seu pai? Então, é uma grande história de amor. Mas voltando ainda mais longe, talvez se descubra que essa história de amor tem sua origem no sangue, no estupro, e que, por sua vez, o sanguinário e o estuprador têm sua origem no amor. Então, quando perguntarem a história de vocês, digam que a história de vocês, sua origem, volta até o dia em que uma moça voltou para sua aldeia natal para gravar o nome de sua avó Nazira sobre seu túmulo. Ali começa a história, Jeanne e Simon. Por que não ter contado a vocês? Há verdades que só podem ser reveladas quando descobertas. Vocês abriram o envelope, vocês quebraram o silêncio. Gravem o meu nome sobre a pedra e coloquem a pedra sobre meu túmulo. Sua mãe (pp. 131-132).

Depois disso, Jeanne e Simon voltam a escutar o silêncio da mãe.

1 + 1 = 1. Há relação sexual entre gerações vizinhas. Há relação sexual, quando incestuosa. Ou, recolocando os termos da realização fantasmática: há relação sexual entre fantasias. O enredo desta peça mostra e prova este fundamento da psicanálise descoberto por Freud, mas formalizado (e matematizado) por Lacan. Se o encontro entre Narwal e Nihad está posto como um elemento do destino, com o qual se traduz o amor (e o horror) e as promessas de fazer valer a relação sexual pela não equivalência entre sujeito e objeto, isto pode servir-nos também como demonstração daquilo pelo qual o sinthoma se distingue. E para isso, para que haja uma não equivalência entre o homem e a mulher, seria preciso travessia... o sinthoma ultrapassa a fantasia.

Ao fazerem valer a mulher que canta e romperem tanto a rede da raiva quanto a frase fantasmática: "a infância é uma faca enfiada no pescoço" que cala a voz e não ouve o silêncio, Jeanne e Simon não seriam personagens de travessia?

Ao desenveloparem a carta e quebrar o mutismo (este cheio de esperanças de significantes) para então ouvir o silêncio, os gêmeos não teriam restaurado um nó? Ou seja, não teria o silêncio ocupado finalmente seu lugar e sua função de causa (agente) de enodamento?

Eles devolvem a letra (nome) a quem havia perdido sua condição de sujeito e permitem uma promessa de amor, para além do horror da realização fantasmática-incestuosa. A voz da mulher que canta, que conta, que escreve,





que fala e lê aparece na última cena, no prestar-se ou emprestar-se a ouvir de Jeanne e Simon, ouvir o silêncio da voz. Dali, uma mulher (não-toda) pode se escrever? Contingência de uma história inaugurada não pelo ódio (ao carrasco) nem pelo amor prometido (ao filho), mas pela escrita do nome da avó que lançou uma aposta (que envolvia, também, a quebra da linha de raiva entre mães e filhas). Escrita que aponta o feminino (para além da mãe ou das mães).

E no final: um corpo (ouvidos) que ressoa e deixa viver a pulsão, feita de silêncio (a voz).

Enfim, haveríamos ainda que localizar um ponto além, ponto de identificação, fora do campo do sentido, que permitisse a cifra, que cingisse a letra-sinthoma. A peça não nos traz este dizer. Muito embora sobremaneira nos coloque os elementos de um instante de travessia, aponte-nos o lugar da voz, mostre-nos um desenvelopamento e nos prove o feminino (por aposta).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. (1919). Bate-se numa criança. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, v. XVII, 1980.
- LACAN, J. (1957-58). O Seminário livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ______. (1959-60). *O Seminário livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ______. (1966-67). *O Seminário livro 14: A lógica da fantasia*. Rio de Janeiro: Inédito.
- ______. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. (1972-73). *O Seminário livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ______. (1975-76). *O Seminário livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ______. O Seminário livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (1976-77). Inédito.
- ______. *O Seminário livro 25: Momento de concluir* (1977-78). Inédito. MOUAWAD, W. *Incêndios*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.





Um exercício de formalização da peça Incêndios a partir da psicanálise

Conrado Ramos¹

Este pequeno texto é um breve exercício de formalização que visa, como contribuição, *matemizar* análise feita por Gianesi (2016) da peça *Incêndios*, de Wajdi Mouawad.

Consideremos que, dada a lei do incesto, pai (P) e filho (F) não podem ocupar o mesmo lugar em relação a um objeto (a mãe, neste caso). Um modo de representar isto pela teoria dos conjuntos seria dizer que entre P e F não há intersecção, isto é, são disjuntos:

```
P = 1 e F = 1; P U F = 2; mas P \cap F = \emptyset.
ou ainda: P = \neg F e F = \neg P.
```

Do que podemos concluir que: $P \lor F = V e P \land F = F$. Isto é, há uma relação de exclusão entre pai e filho.

Consideremos, por hipótese, que a dimensão de *conflito*, tantas vezes apontada por Freud na neurose, seja no que diz respeito à construção da fantasia, seja em relação à formação sintomática, se fundamenta a partir de uma contradição lógica. Isto significa dizer que na lógica neurótica vamos encontrar sempre um conflito assentado em duas proposições tomadas como contradição uma da outra, muito embora, por causa mesmo da neurose, suas premissas sejam falsas. É deste modo que encontramos, por exemplo, no *Homem dos Ratos* (FREUD, 1909/1996), todo o conflito central da neurose calcado na contradição suposta entre escolher o pai ou a dama. Contradição fundada em premissas falsas, posto que seria possível escolher os dois ou nenhum deles.

Se esta nossa hipótese se sustenta, podemos afirmar que o conflito do texto de Mouawad ilustra muito bem a estrutura da neurose ao fundar o conflito central do desenvolvimento do enredo numa relação de contradição entre $P \in F$, ou seja: $P = \neg F \in F = \neg P$, mas de modo que $P = \Phi x \in F = \neg \Phi x$.



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP, AME da EPFCL.



Avancemos aqui outra hipótese e consideremos que a lógica neurótica faz operar as proposições contraditórias de modo logicamente paraconsistente.² (Com isto estamos a dizer que a lógica neurótica é paraconsistente, mas não que a lógica paraconsistente seja neurótica.) Deste modo, se o enredo de *Incêndios* nos permite ilustrar a lógica da estrutura neurótica, ele o faz ao colocar o conflito principal como uma verdade fantasmática equivalente a:

P=1 e F=1, $P\cap F=P$ U F=1; porém, como vimos, se $P=\Phi x$ e $F=\neg \Phi x$. O que nos leva a concluir que: $\Phi x \land \neg \Phi x=V$, paraconsistententemente. Citando Gianesi (2016, p. 73):"1 + 1 = 1. Há relação sexual entre gerações vizinhas. Há relação sexual, quando incestuosa. Ou, recolocando os termos da realização fantasmática: há relação sexual entre fantasias".

Se a verdade fantasmática é paraconsistente, seu atravessamento implica a sua reversão lógica, em outros termos: se a lógica paraconsistente derroga o princípio da não contradição para o qual entre duas proposições contraditórias uma é falsa($\Phi x \land \neg \Phi x = V$, modo lógico de escrever que ambas proposições contraditórias são verdadeiras), a lógica paracompleta, de modo inverso, derroga o princípio do terceiro excluído para o qual entre duas proposições contraditórias, uma é verdadeira ($\Phi x \lor \neg \Phi x = F$, modo lógico de escrever que ambas as proposições contraditórias são falsas). Isto é: se para a verdade fantasmática ambas são verdadeiras, seu atravessamento implica concluir que ambas são falsas. Isto equivale à seguinte formulação paracompleta:

P ou F = Falso, o que é o mesmo que dizer que não-P + não-F é verdadeiro; ou, se P = 1 e F = 1, \neg (P U F) = \neg P \cap \neg F = Ø, o que é paracompletamente verdadeiro se continuarmos a considerar que P = Φ x e F = \neg Φ x.

76

Livro Zero

 \odot

² Abe (2011) define muito bem as lógicas paraconsistente e paracompleta:

[&]quot;Uma teoria (dedutiva) T, assentada na lógica L, diz-se consistente se entre seus teoremas não existem tais que um seja a negação do outro; em hipótese contrária, T denomina-se inconsistente. A teoria T chama-se trivial se todas as sentenças (fórmulas fechadas) de sua linguagem forem teoremas; se isso não ocorrer, T é não trivial. Se L for uma das lógicas comuns, como a clássica e a intuicionista de Brouwer-Heyting, T é trivial se e somente se for inconsistente. Em outras palavras, lógicas como essas não separam os conceitos de inconsistência e trivialidade. L denomina-se paraconsistente se puder funcionar como fundamento de teorias inconsistentes e não triviais. Dito de outro modo, uma lógica paraconsistente mostra-se capaz de manipular sistemas inconsistentes de informações sem o perigo de trivialização. (Somente em certas circunstâncias específicas a presença de contradição implica trivialização.)

Semelhantemente, introduzimos o conceito de lógica paracompleta. Uma lógica é chamada paracompleta se pode funcionar como a lógica subjacente de teorias nas quais há fórmulas tais que essas fórmulas e suas negações sejam ambas falsas. Uma teoria é chamada paracompleta se sua lógica subjacente é uma lógica paracompleta.

Como uma consequência, teorias paraconsistentes não satisfazem o princípio da não contradição, que pode ser expressa como segue: de duas proposições contraditórias (isto é, uma delas é negação da outra); uma deve ser falsa. Além disso, teorias paracompletas não satisfazem o princípio do terceiro excluído, formulado como se segue: de duas proposições contraditórias, uma deve ser verdadeira" (pp. 32-3).



Esta formulação, que nos coloca diante da *suspensão* da verdade fantasmática verificada na também *suspensão* das proposições contraditórias, podemos encontrar no texto da peça, no apontamento do vazio do objeto que localizamos quando a contingência põe em jogo o que não se sustenta nem no ódio ao pai, nem no amor ao filho. Desta formulação *nem*, *nem*, na qual encontramos a paracompletude do atravessamento da verdade fantasmática, resulta a assunção da castração e a queda do objeto voz, o que faz passar o objeto *a* ao campo da causa, articulando-o à letra. Isto fica bem claro no seguinte trecho de Gianesi:

Eles devolvem a letra (nome) a quem havia perdido sua condição de sujeito e permitem uma promessa de amor, para além do horror da realização fantasmático-incestuosa. A voz da mulher que canta, que conta, que escreve, que fala e lê aparece na última cena, no prestar-se ou emprestar-se a ouvir Jeanne e Simon, ouvir o silêncio da voz. Dali, uma mulher (não-toda) pode se escrever? Contingência de uma história inaugurada não pelo ódio (ao carrasco) nem pelo amor prometido (ao filho), mas pela escrita do nome da avó que lançou uma aposta (que envolvia, também, a quebra da linha de raiva entre mães e filhas). Escrita que aponta o feminino (para além da mãe ou das mães). E no final: um corpo (ouvidos) que ressoa e deixa viver a pulsão, feita de silêncio (a voz) (p.73).

Temos, assim, que o atravessamento da fantasia ilustrado pela peça de Mouawad e a direção ao campo do não-todo que o enredo nos sugere, se dá na suspensão da verdade que se localiza formalmente na passagem da lógica paraconsistente à lógica paracompleta, ou: de $\Phi x \land \neg \Phi x = V$ para $\Phi x \lor \neg \Phi x = F$. Ou ainda: de $P \cap F = P$ U F = 1 para \neg (P U F) = $\neg P \cap \neg F = \emptyset$, considerando-se que P = 1 e que F = 1.

Essa passagem de uma lógica a outra equivale, no campo da neurose, à suspensão dos sentidos e das consistências da fantasia, o que nos coloca diante do sem sentido do real e do furo do objeto a como causa de desejo que a fantasia vinha tamponar fazendo, simultaneamente, o objeto a, como mais-de-gozar, ex-sistir e escapar, no horizonte sempre fantasmático e inalcançável do sujeito neurótico. Ao deixar cair a paraconsistência da novela neurótica que se enreda em torno de um objeto que se faz existir como falta, o sujeito desejante pode encontrar o objeto como causa. Suspender a verdade do objeto que existiria sempre, mas que também faltaria sempre, é deparar-se com a dimensão de impossível na qual este objeto se encontra,



e fazer deste impossível a abertura para a contingência e a invenção de um significante novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABE, J. M. Lógica paraconsistente anotada evidencial Et. Santos: Comunicar, 2011.
- FREUD, S. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: FREUD, S. *Obras PsicológicasCompletas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Volume X. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.137-274.
- GIANESI, A.P.L.Incêndios: 1+1=1 e seu passo, dizer a voz (posta no silêncio). *Revista Livro Zero*, n. 7. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2016
- MOUAWAD, W. Incêndios. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.







Espaço Aberto





Um(a) fala (ser): Vicissitudes do bebê e sua mãe em uma un(i)dade hospitalar

Ana Lúcia N. Girardi¹

Este texto trata-se de uma experiência de algum tempo, porque não dizer de um longo tempo. É o tempo, a temporalidade que marca a nomeação deste trabalho, a saber, "Um(a) fala (ser): Vicissitudes do bebê e sua mãe em uma un(i)dade hospitalar".

Inicio pela última parte da nomeação, "un(i)dade hospitalar", que está grafada desta maneira na medida em que pretendo, menos do que me ater à universalidade que comporta este termo, discutir a acepção relativa à unicidade, único, o próprio, a propriedade desta un(i)dade da qual faço parte, uma parte, parto. Trata-se de um hospital público referência para vinte e cinco municípios da região de Assis – SP, no atendimento materno-infantil, classificado como de alta complexidade pelo Sistema Único de Saúde (SUS), porque presta atendimento, especialmente a casos considerados de alto risco.

O hospital implantou o Método Mãe-Canguru como programa central de atendimento materno-infantil. Tal abordagem é integrante de projeto de política pública federal, inserida em Programa de Humanização do atendimento ao recém-nascido pré-termo, e tem como objetivo especialmente estabelecer e manter o *vínculo mãe-filho* e garantir o *aleitamento materno*. Entende-se que, para viabilizar essas metas, é primordial a *presença da mãe durante todo o percurso de recuperação do bebê* no período de internação hospitalar.

Ainda sobre o único, próprio desta instituição, incluo a minha presença. Trata-se de minha participação, desde a inauguração da UTI neonatal, bem como a instituição do Método Mãe-Canguru que se deu inicialmente a partir do referencial fonoaudiológico, e é a partir deste significante que a série foi lançada.

Ainda nesta esteira de reflexões é por/pelo significante fonoaudiológico que os pedidos são formulados e endereçados, a saber, para solucionar as



¹ Fonoaudióloga, psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano SP.



dificuldades de alimentação dos bebês, incluindo as dificuldades no estabelecimento da amamentação materna. Aí está mais uma parte da un(i) dade na qual estou implicada.

O lugar de Um analista que vem sofrendo ressignificações e reposicionamentos a partir do percurso na psicanálise, bem como da disposição e entusiasmo de dar lugar aos enlaces e desenlaces que comportam o encontro com bebês e mães.²

Podemos dizer com a psicanálise, que minha entrada se dá pelo que é de mais primário no humano, a zona oral. É justamente a boca, e o que comporta de especificidade desta zona na relação primitiva com a mãe, que localizo minha intervenção como analista.

Uma intervenção que se dá, por um lado, pelo encontro com bebês que imediatamente ao nascer são separados do invólucro no qual permaneceram por algum tempo no ventre de uma mulher e são submetidos aos tratamentos possíveis da medicina. Bebês nascidos prematuramente, ou seja, que não permaneceram o tempo suficiente no corpo da mãe para os acabamentos mínimos à sobrevida: não têm condições de respirar e apresentam sistema digestivo imaturo, impossibilitando a digestão do alimento, bem como insuficiência dos mecanismos orais.

Uma imagem – um ser de 830 gramas dentro de uma incubadora, com um tubo alojado em sua boca, que garante a respiração; em seus braços, agulhas acopladas para a medicação e alimentação; e nos pés, fios acoplados que monitoram a frequência cardíaca. O seu rosto demonstra dor, um profundo desamparo.

Por outro lado, o encontro com a mãe do bebê, que geralmente ocorre durante a temporalidade que comporta a internação hospitalar e, portanto, minha presença desde esta cena da qual mencionei anteriormente, a saber, o limite entre a vida e a morte.

Um tempo de sustentação do qual escuto e presencio as elaborações feitas pela mãe a partir do real do corpo de seu filho, que é costurado, também, a partir da interpretação feita por/pela discursividade da equipe responsável pelo cuidado do bebê, principalmente ao que está assentado pelo discurso médico (previsão médica). Escuto, também, o alinhavo produzido pela mãe, de pedaços, estilhaços de uma discursividade referente ao da equipe com a questão do forte incentivo ao aleitamento materno, pois as mães são orientadas sobre como retirar o leite, o armazenamento, com a promessa do



 \bigoplus

² Refiro-me ao meu empreendimento com a experiência do bebê e sua mãe em uma un(i) dade hospitalar, no qual incluí também minha dissertação de mestrado (2002) e a tese de doutorado (2008).



oferecimento ao bebê quando ele estiver com condições clínicas para mamar.

A despeito do *modus operandi* de uma instituição hospitalar que preza pelos protocolos, a rigidez com suas rotinas e suas normas, podemos dizer que há uma aposta pela vida. Desde o momento da internação do bebê há uma abertura para a família – principalmente para a mãe – para que faça visitas diárias ao bebê: mães e pais têm livre acesso à unidade.

Um ponto importante: localizo a "promessa da amamentação" como o enlace em torno do qual vai circular a função desta mulher como mãe para este filho, bem como, inicialmente, é a partir deste significante que o analista terá o seu lugar.

Quero aqui introduzir a questão abordada por Lacan no *Seminário A Relação de Objeto* (1956-1957), no qual ele anuncia que é o objeto enquanto – falta de objeto – que é central na relação do sujeito com o mundo, articulado à posição que a função fálica assume na constituição subjetiva. Lacan nos adverte que este passo da psicanálise é tributário a Freud a partir da elaboração – que o objeto para o homem jamais será senão um reencontro a partir de uma busca marcada pelo estilo primeiro do objeto.

Com efeito, objeto que inicialmente é ponto de ligação das primeiras satisfações da criança com a mãe, que surge pelo sistema primário de prazer, do qual é radicalmente perdida, pela entrada do princípio de realidade, instaurando assim a nostalgia, por meio da qual se exerce todo esforço na busca da satisfação passada.

O que Freud introduz com esta formulação é uma hiância radical entre o que o sujeito procura e o que se acha na medida em que há uma divisão, fundamentalmente conflitual, tanto no objeto reencontrado, quanto no próprio fato de sua descoberta, pois existe sempre uma discordância do objeto reencontrado com relação ao objeto procurado.

Como esta formulação se liga ao propósito desta minha transmissão? Mais especificamente, o que desta formulação teórica enlaça a questão da zona oral, bem como as vicissitudes da mãe e do bebê?

Faço a hipótese de que é justamente no campo do objeto, neste primeiro tempo, da instituição da zona oral como erógena que culmina a possibilidade de se cumprir a promessa da amamentação. Promessa que está ao lado da possibilidade do infans, em uma condição de extrema insuficiência, especificidade da qual se trata esta minha experiência com os bebês nascidos prematuramente, de "deixar-se alimentar". Uma dimensão que



³ Esta expressão foi retirada do Seminário A Transferência, da seguinte citação: "Por força da estrutura significante, a demanda de ser alimentado responde, no lugar do Outro, a demanda de se deixar alimentar – deixar-se alimentar" (LACAN, 1960-65, p. 201).



ocorre na relação com mãe a partir de uma temporalidade que envolve a questão do objeto.

Lacan nos adverte, no *Seminário A Relação de Objeto* (1956-57), que a noção de relação de objeto é impossível de compreender se não pusermos o falo como um elemento terceiro do jogo de posições⁴ da mãe e da criança, modelada por uma relação imaginária, na medida em que existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo que a criança simboliza ou realiza mais ou menos.

É tão somente neste registro do "mais ou menos" que se assenta a posição do infans com o seio dado a inevitável introdução da discordância assentada pela premissa simbólica, a partir dos primeiros jogos, o acoplamento presença-ausência. Articulado de modo extremamente precoce pela criança do qual conota a primeira constituição do agente da frustração que é originalmente a mãe.

Neste ponto o que está em questão é o registro do apelo, que longe de invocar toda a ordem simbólica, ela nos mostra o começo que é demonstrado pela escansão "o objeto materno é chamado propriamente quando está ausente, e quando está presente rejeitado" (LACAN, 1956-57, p. 177), suporte da primeira relação amorosa, da mãe com o objeto do apelo e, portanto, tão ausente quanto presente.

Pode-se assim dizer:

Existem, por um lado, os seus dons, que são signos de amor, e como tais apenas isso, isto é, são anulados na medida em que sejam qualquer coisa além de signos de amor. Por outro lado, existem os objetos de necessidade, que ela se apresenta à criança sob a forma de seu seio (LACAN, 1956-57, p. 177).

Portanto, o que está em questão na alimentação é uma atividade erotizada, em que a satisfação pela necessidade trata-se de uma compensação da frustração do amor da qual está articulada ao investimento que se dá primeiramente no campo do agente materno e "destaca a irredutibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não na vida segundo as satisfações das necessidades, mas de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo" (LACAN, 1969, p. 369).

Retomando o significante da primeira parte da nomeação desta minha



⁴ Jogo de Posições da Mãe e da Criança – Ensaio sobre o Transitivismo (2002), título da obra de Bergès e Balbo.



comunicação "Um(a) fala (ser)", com efeito, uma construção que escuto tão somente enquanto enigma, das vicissitudes de Um bebê e sua mãe. Sigo com minha formulação sobre a experiência.

Conforme dito anteriormente, os encontros com a mãe ocorrem desde o período inicial de internação do bebê, momento em que se encontra na UTI neonatal, um tempo em que de fato há uma incerteza sobre a vida e o que se confronta é um pedaço de carne, um pedaço de corpo, pela condição precária, despedaçada, prematura, insuficiente daquele estado.

A cada vez, diante disso, no lugar de analista, uma questão é presentificada: o que pode o ser diante do desamparo? A resposta que sustento diante da mãe é que há algo que pode retirar o ser do "disamparo", "dis-amparo", o diz, dizer, o dito, a fala, a voz pode amparar, retirar este corpo desta extrema insuficiência.

Dar lugar ao ser a partir da voz, e que inevitavelmente está acompanhado pela função radical da miragem, eis a instalação do corpo, na única dimensão possível ao humano, a saber, corpo pulsional.

Desde esse tempo, ainda que de extremo risco, há um movimento da equipe para a aproximação da mãe com o filho, sendo a principal estratégia – colocar o bebê no colo de sua mãe. Se esta estratégia, por um lado, traz um espaço, fundamental para entrada da mãe, por outro lado dá-se-a-ver um outro movimento.

Trata-se de um traço pelo modo com que a mãe se relaciona inicialmente, e por vezes, por algum tempo com seu filho, e da atribuição de um saber exclusivo aos profissionais acerca do bebê, o qual é demonstrado pelo corpo – um certo impedimento de, por exemplo, ficar com o filho no colo, e quando aceita este investimento muitas vezes cai em um embaraço que resulta no pedido: "acho que é melhor você guardá-lo".

Levanto a hipótese de que isto se deve também ao tempo crítico entre a vida e a morte, e que de fato tende a retirar de cena a subjetividade já que se trata da possibilidade ou não da sobrevivência. O que entra em cena neste tempo são os cuidados empreendidos pela equipe, bem como os inúmeros procedimentos que exigem grande esforço dos profissionais. Toda esta conjuntura é revertida em uma espécie de saber sobre o que seria bom para o bebê, transmitido à mãe em ato a partir dos inúmeros ensinamentos que se introduz na medida da aproximação dela com o filho. Tal ocorrência tem efeitos, e um deles é uma recorrência constante da mãe por um saber que comporte uma universalidade para então lidar com o seu filho.

O estreitamento de minha ligação com a mãe se dá efetivamente no momento em que a equipe médica endereça o pedido "ensinar a dar de mamar".





Sou convocada a olhar, olhar para o corpo e para os gestos da mãe quando empreendem a ação, muitas vezes inaugural, de aproximar o seu filho junto ao seu tronco para a amamentação. Como fazer com a roupa, qual lado escolher, como posicionar o corpo do filho em seu próprio corpo, a boca do bebê e o seio. São decisões, vacilações.

Há, obviamente, efeitos distintos deste dito no modo como a mãe se porta diante de mim, de absoluta passividade esperando algo do meu saber; outras mulheres já iniciam um fazer, ainda um outro fenômeno, uma certa rejeição a algo que eu possa contribuir. Mas o que me interessa neste trabalho é rever as vicissitudes destes jogos de posições entre bebê e mãe, dos quais estou implicada a partir da premissa da psicanálise de sustentar a singularidade e a diferença pura.

Cavar um lugar, que restitua um espaço de singularidade que, em muitas vezes não é querido em um primeiro momento. Um tempo de presença do analista que suporta a partir da escuta a invenção⁵ produzida pela mulher até então.

Um tempo de aposta em um modo de saber-fazer com o corpo para "dar de mamar".

Se por um lado recuo deste lugar de um fazer, por outro permaneço, permaneço geralmente sentada na frente da mãe e do bebê sustentando e apostando no enganchamento do corpo. Fazendo face a algum encontro possível entre o seio e a boca.

No Seminário da Identificação (1961-62), Lacan empreende a seguinte análise sobre a relação parcial boca-seio, o primeiro tempo do mecanismo-chave da relação oral parte da mãe. Há uma primeira projeção, no plano do desejo que vem dela, interpretação subjetiva, função de seu próprio fantasma. No entanto, cabe aí, nessa primeira fase da evolução humana, uma resposta que vem do lado da criança. O que conduz à seguinte questão: que resposta é esta? Continuando com Lacan:

Ora, o que vemos nisso que é a relação oral? Antes de tudo, que demanda e resposta se significam para os dois parceiros em torno da relação parcial boca-seio. Poderemos chamar esse nível de nível de significado; a resposta (do infans) vai provocar, no nível da cavidade





⁵ A escuta em relação à "invenção" está orientada ao que Lacan nomeou de Os Complexos Familiares (1938), Mito Individual do Neurótico (1952), bem como em Nota Sobre a Criança (1969). Quando nos ensina sobre "A função de resíduo exercida pela família conjugal na evolução das sociedades, destaca a irredutibilidade de uma transmissão que é de outra ordem que não na vida segundo as satisfações das necessidades, mas de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo" (LACAN, p. 369).



oral, uma atividade de absorção, fonte de prazer; um objeto externo, o leite, vai se tornar substância própria, corporal. A absorção – é daí que ela tira a sua importância e sua significação (LACAN, 1961-62, p. 282).

Deste trecho interessa-me retomar a experiência a partir das particularidades que marcam o percurso destes dois parceiros: de um lado, o bebê diante do oferecimento do seio; de outro, a mãe diante do corpo de seu filho em extrema prematuração. Vale notar que ainda que a mãe receba o aval para iniciar o contato com o filho para alimentá-lo, está-se diante de um corpo que explicitamente produz certa preocupação da equipe. O ritmo respiratório e cardíaco no início deste processo é monitorado por equipamentos e, desta feita a mãe fica capturada pelo imperativo – "reconhecer os sinais de risco do filho durante a amamentação". De fato em alguns horários ocorrem problemas em que se faz necessária a intervenção do profissional da enfermagem.

O que quero sublinhar é que a estrutura que marca a temporalidade do ser com o seio, a saber, demanda e resposta entre os dois parceiros, é construída a partir de um referencial do qual o risco está escancaradamente presente, e inevitavelmente produz os seus efeitos.

O início da alimentação do bebê ocorre na presença da sonda orogástrica. Muitas vezes o bebê passa ali no corpo da mãe dormindo, faz algumas poucas investidas: abre os olhos, movimenta o braço, a perna. As questões surgem quase que imediatamente: e agora, como faço? Como ele vai mamar com isto na boca?

Aposto junto à mãe que ela ofereça. Muitas vezes o excesso na boca do bebê causa grande mal-estar o qual reverbera como uma impossibilidade. Até porque, de fato, nas primeiras vezes o bebê reage com dificuldade em acomodar o seio no já acomodado da sonda em sua boca. Mantenho que se trata de um primeiro tempo. No outro horário lá estão, a mãe e o bebê, uma repetição que se dá de três em três horas, dia a dia.

Me presto, empresto, o olhar, a escuta e, também minha voz para arriscar interpretações que vão à direção de nomear expressões corporais do bebê, bem como de nomear a ausência de reações deste para com o seio. Disponho a escutar as inúmeras questões que surgem em ato: será que ele consegue? Parece que eu não tenho muito jeito pra isto. Será que eu tenho leite? Será que ele pode engasgar? Quando vai tirar isto da boca do meu filho? Vai demorar muito para ele conseguir mamar? Ele só dorme, é normal? "Eu quero dar de mamar, mas parece que ele não quer!"





Tais questões são tomadas com base no referencial do desejo, de um desejo que não seja anônimo, e que institui uma marca particularizada, demanda e desejo do Outro, no que Lacan, partindo de Freud, específicou por zonas corporais, e que culmina nos objetos: oral, da excreção, do olhar e da voz. Quanto ao objeto oral, de fato ainda me valendo da formalização de Lacan (1961-62) se a relação boca-seio e a atividade absorção-alimentação são o numerador da equação representando a relação oral, há também um denominador, o que põe em relação criança-mãe, e é aí que pode se situar o desejo. Dito de outra forma, paralelamente à absorção do alimento haverá introjeção, uma relação fantasmática em que ela e o infans serão representados por seus desejos inconscientes, dando ao seio o seu lugar significante.

Tal princípio de constituição do humano me serve enquanto suporte da ética que sustento junto às mães e seus filhos. Dando lugar à presença da mãe, neste vai e vem, presença/ausência, que implica um movimento e uma circulação de dizeres sobre o bebê que vão desde o retirar o seu filho de três e três horas da incubadora "para dar de mamar", trocar as fraldas, dar banho arriscando, até escolher o melhor horário.

O momento do peso, uma grande falação em torno: "ganhou cinco gramas. Está bom, melhor que perder. Ele manteve". "Será que é porque começou a mamar"? "Está agora com 1.305 gramas." "Ainda temos muito pela frente."

A sonda que sai da boca do bebê, a tentativa da alimentação via oral. Ainda não é possível, quer seja porque permaneceu dormindo e não se alimentou, quer seja porque engasga, retorna. Não foi desta vez.

O tempo vai passando e outro tempo se delineia, o bebê investe na sucção, permanece por algum tempo abocanhado no objeto, o seio. Isto ocorre mesmo na presença da sonda, até que em um certo dia, arranca. Arranca com suas próprias mãos a sonda.

Acorda, antes mesmo da mãe, e começa a chorar. É preciso chamar por ela, o bebê quer mamar.

Um outro tempo tem seu início. O tempo de Um aparecimento.

Termino este texto destacando: um aparecimento/ a-parecimento a partir da noção de que "é pela via do inconsciente do Outro que o sujeito faz sua entrada no mundo do desejo. Seu próprio desejo, ele terá (o infans), antes de mais nada, constituído como resposta, como aceitação ou recusa de tomar o lugar que o inconsciente do Outro lhe designa" (LACAN,1961-62, p. 282).



(

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jorge Zahar Editor, 2003.

BERGÈS, Jean e BALBO, Gabriel (2002). Jogo de Posições da Mãe e da Criança - Ensaio sobre o Transitivismo. Porto Alegre: CMC Editora, 2002. GIRARDI, Ana Lúcia. O Bebê Prematuro no Discurso de suas Mães. 2002. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. _. A Clínica com bebês: Entre o discurso do risco e o laço com a parentalidade. 2008. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. LACAN, J. (1938). Os Complexos Familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. . (1952). Mito Individual do Neurótico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. ____. (1956-57). A Relação de Objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. _____. (1961-62). A Identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011.

____. (1969). Nota sobre a criança. In Outros Escritos. Rio de Janeiro:









Espaço Escola



•





Algumas considerações sobre a Proposição de 9 de outubro de 67

Luciana Guarreschi¹

"Lembramos do nascimento para festejar,
mas sobretudo para compreender.
Queremos ter presentes os primeiros passos,
para iluminar nossos caminhos atuais e nossas possibilidades."
(BIGNOTTO, *Três maneiras de se criar uma cidade*)

Para começar, fui reler o objetivo dos Espaços Escola deste ano. Retiro do boletim: "... reuniões mensais vão colocar 'o analista' na berlinda.[...] vão explorar como se qualifica a 'função de analista' – fundamentalmente impredicável. Como qualificar o desejo, o ato, discurso, silêncio, presença, posição, dizer... 'de analista'". Tentei cumprir este objetivo examinando alguns pequenos recortes do texto. Vejamos.

Formulei à Proposição uma questão que tem por objeto a ação histórica de Lacan. É importante tocar as ações que tentaram solucionar os problemas práticos colocados pelo desejo/necessidade da criação de uma nova instituição, ou como ele quis, uma Escola, principalmente para pensar nossa atualidade e nossas possibilidades. Qual a questão que formulei?

"O que é o saber do fundador e como ele se articula com o tempo que deve acolher o resultado de suas ações. Situado fora do tempo de existência do corpo político, ele se beneficia de uma liberdade extrema em relação aos atores políticos tradicionais. Ao mesmo tempo, essa sua condição excepcional o distancia dos homens que irão constituir a cidade, fazendo com que suas ações nem sempre possam ser compreendidas e, por isso, deixem de ser eficazes. A



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL – Brasil.



posição solitária do criador lhe confere uma grande liberdade, mas também uma enorme dificuldade, uma vez que seu saber parece se situar fora do terreno da linguagem ordinária dos homens, aproximando-o do mito do qual pretendia se distanciar." (*Três maneiras de se criar uma cidade*, BIGNOTTO, p. 84-85).

Utilizei-me desse texto para pensar essa criação de Lacan, a Escola e sua garantia. Relendo a forma como algumas cidades foram construídas e o que se pensou sobre essas construções ao longo da história, Bignotto elege três maneiras de se criar uma cidade. Resumo aqui:

Pela identificação com os mitos fundadores, a identidade da cidade era dada pela especificidade de seus laços com o que estava fora do tempo;

Pela perseguição de um ideal de felicidade: uma vida melhor e mais feliz; Pela acentuação do elemento popular, como forma de garantir a estabilidade do corpo político, tirando consequências constitucionais das escolhas populares.

"Constitucionais", aqui, versa tanto sobre as leis que limitam o poder arbitrário de alguns, quanto sobre a constituição de uma cidade.

Vejam que não temos muitas saídas: identificação ao pai morto, idealização de um paraíso chamado "Há relação", ou muito trabalho coletivo. As condições históricas da Proposição estão dadas por Lacan a um jogo, cito: "Antes de lê-la, assinalo que convém entendê-la com base na leitura de meu artigo A situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956". Berlinda: é a nossa ainda hoje? A situação da psicanálise e a formação do analista são as mesmas de 1956? Talvez sejam a da IPA ou ainda de muitas outras instituições mas, nossa aqui, quero significar EPFCL. Tentarei fazer esse exercício de vai e vem, 56, 67 e 2015.

Sigo. Lacan apresenta seu projeto de "cidade": tratar de estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetivação no analista. A introdução do novo no funcionamento portaria a solução para o problema da Sociedade Psicanalítica, qual seja, a diferença entre *gradus* e hierarquia. Cito o texto de 56:

Eis por que daremos o nome de Suficiência ao gradus, ao único gradus da hierarquia psicanalítica. É que, ao contrário do que imagina um povo fútil com base em aparências, essa hierarquia tem apenas um gradus, e é nisso que se fundamenta para se dizer democrática (p. 478).

Atenção ao latim *gradus*: "passo, deslocamento numa série, ponto numa escala", relacionado com o verbo *gradi*, "caminhar, dar um passo, ir". E ainda: "passo que se dá, passou-se ao, passou-se de 'posição'"(HOUAISS). Esse passo o analista deverá saber produzir, e isso qualifica o ato do







analista. Mas sobre que base? Da autorização a partir de si mesmo, com a Escola a garantir sua formação. Ou seja, ele se autoriza de si mesmo, não sem alguns outros, como ele dirá em 74 (*Le non-dupes...* 9/4/74). Quem são esses alguns outros? Este parece um ponto importante. Seu analista? Seus supervisores? Seus (ím)pares? Ou *tutti quanti*? Quero acentuar aqui a constituição de um coletivo para a garantia que a Escola se propõe a fornecer, baseado no discurso analítico como laço social determinado pela prática de uma análise (*Televisão*).

Lembremos a situação da IPA nessa época: havia dois títulos, duas qualificações de analista, nenhum ato. Eram o titular e o aderente. Os candidatos à formação comprometiam-se a não praticar a psicanálise até serem autorizados para tanto (será que o cumpriam?). Quando, após algum tempo e muita "proveniência", o júri autorizava o candidato, o título empregado era o de aderente. Após um certo número de anos, um aderente podia pedir para ser autorizado como titular. Os titulares eram responsáveis pela formação dos candidatos, que se baseava no tripé "análise, ensino e supervisão". Vemos aí a inscrição de uma "hierarquia analítica baseada num modelo genealógico: os titulares formam aderentes, que se tornam titulares, para formar novos aderentes etc." (O passe, entre herança e invenção: transmissão da psicanálise e formação dos analistas, p. 206, LEMÉRER).

Assim sendo, Escola e passe são, também, decisões políticas. Subvertem o modelo hierárquico identificatório fazendo a admissão recair "no projeto de um trabalho e sem consideração para com a proveniência nem as qualificações" (*Proposição*, p. 249), mas não dispensam a ideia de garantia fornecida pela Escola, via duas formas AME e AE. Não há mais autorização, mas há garantia. Cito:

O AME, ou analista membro de Escola, constituído simplesmente pelo fato de a Escola o reconhecer como psicanalista que comprovou sua capacidade (*Ibid.*, p. 249).

Questão de sempre e de cada vez: como reconhecer um analista que não por sua proveniência e qualificação? Retirando a possibilidade dos CVs e das cartas de apresentação, o que sobra? Lacan não é específico nesse momento e, pouco tempo depois, perguntado sobre os critérios de sua escolha em um júri de que participava, responde: "Não há outro critério a não ser o bom senso. Não há nada além do bom senso". Presença de analista.

Questão de agora e sempre: quais os critérios? Os nossos? Cito os critérios a que se chegaram em 2002, e que, até onde sei, permanecem:

"Devemos" muito, é claro, ao trabalho das Comissões Locais de Garantia, que nos endereçaram suas propostas de AME. As levamos muito em conta, e seus instrumentos de seleção nos ajudaram a fazer nossas escolhas. Nem por isso os critérios de designação dos AMEs, por mais sérios e rigorosos





que fossem, deixaram de levar em conta que cada um dentre nós lançasse mão, às vezes, do que bem se poderia chamar de sua convicção íntima. É o que um de nós exprimiu nos seguintes termos: eu confiaria neles (AMEs):

1. Para recomendá-los como analistas, eventualmente para uma pessoa muito próxima; 2. Para participar de uma comissão internacional de garantia e, por sua vez, designar o título de AME; 3. Para participar de um cartel do passe; 4. Para nomear passadores; 5. Para transmitir a psicanálise no interior da Escola; 6. Para assegurar no mundo a extensão da psicanálise.

Esta sequência de critérios poderia ser assim resumida: "aqui, há analista!". É o que também cingimos mais "objetivamente" quando observamos que os colegas propostos deveriam satisfazer às seguintes condições:

a. Ter feito uma análise e uma ou mais supervisões; b. Ter algum tempo de prática psicanalítica; c. Ter testemunhado publicamente, por meio de intervenções e publicações nas quais se pode medir sua relação com a psicanálise e sua preocupação em participar de um trabalho de escola." (documentos de Escola)

Et voilà là! C'est tout!

São os nossos critérios. Não me parecem nem um pouco longe do que Lacan chamou "bom senso". Muito pelo contrário. Não vejo muito mais onde e em que nos apoiaríamos. Exceto por um ponto. Nosso bom senso não advém da Escola como coletivo, mas dos AMEs. Não me refiro ao CIG, Comissão Internacional de Garantia, já que sempre há de haver aqueles que "batem o martelo", mas às indicações mesmas. Aí parece que algo ficou entre a hierarquia e o *gradus*, entre a hierarquia e o passo.

Na Proposição, fica claro que a ideia de garantia de Lacan não tem relação alguma com uma regulação de *gradus* dentro de sua Escola. Mas com uma possibilidade de preservar, sem encobrimento ou negação sistemática, o real em jogo na formação do analista. Para tal tarefa um coletivo de Escola me parece mais interessante. Lembremos a entrevista que Lacan dá ao *Le monde*, em março de 68: "A Escola não o é apenas no sentido de distribuir um ensino, mas de instaurar entre seus membros uma comunidade de experiência, cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes". Isso é o que deve prevalecer.

Seguindo a Proposição, é isso que prevalece. Houve uma escolha pela Escola. Escolha que marcou a aposta de alguns tantos, sem qualquer garantia do porvir. Posição de analistas que ali viram o valor de um ensino que não defendia a conformidade da psicanálise. Velar pelo disforme é função de analista. Colette Soler, em um texto do início dos Fóruns, chamado *De Nossas Coordenadas*, diz:









O ponto fraco de todos os dispositivos de avaliação é que eles se prestam à identificação. Neste dispositivos, as instâncias de avaliação funcionam como um Outro consistente, a cujos critérios só resta consentir [...]. Assim, a avaliação induz à conformidade. Além de ser solidária "às panes e aos desvios da doutrina".

Pergunta: como fazer com que essas instâncias de avaliação ex-sistam e não consistam? A cooptação de doutos não parece ser a saída, na medida em que seu efeito é o de lançar sombras sobre a prática analítica, principalmente sobre o "término, objeto e até objetivo" de nossa experiência. Sombras que Lacan tenta dissipar constando a falha sem encobri-la. Falha, hiância, desejo de analista, ato. Vou ao *Seminário 15*, Lacan diz:

Eu o repito: se o ato analítico é precisamente isso a que o analista parece opor o mais frenético desconhecimento, isso está ligado não tanto a uma espécie de incompatibilidade subjetiva, o lado subjetivamente insustentável da posição do analista, o que seguramente pode ser sugerido, Freud não falhou nisso, e digo mais: do que, uma vez aceita a perspectiva do ato, resultaria quanto à estimativa que o analista pode fazer daquilo que ele mesmo recolhe, nos desdobramentos da análise, na ordem do saber (p. 51-52).

Encerro com a Proposição: "Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o analisante passa a analista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar". Derradeira berlinda: em que pé estamos com nosso empenho? Conformes ou disformes?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LACAN, J. (1969). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- _____. (1966). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ______. (1967-68). *O Ato psicanalítico*. Inédito. Exemplar de circulação interna Escola de estudos psicanalíticos.
- SOLER, C. *De nossas coordenadas*. In: SCHERMANN, Eliane; POLLO, Vera. (Org.). Comunidade analítica de Escola: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.











O que esperamos de um membro de Fórum? – Reflexões sobre o des(enlace) estrutural entre Fórum e Escola e seus possíveis efeitos

Samantha A. Steinberg¹

Escrevo este trabalho a partir da experiência de participação na Comissão de Acolhimento do Fórum SP, do início de 2013 ao final de 2014.

A questão central desta reflexão é: o que esperamos de um candidato a membro de Fórum? Dependendo dessa resposta, alteramos nossa função e forma de acolhimento. Há, sim, a dimensão singular, o um a um de cada acolhimento, mas precisamos de algumas orientações de princípios para a nossa função.

Como pensar, porém, o membro de Fórum sem o Fórum ou a Escola? Para precisarmos essa relação, nada linear ou trivial, volto à nossa história, ao momento da criação dos Fóruns. Vejamos se essa retomada nos ajuda.

A iniciativa da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano foi lançada em Barcelona, em julho de 1998. Esses Fóruns se inspiraram na dissolução de 1980, nascendo como um movimento de oposição ao abuso do Um na psicanálise. A Escola dos Fóruns só foi criada em dezembro de 2001, após um período de intensos debates e uma rica produção dos que lá estavam. A partir desse momento, o Fórum ganhou sua Escola, mas não se confundiu com ela. Como então diferenciar Fórum e Escola no nosso campo, seus enlaces e desenlaces possíveis?

Compartilho, então, alguns trechos do livro *Comunidade Analítica de Escola* (1999), organizado por Eliane Schermann e Vera Pollo.

Inicio com um texto de Dominique Fingermann (1999), que faz parte da obra supracitada:



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL Brasil.



Precisamos voltar aos mecanismos e a seus princípios subversivos, revertendo a tendência ao avesso da psicanálise. [...] O paradigma do princípio da dissolução é o passe, um ato de Lacan que ainda tem ressonâncias subversivas. [...] O procedimento do passe é um lugar onde não se sabe o que é o analista. O AE, provisório, é apenas uma letra, um litoral provisório e sempre renovado a este furo no saber. Neste sentido, a expressão de Marie-Jean Sauret, que foi tão contestada, parece-me ainda a mais adequada para enunciar a coerência do passe com o princípio da dissolução: "o AE é objeção ao saber". [...] Precisamos voltar aos mecanismos e a seu princípio de dissolução para que a transferência no grupo analítico seja bem tratada, pois esta é a única chance de construirmos uma comunidade analítica de Escola à altura do discurso analítico. Nós inventamos um mecanismo novo: o Fórum, debate, disputatio, turbilhão. Solução provisória para atualizarmos o princípio de dissolução. Como prosseguir? Com a transferência, sim, mas também com a psicanálise (p. 108).

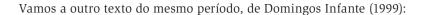
No debate que segue, Marc Strauss (1999) comenta:

A crise atual já é uma demonstração do sucesso do passe, do sucesso do passe como princípio. Se não houvesse o princípio do passe, estaríamos penando no mal-estar, na acumulação do mal-estar pessoal, individual, subjetivo, estaríamos mais ou menos doentes. Mas estaríamos nos Fóruns? O que faz com que sejamos tantos deste lado? Os Fóruns, sob este ponto de vista, já são uma consequência do passe, o retorno de uma exigência justamente ali onde o fenômeno de grupo se sobrepôs ao passe. Desse ponto de vista é preciso dizer que a invenção de Lacan é extraordinária. O passe ultrapassa a subjetividade, qualquer que ela seja. Ela nos faz confiar não somente no Fórum, mas também no futuro. Se os Fóruns, ou a instituição que virá neste lugar, se transformarem em um fenômeno de grupo, haverá novos Fóruns para tratar o abcesso (p. 141).

Os dois autores trazem o passe, ultrapassando a subjetividade, como um mecanismo que impõe uma relação diversa com o saber. Dominique fala do Fórum, nesse momento, como uma solução provisória para atualizarmos o princípio da dissolução. Volto à questão nos dia de hoje: por que provisória? Será que os Fóruns não funcionam para nós ainda hoje, quando funcionam bem, a partir desse princípio? Marc Strauss (1999) pondera que os Fóruns funcionam como um tratamento para os fenômenos de grupo.







A Escola proposta por Lacan tem os operadores para manter o turbilhão, a revolução permanente que assegura a emergência do discurso analítico. Na Iniciativa Escola, dizíamos: "Se a Escola tem seus meios (cartel e passe) para atingir suas finalidades, isso define uma política para a psicanálise". Faltava, insisto, incluir a dissolução. Nossa experiência, porém, demonstra que esses dispositivos são sabotáveis. Eu situaria nesta perspectiva os desafios que os Fóruns devem enfrentar (p. 153).

Muito curioso, os Fóruns novamente articulados à dissolução como princípio, talvez atuando para que os dispositivos de Escola se mantenham não sabotáveis.

Acrescento uma última produção desse período. Trata-se de uma carta inserida recentemente na apostila da Comissão de Acolhimento do Fórum SP, escrita por Francisco Perena (1998) a Jacques-Alain Miller. Diz:

Proponho um Fórum psicanalítico. Convoquemos sem outro lugar o nosso interesse pela psicanálise. Um Fórum é democrático. Por democrático entendo um tipo de procedimento segundo a experiência do não-todo. Um Fórum psicanalítico requer um período constituinte que pode ser apaixonante. [...] Porém não temos que ter medo do desamparo. Não temos que nos contentar com o efeito "seita" como refúgio. Talvez me acusem de purismo psicanalítico. Certamente, porém, com efeito se trata de psicanálise (p. 110).

Enfim, entendo os Fóruns como intimamente enlaçados aos princípios do tempo de sua criação, aos princípios da dissolução. Eles não pretendem oferecer nenhuma garantia. Além disso, são democráticos, se definem pela abertura à comunidade, "qualquer um" pode pertencer a eles, ou seja, os Fóruns são campo, campo de uma contraexperiência na sua essência.

Já a Escola apresenta, nos seus fundamentos, a questão da garantia e não há como dissociá-la dos dispositivos do passe e do cartel.

Temos, portanto, duas duas instâncias diversas e intimamente articuladas, que fazem função uma com relação à outra, reciprocamente. Mas para fazer função é preciso que se mantenham distintas, dois que não fazem um e não se complementam.

Volto, então, à minha questão inicial sobre a função da Comissão de Acolhimento. O que podemos concluir? O que é preciso para ser um membro de Fórum?





Talvez quase nada, que se tenha uma transferência de trabalho com alguns membros do nosso campo e um interesse pelas questões levantadas pela psicanálise. Também que se diga o porquê dessa escolha especificamente nesse tempo.

A função dos membros dessa comissão, nessa perspectiva, é essencialmente apresentar a estrutura de funcionamento da Internacional dos Fóruns ao aspirante a membro e acolhê-lo, dar-lhe as boas-vindas. Não me parece que tenhamos que "julgar", "avaliar", se podem ou não entrar. A diversidade é bem-vinda nessa instância, que entrem e nos interroguem, bem como à psicanálise. Por que não? E o Fórum estará assim exercendo uma função à nossa Escola, para que não a sabotemos.

Nas entrevistas que realizei, nessa função, me surpreendi com a idealização nas demandas de entrada como membro de Fórum: muitas vezes se assemelhavam a pedidos de entrada para a Escola. Nesses momentos, minha função foi diferenciar essas duas demandas e dizer: "menos, membro de Fórum não é o mesmo que membro de Escola". O membro de Fórum pode ser qualquer um que tenha certa relação com a psicanálise, nem mesmo é necessário que a pratique.

Sustento, portanto, ser crucial mantermos essa hiância entre o Fórum e a Escola para que possamos exercer uma crítica contínua a nós mesmos e aos nossos dispositivos de funcionamento.





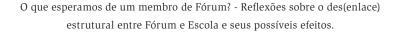


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FINGERMANN, Dominique. O equívoco da transferência e os analistas. In: SCHERMANN, Eliane; POLLO, Vera. (Org.). *Comunidade analítica de Escola*: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.
- INFANTE, Domingos. Da iniciativa escola à escola, ao desafio dos Fóruns de Psicanálise. In: ______. *Comunidade analítica de Escola*: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.
- PERENA, Francisco. Madri. In: RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. (Org.). *A cisão de 1998 da Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1998.
- POLLO, Vera. (Org.). *Comunidade analítica de Escola*: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.
- RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. (Org.). *A cisão de 1998, da Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1998.
- SCHERMANN, Eliane; POLLO, Vera. (Org.). *Comunidade analítica de Escola*: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.
- STRAUSS, Marc. Debate. In: SCHERMANN, Eliane; POLLO, Vera. (Org.). *Comunidade analítica de Escola*: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999.















Qual é o espírito¹ da Escola de Lacan?

Samantha A. Steinberg²

Esta produção foi apresentada no Espaço Escola do Fórum SP, no decorrer dos encontros de 2015. Alguns textos de Escola foram revisitados neste contexto, tendo como fio condutor a pergunta sobre o "desejo de analista". O texto que me foi proposto para apresentação foi o "Discurso na Escola Freudiana de Paris", presente nos *Outros Escritos*, de J. Lacan (1967/2003). No entanto, logo no início desta pesquisa, me dei conta de que se fazia necessário articulá-lo a dois outros textos, a: "Proposição sobre o psicanalista de Escola" (1964/2003) e o "Ato de fundação" (1967/2003). Isto porque esse discurso, apresentado três anos após o "Ato de fundação" e dois meses após a "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola", se torna absolutamente incompreensível se dissociado do contexto e dos efeitos que daí partiram.

Feito este preâmbulo, minha intenção com esta introdução é animar um debate sobre o âmago, o "espírito" da Escola fundada por Lacan. Poderiam, porém, me questionar: de novo? Sim, pois sustento que é preciso *a cada vez* e por *cada um*, uma elaboração sobre a Escola criada por Lacan. Ao ler e trabalhar esses textos, me perguntava: o que seria o invariável, transmitido por Lacan, nestes textos que tomamos como referência para a *nossa* Escola? Utilizei também, como interlocutores, alguns autores do livro *Comunidade analítica de Escola* (1999), organizado por Schermann e Pollo, uma obra pós-cisão, na qual o questionamento era essencialmente: o que é mesmo a Escola de Lacan? Este é, portanto, meu convite – que não deixemos morrer essa indagação, no nosso tempo, e a cada vez.

Assim, no início farei uma pequena retomada destes dois primeiros textos anteriores ao "Discurso" (1967/2003), pois entendo que algo persiste em todos eles: um "espírito", um desejo, que tem início na fundação de





¹ Aqui, utilizo o vocábulo espírito propositalmente, faço uma analogia com a forma utilizada por Lacan no Seminário, livro 5, articulando-o ao chiste e ao lugar da mensagem no grafo do desejo.

² Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL Brasil.



sua Escola e que é possível acompanhar ao longo dos anos seguintes. Leio que esse desejo de Lacan para sua Escola apresenta-se enlaçado às suas elaborações sobre o desejo do analista: a psicanálise em intensão, didática, como condição da psicanálise em extensão, uma psicanálise para o mundo.

Vamos lá:

No *Ato de fundação*, em 1964, Lacan funda sua Escola e nos declara, de início, seu objetivo indissociável ao da formação do analista. Nesse momento, convida para acompanhá-lo todos que puderem contribuir para introduzir, dessa formação, o bem-fundado da experiência. Não pretende um funcionamento hierárquico, mas propõe nela uma organização circular, cujo funcionamento, fácil de se firmar, se firmaria na experiência (LACAN, 1967/2003, p. 236). Nesse documento, propõe a Escola como uma experiência inaugural e afirma que: "A nos atermos ao mal-estar da psicanálise, a psicanálise pretende oferecer seu campo não somente a um trabalho e crítica, mas à **abertura do fundamento da experiência**, ao questionamento do estilo de vida em que ela desemboca" (*Idem*, p. 244, grifo meu).

Retomo ainda outro trecho, em que Lacan convida para sua Escola, psicanalistas ou não, que se interessam pela psicanálise em ato e diz: "É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse, não lhes sendo proibido elaborar sua lógica" (*Ibidem*, p. 246). Lacan almejava uma Escola em que se pudesse elaborar uma lógica a partir da experiência, orientação que entendo ter percorrido todo seu ensino.

Mas o que houve com sua Escola nesses três primeiros anos (1964-1967)? Por que a "Proposição" (1967/2003) se fez necessária, não sendo suficiente o "Ato de fundação" (1964/2003)?

Nominé (1999) apresenta uma hipótese bastante plausível: aponta que o estilo de vida da Escola Freudiana de Paris, nesses primeiros anos (1964-1967), não rompeu com os hábitos da Sociedade Francesa de Paris. Diz:

Vabrega pede demissão da diretoria escrevendo "A diretoria é uma ficção. Sua história mostra que ela é escolhida ou modificada com o intuito de que nenhuma voz discordante se faça ouvir". A queixa se dirige à demasiada influência de Lacan nas nomeações de AE e AME. [...] Ora, ela dará um passo para resolver a crise de 1967 com sua Proposição de 9 de outubro (p. 171, 1999).

Curioso refletirmos que no "Ato de fundação", Lacan (1964/2003) já havia instituído uma clara orientação discursiva para sua Escola, mas que algo no seu funcionamento ainda assim não corria bem.







Vamos à "Proposição".

Na "Proposição sobre o psicanalista de Escola", Lacan (1967/2003) talvez tenha realmente fundado sua Escola a partir de um funcionamento novo, original, ao dizer: "Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo" (p. 248). E articulando novamente a Escola à formação do analista, a Escola garante que um analista depende de sua formação (*Idem*, p. 248).

Apresenta, então, com esse objetivo, um dispositivo inusitado, inspirado na estrutura do chiste, que parte do seu desejo de formalizar algo novo da experiência original de cada análise: o passe. O novo do chiste é o novo que Lacan quer obter com o dispositivo do passe e, dessa forma, dissipar a sombra espessa que dizia se colocar no momento lógico da passagem de psicanalisante a psicanalista. Diz: "Não há nada aí que não continue confuso ou velado. Eu gostaria de indicar como nossa Escola poderia funcionar para dissipar essas trevas" (1967/2003, p. 578).

Apresenta duas formas de se enlaçar a Escola: como AME, Analista Membro de Escola, um membro que trabalha pela Escola, sem consideração para proveniência ou qualificação. Ou como AE, Analista de Escola, aquele que dá testemunho dos problemas cruciais da psicanálise, nos pontos nodais em que se acha no tocante à análise (*Idem*, p. 249). Assim, há duas formas de estar na Escola Freudiana de Paris, uma Escola que prescindiria de titulações não fundadas na *experiência*.

Nominé (1999) considera que o eixo central desse texto é a retirada dos poderes do psicanalista, essencialmente aqueles dos didatas.

O analista candidato se apresenta sozinho diante de seus passadores, e um cartel se pronuncia com base no que permanece de seu testemunho. O próprio Lacan se destitui dos poderes de nomeação e, por essa mesma via, destitui o analista do candidato (p. 171).

Nominé (1999) ainda defende que é a "Proposição" (1967/2003) que faz verdadeiramente ato na Escola de Lacan. Um ato que se apoia em uma nova elaboração do conceito de sujeito suposto saber, ressaltando a necessária distância entre o lugar do analista e o do sujeito suposto saber.

E, agora, chegamos finalmente ao *Discurso na Escola Freudiana de Paris* (1967/2003), apresentado no dia 6 de dezembro aos AEs e AMEs de sua Escola. Nesse discurso, Lacan se mostra muito irritado, indignado, mesmo, com a repercussão de sua proposição sobre o psicanalista de Escola.





Diversos murmúrios e comentários chegaram aos seus ouvidos. Diz que o impróprio é a enfatuação ou a vaidade dos analistas e os interpreta como absolutamente acomodados no seu ser e no seu status de analista.

Um pouco antes, na sua aula de 22 de novembro, do seminário *O ato psicanalítico* (1967/1968), Lacan afirma:

Certamente, deste ato, enquanto faz-se dele profissão, resulta uma posição da qual é natural sentir-se assegurado pelo que se sabe, pelo que se guarda de sua experiência. Não obstante, aí está um dos aspectos, um dos interesses do que avanço este ano – resulta da natureza própria deste ato um campo do qual, é inútil dizer, na última vez, eu nem mesmo rocei as bordas. Da natureza deste ato dependem consequências as mais sérias, quanto ao que resulta da posição que se deve manter, para estar apto a exercê-lo.

Aí, singularmente, toma lugar, vocês verão, que a outros além dos analistas, aos não analistas, eu posso levar a conceber o que é o ato e que, de qualquer forma, lhes diz respeito.

O ato psicanalítico diz respeito, e muito diretamente, em primeiro lugar, eu diria, aos que dele não fazem profissão. Seria suficiente indicar aqui que, se é verdade, como eu ensino, que se trata de algo como uma conversão da posição que resulta do sujeito quanto a sua relação ao saber, como não admitir de imediato que só poderia estabelecer-se uma hiância verdadeiramente perigosa, porque apenas poucos conseguem ter uma visão suficiente desta subversão, já que a chamei assim, do sujeito? (p. 22-23)

Aqui, marca que o ato analítico diz respeito aos analistas e não analistas, especialmente aos que dele não fazem profissão. Revoluciona o senso comum do ser analista. Somos analistas? Ou seria melhor sermos não-analistas, com Lacan? Marca a importância do sujeito se reposicionar na sua relação com o saber, e os analistas não se encontram excluídos deste problema.

Mas, retornando ao "Discurso" (1967/2003), escrito no mesmo período, podemos constatar que o ato aparece repetidas vezes. Logo no início Lacan indaga se a "Proposição" (1967/2003) teria sido ou não um ato. E responde que isso dependeria de sua consequências.

Talvez, com o ato analítico, procure dar uma fundamentação teórica ao dispositivo do passe. Diz: "É justamente por isso que minha proposição é nos interessarmos pelo passe, onde o ato poderia ser apreendido no momento em que se produz" (LACAN, 1967, p. 271).







O que Lacan diz do desejo do analista nesse momento? Parece-me uma continuação das suas elaborações na "Proposição", mas procurarei destacar as que me captaram a atenção.

Sendo assim, destaco:

É de outro lugar, unicamente do ato psicanalítico, que é preciso situar o que articulo sobre o 'desejo do psicanalista', que nada tem a ver com o desejo de ser psicanalista. (1967/2003, p. 276)

[...]

Assim, o desejo do psicanalista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído pra valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalisante. Não deixemos passar que descrever esse lugar num percurso de infinitos, chamado o 'inarticulável do desejo', desejo, no entanto, articulado a partir do 'sem saída' desses infinitos, é algo do impossível com que me basto neste desvio. (1967/2003, p. 270)

Lacan elabora que o ato psicanalítico, ao se produzir, vem acompanhado do desejo do psicanalista, um lugar de saída e de entrada ao mesmo tempo. Mais à frente, outra formulação do "desejo do psicanalista":

A que tem de responder o desejo do psicanalista? A uma necessidade que só podemos teorizar como tendo que produzir o desejo do sujeito como desejo do Outro, ou seja, fazer-se causa desse desejo. Mas para satisfazer essa necessidade o analista tem que ser tomado tal como é na demanda. (1967/2003, p. 271)

Entendo que o ato analítico só pode ser pensado a partir da estrutura da transferência para Lacan, a partir da estrutura do sujeito suposto saber. E como função necessária para manejar esta estrutura, é acrescentada a função desejo do psicanalista, formalizada topologicamente como um lugar vazio, a partir do *Seminário 11* (1964/1985). Ultrapassar uma análise, ter saída pra valer, traz essa possibilidade de se colocar como causa do desejo no dispositivo analítico e dispor do ato analítico.

Sendo assim, Lacan se mostra extremamente coerente na sua articulação de uma Escola, pois não é possível pensar o que é um analista sem formalizar o que o produz. Se é a partir de uma análise didática que podemos nos tornar analistas, uma Escola deverá funcionar e ex-sistir submetida a





 \bigoplus



essa condição, como um lugar de acolhimento e elaboração de experiências singulares.

Finalizo, recortando um último trecho do "Discurso" (1967/2003):

'O desejo do psicanalista', eis o ponto absoluto de onde se triangula a atenção para aquilo que, por ser esperado, não tem que ser adiado para amanhã.

Enunciá-lo, porém, como o fiz, introduz a dimensão em que o analista depende de seu ato, balizando-o pelo falacioso daquilo que o satisfaz, assegurando-se, por meio dele, de não ser aquilo que ali se acostuma. É nesse sentido que o atributo do não-psicanalista é a garantia da psicanálise, e que de fato desejo não-analistas, que pelo menos se distingam dos psicanalistas de agora, daqueles que pagam por seu *status* de analista, com o esquecimento do ato que o funda.

Para os que me seguem neste caminho, mas lastimariam não ter uma qualificação tranquilizadora, forneço, como havia prometido, a outra via para não me deixar: que me ultrapassem em meu discurso, até tornarem-no obsoleto. Saberei enfim que ele não foi inútil (LACAN, p. 277).

Lacan queria que o superassem, que tornassem seu discurso obsoleto. Será que dissolve sua Escola por não ter alcançado esse objetivo?

Com as referências acima, tento apreender algo do espírito da Escola proposta por Lacan. Arrisco dizer que poderíamos articular esta chama, este espírito ao S(A). Uma falha estrutural que o moveu, ao longo do anos, tanto no seu ensino como na sua Escola. O dispositivo do passe parece ter sido inventado especialmente para esse fim, para fazer avançar sua clínica e suas elaborações teóricas. Portanto, temos um ensino que não se presta a ser utilizado como dogma, como um "saber sabido". Ao contrário, ele estará sempre aberto a formalizações a partir da experiência de cada análise. Lacan queria rivais, interlocutores para isso, e talvez não tenha encontrado no seu tempo.

E nós, que Escola construímos? Precisamos reinventá-la no seu funcionamento? Deixo estas perguntas para debate neste e nos próximos encontros do Espaço Escola.







(

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOMINÉ, Bernard. A Associação, a Escola, o Nome-do-Pai e o Sujeito su- posto saber. In: <i>Comunidade analítica de Escola</i> : a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e Editora, 1999. p.169-173
ACAN, J. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psi-
canálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
Ato de fundação (1964). In: LACAN, J. Outros Escritos. Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de
Escola (1967). In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar
Ed., 2003.
Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967). In:
Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Anexos: primeira versão da Proposição de 9 de outubro sobre
o psicanalista de Escola (1967). In: Outros escritos. Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Seminário XV (1967-1968): o ato psicanalítico. (publicação para
circulação interna).
Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar, 1999.
SCHERMANN, Eliane; POLLO, Vera. (Org.). Comunidade analítica de
Escola: a opção de Lacan. Rio de Janeiro: Marcad'Água Livraria e
Editora, 1999.











Sandra Berta²

Mas enfim, a brincadeira é muito melhor quando é curta. Isso é o que me inspirou para abreviar o que, ao acrescentar de mal-entendidos, estagnava em impasse – e até mesmo se presentificava como fraude (LACAN, 15 de abril de 1980).

Referir-se à *Dissolução* da Escola Francesa de Psicanálise nos obriga a lembrar qual o propósito da sua fundação, em 1964. Podemos fazer o exercício em apenas uma frase, qual seja: Lacan fundou sua Escola para pôr à prova a questão da *função* "... do analista" e de sua *nomeação*.

Com essa finalidade, três anos depois, na Proposição de 9 de Outubro de 1967, para o analista da Escola, se recolhem as bases do dispositivo do passe. Nele, deve *produzir-se* a pergunta pela função analista e o que dele opera. Isso pode *produzir* uma nomeação. Isso pode *produzir* um matema (AE) para o qual não há verdade *a priori* nem *a posteriori*. AE é da ordem da *produção*, no sentido do discurso analítico, pois é a produção de um sintoma como função, F(x) e de um *savoir-y-faire* com a não-proporção/relação. No dispositivo do passe se alberga o indecidível da transmissão desta produção bem como a contingência da nomeação.

Entre 1966 e 1968, Lacan, acompanhado da lógica de Frege, em particular da escrita dos quantificadores, propôs que sua Escola acolhesse a questão "não-analista", apostando na nomeação e na transmissão. O outro *gradus* para a Escola, sabemos, foi escrito no matema AME (Analista Membro da Escola). O AME tem uma função fundamental no dispositivo do passe, uma vez que é de sua responsabilidade indicar os passadores.³

A fundação da Escola tinha em seu cerne a questão do saber em psicanálise.

Dis...solução 113





¹ Em 2015, o Espaço Escola do FCL-SP teve como tema "... de analista: função e nominação"; este texto foi produzido para tal ocasião. A proposta era comentar a "Carta de Dissolução" escrita por Jacques Lacan em 5 de janeiro de 1980.

² AME da EPFCL, FCL-São Paulo, EPFCL-Brasil.

³ Revista de Psicanálise Livro Zero no 3, 2011, O sintoma e sua política. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano-São Paulo/ EPFCL-Brasil recolhe nossas elaborações sobre o tema, razão pela qual, neste texto, não me detenho sobre este tema crucial para a Escola.



A Dissolução também. O saber inconsciente, esse saber que trabalha aquém e além o sujeito, fundamentara a pergunta pela psicanálise. Um saber que, no discurso do analista e no lugar da verdade, expõe seu furo. Por essa razão não é um saber universal. É o saber do particular que se trata, e se recolhe na *praxis* singular.

A Dissolução foi um ato assim como o fora a fundação. Em 5 de janeiro de 1980, tão sozinho como estivera dezesseis anos antes, Lacan dissolvia a EFP. Algo crucial fracassara na aposta do passe. Assim o disse no seu seminário de 24 de janeiro de 1980: "[...] pois falhei nesta Escola, fracassando ao não produzir seus Analistas (AE) à altura". Vale insistir que não se trata de verificar "o analista", uma vez que dele nada é predicável, pois ele não é um conceito do qual se possa sentenciar verdade ou falsidade. A questão é que a EFP não *produziu* AE, e isso comprometeu os que participaram do dispositivo.

Aqui se atualiza a questão sobre a função e a nominação. Precisamente porque a nominação está atrelada ao que se transmite da função, do que opera do analista. Esta transmissão afeta a cada um dos que respondem pelo dispositivo. Talvez seja ainda necessário esclarecer que havendo ou não havendo nominações, o que Lacan disse em 1980 é que, se a Escola fracassara foi por não ter *produzido* analistas à sua altura. Qual altura? A da função. O que põe em questão tanto a função quanto a nominação. É comovente a atualidade deste problema.

Lacan inicia essa Carta escrevendo:

Falo sem a menor esperança – especialmente de me fazer ouvir. Sei que o faço – cabendo acrescentar aí o que isso comporta de inconsciente (LACAN, 1980/2003, p. 319).

Em primeiro lugar, põe em perspectiva o ato da fala e o trabalho do inconsciente. Deste último vale dizer que não é o trabalho da representação inconsciente à qual ele chama "pensamentos", senão que aqui o que se aponta é o inconsciente "sedimento de linguagem" (LACAN, 26 de fevereiro de 1977). Isso fala, no sujeito, pelo ato da palavra. Esta fala sem esperança de ser ouvida põe em pauta a pergunta pelo que, na EFP, não vigorara da dit-mansão do dito – que pode ser verdadeiro – e do dizer, que ex-siste ao dito por não ser da dimensão da verdade. Lembremos o que escrevera Lacan em "O aturdito": "Que se diga, fica esquecido por trás do que se diz, em o que se ouve" (LACAN, 1972/2003, p. 448). Passagem sensível para nos





Quando não se orienta por esta condição da fala, o homem se atrapalha, e pensa débil. Não é o mesmo crer na produção de pensamentos que crer na produção da dit-mansão do dito e do dizer. Isso me evoca o que Lacan afirmara no seminário "L'insu..." (1976-1977), apontando que a debilidade mental é não saber-fazer-aí (savoir-y-faire) com esse material que nos habita (motérialité).

Certamente houve uma torção entre 1972 e 1977, quando Lacan sublinhara o moterialismo no qual a fala torna-se essa matéria própria ao inconsciente sedimento de linguagem e de lalangue. O inconsciente, sedimento da linguagem, está feito de mal-entendido. Nascemos mal-entendidos, esse é o traumatismo primordial. O ato da fala só é possível porque se produz do verbal "digo que o verbo é o inconsciente, ou seja, mal-entendido" (LACAN, 10 de junho de 1980). Assim, se a associação livre tem como referência o inconsciente, ela não é livre, ela é necessária. O dito não se socia ao acaso, o di se socia (LACAN, 5 de janeiro de 1977). Esta é a escroquerie – fraude - da psicanálise. Porém, temos a nosso favor que essas palavras voam como o vento das palavras, porque assim elas podem nos envolver, ir e vir, fluir... é curioso que se antes a palavra se encarnava, agora, sem deixar de fazê-lo, elas também voam. Então, na associação livre se cai no sentido, mas o referente é o inconsciente irredutível, o ausentido, o ab-sense. Isso se sabe numa análise entre o vento, a fluidez, o chiffronnage, a dobradura, o forcing (no sentido matemático) da fala, da sua motérialité, a condição de contar com a operância do analista.

Saliento essa passagem, entre a fala e o dito, orientada pelo equívoco que Lacan escreve: dis – dissolução. Cito Lacan na "Carta...":

Há um problema da Escola. Não é um enigma. Eu me oriento para isso, e já não é sem tempo.

Este problema demonstra-se tal por ter uma solução: trata-se da dis – da dissolução (p. 319).

Lembremos que no seminário de 1973-1974, "Le non-dupes errent", Lacan tinha nos advertido que o enigma é o cúmulo de sentido. Então, na "Carta", afirmando que se trata de um problema e não de um enigma, parece apontar que um problema merece uma solução, sem cúmulo de sentido. Porque "que se diga" está em um campo diferente do sentido. O dizer não é o dito que leva ao sentido. O sentido do dizer é o real.

Dis...solução 115







A dissolução foi um ato. Esse ato não comunga com o sentido. Pois o sentido é religioso. Lacan insistira nesta afirmação naquele ano de 1980. Assim, no *Seminário "Dissolução"*, afirmara que a religião é a moradia do sentido. Cito Lacan na aula de 18 de março de 1980:

Tento opor-me a isso para que a psicanálise não seja uma religião, como é sua tendência irresistível desde o momento em que se imagina que a interpretação não opera a não ser pelo sentido. Eu ensino que a sua mola-mestra está alhures, especificamente no significante como tal. A isso resistem aqueles aos quais a dissolução provoca pânico.

Em 15 de março 1980, apenas três dias antes, em um encontro de trabalho junto aos colegas que toparam a contraexperiência, Lacan comentou que a "dis-solução" fora seu chiste, e que também para ele teve efeito de interpretação. Nessa equivocação se transmitira que a *solução* apontava ao dizer, presente também no *dis-curso* do analista que enoda o que produz, qual seja, *função* de real: seja no nível da letra (S1), seja na impossibilidade de fazer relação entre a letra – o real do sintoma – e o saber no lugar da verdade, seja no que se evoca da causa na produção da letra. Assim o escrevi em meu livro sobre o trauma (BERTA, 2015, p. 228):

O trabalho analítico não vai sem o sentido. É preciso levar em conta o enodamento possibilitando que o trauma (trou-furo), na obscenidade do sentido, na sua religiosidade, fantasia, sintoma, se construa, em primeira instância, como saber. É possível que tudo dependa de manter a tensão do enodamento que perfura o sentido libidinal (S1 S2) para evocar o absense (S1 $\rightarrow a$). Isto deve ser lido a partir do discurso do analista:

Discurso do analista

$$\frac{a}{S_2}$$
 $\frac{S}{S_1}$

Entre o ato e o chiste, Lacan foi passador da função do dizer para o analista. Aliás, se em 1964 a função do sujeito suposto saber orientou o final da cura e a produção paradoxal do analista, em 1980 já estavam dadas as coordenadas para considerar a função do *dizer* na *operância* do psicanalista. Ambas as versões vão além do sentido.







A via para não cair no sentido – mesmo se temos que operar – é a via da *função*, isto é, do que faz função no que opera "do psicanalista", do que faz função de real. Daí a obstinação de Lacan com os matemas "– que não impede nada, mas dá testemunho do que seria preciso para colocar o analista no passo da sua função" (LACAN, 1980/2003, p. 320). O escopo da Dissolução é o horror dos analistas ao ato psicanalítico. Isto decorre da desorientação enquanto ao que opera "no passo da sua função". Se ele não se orienta pelo "que se diga", se (des) orientará pelo sentido religioso. Se a IPA era o sintoma de Freud, a EFP se propunha a não repeti-lo. Lacan sabe que ele fracassara, mas ele persevera (jepéresévère) a aposta, no ato da dissolução, a uma contraexperiência. Isto está escrito nessa carta.

Trata-se de uma contraexperiência que ele diz freudiana, porém marcando aquilo que Lacan avançara no seu ensino: mantendo a causa fálica como operador na cura, apostar ao *sentido* do real: não há relação/proporção sexual / S(A). Se o inconsciente estruturado como uma linguagem toma como referência o gozo fálico, a não proporção e o S(A) atualizam o sentido do sintoma, isto é, não o sentido sexual, mas o sentido real do "inconsciente irredutível" (LACAN, 24 de janeiro de 1980). Algo que bascula entre a escrita e o dizer. Será por essa razão que para a contraexperiência ele colocou uma condição: que os que quisessem se endereçar o fizessem por meio de uma carta (lettre – isso vai longe no ensino de Lacan).

Ao obscurantismo da fala, na sua acolhida pelo sentido religioso, Lacan responde pelo mal-entendido e com a interpretação pelo equívoco. Assim se desfazem os sentidos do sintoma sexual e situa-se o que faz função de real no saber: o impossível. "Pela equivocidade do significante o Έτερος [hétéros], ao se declinar em "Ετερα [hétéra: différente], eteriza-se, ou hetairiza-se" (LACAN 172/2003, p. 467). É interessante que aqui a equivocidade do "dois" (deux – d'eux) permite incluir, com Cantor, que entre esse dois, entre o Um e o Outro deve considerar-se o transfinito no qual o inacessível garante um enumerável. É nessa equivocidade que se propõe o não-todo. Não por acaso Lacan, nesta ocasião, evoca Parmênides para marcar a incompatibilidade entre o Uno e o Ser (LACAN, 1973/2003, p. 467).

Evocar a Heteros e a Hétéra não é um abuso ao ler a Dissolução, uma vez que na aula de 24 de janeiro de 1980, Lacan, apontando o horror que o semelhante e a identificação provocara na EFP, diz: "Ilustração do meu fracasso

117



Dis...solução

⁴ Reste la carrière toujours ouverte à l'équivoque du signifiant: Ιτερος [hétéros], de se décliner en Ιτερα [hétéra: différente], s'éthérise, voire s'hétaïrise.



nessa Heterança (Hétérité⁵) – perdoem-me a Hibris – que me decepcionou o bastante para que eu lance o enunciado de que não há relação sexual". Efetivamente, o Outro Falta. Resta dizer que Hétérité é o nome da Revista de Psicanálise da IF-EPFCL. No Prólogo ao primeiro volume, Colette Soler escreve: "O Outro que não marcha passo a passo com as palavras-mestres que fazem marchar às massas. Ele o diz na língua do Outro substantivada Ἔτερα (Eteros), voire l' Ἔτερα (Etera) du grego, para evocar o Outro quanto outro que se torna real" (SOLER, 2001, p. 5).

Precisamente, essa foi a proposta de Lacan ao propor, no final do seu ensino, a contraexperiência. Esta comunidade que não fosse pela via do sentido, mas pelo inconsciente no qual as palavras fazem corpo sabendo que o Outro falta. Nossa prática é de aproximar-nos de saber como operam as palavras (Lacan, 26 de fevereiro de 1977). E se Lacan se enredava com o cade-nó foi para escapar da fraude e continuar na estrutura. É pelo nó que Lacan poderá avançar a via do sintoma com o qual o inconsciente goza para diferenciar aí o sintoma (letra que fixa o gozo) e o sinthoma (savoir-y faire com a não-relação).

Enredando-se com o sinthoma, a visada do sujeito suposto saber deu lugar à visada do dizer, da voz e da poesia chinesa. Recentemente tenho escrito um texto sobre a nostalgia no qual me referi a François Cheng. Porque é pela fala que se faz uma análise e também é pela fala que se termina, não sem a intervenção daquele que está na função de responder. Afinal, e como Lacan se pergunta na Abertura da Seção Clínica em Bruxelas: "O que é a clínica psicanalítica? Não é complicado. Tem uma base – é o que se diz numa psicanálise" (LACAN, 5 de janeiro de 1977)

Nesta passagem entre 1980 a 2015, gostaria de evocar a leitura na qual me detive no último verão, uma vez que nela se destaca para o analista a diferença entre a função sujeito suposto dizer e a função do dizer. No livro "O que é que faz laço?" (2011-2012/2015), Colette Soler aporta esta diferenciação na função do analista: a função significante do sujeito suposto saber e a função do dizer. Esta observação se encontra na penúltima aula do seu Seminário, e portanto, após ter-nos oferecido inúmeras elaborações sobre o ensino de Freud e de Lacan, em particular sobre a transferência, o laço na Escola, o inconsciente, o sintoma e o sinthome.

De modo a abrir questões, Soler fala do dispositivo em nossa Escola, nos





⁵ Neologismo, criado possivelmente pela condensação de hétérie (heteria, sociedade secreta da antiga Grécia com fins políticos) e hérédité (herança, no sentido biológico ou – em direito – a qualidade de herdeiro, direito que este tem à sucessão). Optamos, pela tradução de hétérité como heterança. (Lemos na N. do. T.)



cartéis do passe. Ela nos diz que os cartéis testemunham de um trabalho de fim de análise no qual a queda do sujeito suposto saber, assim como foi proposta por Lacan, indica uma queda nas esperanças de dizer a última palavra sobre a verdade. Todavia, em relação a esta função do sujeito suposto saber, ela aponta que o dizer apofântico, silencioso, por suspender o que o dito tem de verdadeiro, contribui com dita queda. Porém, e no que diz respeito à função do dizer ex-sistencial, ela nos diz que se observam poucas elaborações, ou mesmo, pouco transmitidas pelos cartéis do passe. Afirma então que é precisamente esta função que engancha, enlaça ao analisante além da queda do sujeito suposto saber. Isto me faz questão, ainda trabalho sobre esta pontuação. Cito:

Nada gera mais ódio que este dizer onde se encontra a existência, diz Lacan. É esta dimensão do dizer – acredito eu – a que faltou à teoria freudiana do chefe. É que na análise, *Um-dizer* que se sabe totalmente só, aquele do analisante, então, não está tão só, uma vez que o não diálogo tem seu limite na interpretação do *partenaire* que tem chance de responder, como diz Lacan. E, no final, o analisante, é disto que deverá ir mais além e é algo bem diferente à queda do sujeito suposto saber. (SOLER, 2012/2015, p. 168, *grifos da autora*, trad. livre)

Gostaria de encerrar para que possamos debater a este respeito. Existem nuanças no final desta citação. Parece-me algo que se deixa em aberto ao debate e que refere à responsabilidade do que opera do analista. Senti-me convidada a continuar pensando nisso, uma vez que são questões que estou elaborando nos últimos anos, em particular: a função do risco do ato (Berta, 2014) e a função sinthomal do analista (Berta, 2015) Obrigada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTA, S. L. Escrever o Trauma, de Freud a Lacan. São Paulo: Ed. Annablume, 2015.

______. A operancia do psicanalista e o desejo em questão. Heteridade. Revista de Psicanálise. N° 11 Os paradoxos do desejo, ano 2015, p. 173-178. http://www.champlacanien.net/public/docu/4/heterite11.pdf

Dis...solução 119



J	D
-	

Efeito de escola: assumir o risco pelo ato analítico. Wunsch.
Boletim da EPFCL, n° 14, 2014, p 6-9.http://www.champlacanien.net/
public/docu/4/wunsch14.pdf
Efeitos de um dizer, na clínica e na Escola. Wunsch, Boletim
da EPFCL, N° 15, 2015, 2015, p. 5-7 http://www.champlacanien.net/pu-
blic/docu/1/wunsch15.pdf.
LACAN, J. (1972). O Aturdito. In: <i>Outros Escritos</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448 497.
(1980). Carta de Dissolução. In: <i>Outros Escritos</i> . Rio de Janeiro:
Jorge Zahar, 2003, p. 319-320
(1972-73). <i>O Seminário, livro XX: Mais ainda</i> . Rio de Janeiro:
Jorge Zahar, 2008.
(1974). La tercera. In: <i>Intervenciones y textos 2</i> . Buenos Aires:
Manantial, 1993, p. 73-113.
(1974-1975). O Seminário , livro XXI: Les non-dupeserrent. Staferla.
. (1975). O Seminário, livro XXII: RSI. Centro de Estudos do Recife,
2000.
(1975b). Introdução à edição alemã de um primeiro volume
dos Escritos. In: <i>Outros Escritos</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.
550-556.
bévues'aile à mourre. Trad. Jairo Gerbase, publicada em www.cam-
popsicanalitico.com.br. Outra fonte de consulta: Document interne à
l'Associationfreudienneinternationale.
(1977). Apertura à Seção Clínica. 5 de janeiro de 1977.
(1977). Porpossurl'hysterie. Conferência em Bruxelas, 26 de feve-
reiro de 1977. Publicada em Quarto (Suplemento belga de <i>La lettremen-</i>
suelle de l'École de laCasueFreudienne), 1981, n°2.
(1980). O Seminário, livro XXVI, A dissolução. Aulas de 5 de ja-
neiro, 24 de janeiro, 11 de março, 18 de março, 15 de abril e10 de
junho de 1980. In: Letra Freudiana Ano I n°0. Escola, Psicanálise e
Transmissão.Documentos para uma Escola. Circulação Interna, p. 60.
SOLER, Colette (2011-2012). ¿Qué es lo que hace lazo? 1º Ed. Medellín –
Colombia: Asociación del Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2015.
(2001) Apresentação da Revista de Psicanálise da Internacional dos
Fóruns – Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Nº 1,
2001, p. 5-6. http://www.champlacanien.net/public/docu/1/heterite1.pdf















Há mais luz quando alguém fala" – A voz como enlace entre sujeito e o outro¹

Beatriz Oliveira²

"Tia, fala-me: tenho medo porque está muito escuro", pede um menino de três anos.

E a tia lhe provoca:

"E o que ganha com isso? Ainda assim não pode me ver" Mas ele responde:

"Não importa, há mais luz quando alguém fala". (FREUD, 1905 p. 204, nota de rodapé)

Para Lacan, a voz é objeto da pulsão. Nesse caso, como objeto, a pulsão não faz mais que contornar, sem nunca alcançar... Mas de que voz estamos falando aqui? Voz de quem? Do sujeito? Do Outro?

Se entendemos que o encontro do pedaço de carne com o significante impõe de saída uma tomada de posição, tal escolha forçada implicará diferentes relações com o Outro simbólico. Pela via da separação, a pulsão se torna a possibilidade de contorno desse furo. No entanto, para que haja enlace com o Outro, ou a entrada no discurso, é necessário que o sujeito ceda de seu gozo.

O conceito de cessão de objeto Lacan trabalha no *Seminário X*, diferenciando-o do que ele chamou em outro momento de "queda" ou "subtração" do objeto. De acordo com Soler (2012), "a queda do objeto é a operação que ele chamou de *separtição* entre o objeto e o sujeito, o que do ser não passa pelo significante e que, portanto, se destaca de \$". Tal é a divisão que Lacan apresenta neste mesmo seminário entre o A e o S, da qual se extrai S1. "A



¹ Este texto foi apresentado no Simpósio Interamericano da IF e de sua Escola – A outra cena

[–] a voz e o olhar na experiência psicanalítica e na arte. Buenos Aires, 2015.

² Psicanalista, membro do FCL-SP, AME da EPFCL.



partir de então, a separação do a e do \$ é, portanto, sinônima ou correlativa da *separtição* do corpo, entre um corpo esvaziado de gozo e este objeto que permaneceu ligado ao gozo" (p.148).

No entanto, apesar da *separtição* ser condição necessária, não me parece suficiente para que um sujeito consinta com a perda de gozo implicada nos giros do discurso. Para passar de uma posição a outra é necessário que o sujeito ceda uma parcela de gozo própria da operação da linguagem. Soler (2012) esclarece:

[...] a cessão de objeto é uma operação da linguagem, uma colocação em jogo que se passa entre o sujeito e o Outro. Poderia quase dizer, sem o fazê-lo, que é um uso do objeto, em todo caso, quase um manejo do objeto. Há, portanto, uma grande diferença entre o objeto perdido e o objeto cedível. A cessão é um momento constitutivo de a. Lacan está aí se aproximando ao que há de mais real no sujeito que, no fundo, é representado por este objeto: é um momento constitutivo da representação do sujeito pelo objeto ou sua equivalência ao objeto (p. 148, grifos meus).

Veremos isso mais adiante com um caso clínico.

Posto isso, como entender a voz como objeto da pulsão invocante? Lacan ([1957/58], 1999) afirma que a voz é aquilo que atesta o apagamento do sujeito na passagem entre um significante e outro – tal como no grafo do desejo em que a voz não se inscreve na cadeia, escapa à significação. Mais tarde Lacan ([75/76], 2007) dirá que o significante ressoa, consoa e que o ouvido não pode se cerrar. Ou então, que o ato de dizer fica esquecido por trás do que se diz, no que se ouve (LACAN, [1972], 2003). Assim, embora o ouvido não possa fechar, há algo que fica velado pelo que se ouve...

Do Outro vem o significante, com sua prosódia, tons e sons; vem a interpretação do grito que se torna demanda, ganha significação e por isso mesmo, fica esquecido por trás do que foi ouvido pelo outro. Desse modo a voz do Outro escapa, não se reduz ao significante, objeto perdido a ser invocado pelo sujeito.

Do sujeito há ato. Há grito, há riso, há choro, há efeitos de lalíngua, lalação que só se torna ato de palavra diante da falta do Outro e da subtração de objeto. Falta do objeto que implica a pulsão buscando o enlace com o Outro, recuperando nesse enlace um certo modo de gozo por meio desses mesmos objetos – olhar e voz – que velam o impossível desse encontro







como Outro. Ou seja, podemos dizer que o olhar, assim como a voz, retorna do lado do sujeito, como modos de enlace, de resposta ao impossível desse mesmo laço. Assim, temos as diferentes manifestações a que o sujeito se dedica com sua voz, como modos singulares de fazer um uso desse furo, da não relação com o Outro.

Em psicanálise podemos dizer que é só na medida em que a voz é resto, perda, que se torna mais-de-gozar. Não por acaso foi no discurso do mestre que Lacan situou o mais-de-gozar como produto da articulação significante S1-S2. No entanto, para que se forme uma cadeia significante, com S1-S2 articulados, é necessário que o sujeito consinta em ceder o objeto.

Podemos então concluir que é necessário ceder aquilo que permaneceu ligado a um certo gozo, para que seja possível o enlace com o Outro, entendendo este laço como aquilo que Lacan estabeleceu como Discurso do Mestre S1/\$ ---- S2/a. Nesse sentido, entendemos então que há uma perda de gozo necessária para que o sujeito coloque algo de si nesse laço com o Outro, por meio do mais-de-gozar. Para que a voz ou o olhar se apresentem, é necessário que o sujeito ceda de seu gozo. De acordo com Dolar: "é o objeto que introduz uma cisão, uma ruptura em meio à presença plena e remete a um vazio que difere da simples falta, espaço vazio onde vem ressoar a voz" (2007, p. 57).

* * *

Marisa é um dos casos atendidos por Rosine Lefort em Parent-de-Rosan. Quando Rosine a encontra pela primeira vez, seu desenvolvimento estaturo-ponderal estava muito atrasado: com dois anos, pesava e media como uma criança de um ano, não andava e sua linguagem se aproximava à de um bebê de seis meses. Sabia-se que havia passado por dezessete transferências institucionais depois de ter se separado de sua mãe psicótica com quem viveu até quatro meses.

De acordo com Rosine, no caso de crianças institucionalizadas, a sede de presença do Outro pede apenas para se manifestar, considerando-se o anonimato dos cuidados que recebem. De saída esta relação não é sem consequências para um sujeito, esteja ele com a idade que for: podemos acompanhar a posição de objeto dejeto na qual ficava Marisa como correlativa ao lugar em que se coloca o outro no discurso universitário, tal como descreve Lacan. Em nome de um cuidado burocrático e sem inclusão da singularidade, os agentes cuidadores tratam todos iguais tendo o sujeito





Foi a partir da transferência que Marisa encontrou as formas de respostas diferentes das que se manifestavam até então. Das respostas, uma que me parece fundamental se apresenta quando Marisa topa o significante que vem da analista e o encadeia ao seu significante, a partir de um objeto cedível – sua fralda. Não seria esta a própria estrutura do discurso do mestre, que indica o laço S1-S2, entre o sujeito e o Outro?

Na sessão em que se deu essa passagem, Marisa empilha seus objetos no avental da analista, esfrega sua fralda e seu próprio avental, dizendo: "cho-cho-cho", com o dedo em riste e entonações variadas. Com a repetição deste cho-cho-cho na frente do penico, a analista pergunta: "cacá?". "Encantada, ela repete, faz com que retirem sua fralda e senta no penico onde fica por dez minutos, repetindo 'cacá, cacá', sem nenhum estrabismo" (LEFORT, 1997, p. 33). Ao final, antes de partir, joga sua fralda no chão. Na sessão seguinte, ela faz xixi na fralda, olha para a analista e diz "cacá-cho-cho" (S1-S2). Como a analista diz que não a entende, ela pega sua fralda molhada, joga-a embaixo da cadeira da analista, arranha a parte de baixo dizendo "cacá". A partir daí o "cho-cho-cho" não será mais pronunciado.

Ora, no caso Marisa, parece que foi exatamente este o passo fundamental que Rosine descreve como nascimento do Outro. Se por um lado era possível afirmar que Marisa já estava afetada pelo encontro do ser com a linguagem – onde podemos situar a subtração de objeto, era preciso que ela topasse com a dimensão do desejo, o que pôde acontecer com a instalação da transferência. Marisa aceitou a oferta de Rosine e, a partir do encontro com a analista e instalação da transferência, podemos supor que as condições de possibilidade para a introdução na ordem do amor estavam colocadas.

Ao topar o "cacá" que a analista oferece, Marisa consente em ceder o objeto – sua fralda, perda de gozo que a cadeia significante permite. Temos aqui uma passagem fundamental que me parece que só foi possível a partir da relação transferencial de Marisa com Rosine. Marisa nos ensina sobre a função de corda que a voz pode ter para sustentar não só a cadeia significante, mas principalmente fazer valer este significante como a moeda de troca na dialética do desejo do Outro. Assim, de seu CHO-CHO-CHO fez ressoar o eco de um dizer, deu à sua voz o valor de um ato com sua decisão em largar sua fralda. Parece que é justamente ali, no ponto de ausência resultante da perda de gozo, que a voz vem responder enquanto resultado da pulsão invocante.

Do CHO-CHO-CHO ao CACÁ, ao se fazer representar por outro significante – S2, Marisa atesta seu apagamento (\$) colocando algo de si: a voz. Assim







se arrisca aos equívocos e homonímias que abrem a novas significações no laço com o Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOLAR, M. Una voz y nada más. Buenos Aires: Manantial, 2007.
- FREUD, S. Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VII.
- LACAN, J. (1957-58). *O Seminário, livro 5*: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ______. (1962-63). *O Seminário, livro10*: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- ______. (1972-73). *O Seminário*, *livro 20*: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ______. (1972). O aturdito. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
- ______. (1975-76). *O Seminário, livro 23*: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LEFORT, R. *Marisa: a escolha sexual da menina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- SOLER, C. Seminário de leitura de texto 2006-2007: seminário *A Angústia*, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta, 2012.











Os laços da escola: entre o social e a pólis na conceituação de Hannah Arendt

Gisela Armando¹

Quando falamos de laços da Escola, do que estamos falando? E quando fazemos Fórum, quais são os laços que pretendemos? Estas perguntas têm estado presentes e vou tentar pensá-las tomando alguns conceitos de Hannah Arendt.

Nossos laços são de trabalho e por ele passa nosso pertencimento a uma Escola. Transferência de trabalho é uma expressão corrente em nosso Fórum, mas penso ser possível começar questionando a noção de trabalho. Em Arendt, encontramos o trabalho dividido em três categorias que ela relaciona com a questão da liberdade. São elas: labor, trabalho e ação. O labor está relacionado à sobrevivência, seja o trabalho feito em casa para a sobrevivência da família, o trabalho assalariado ou não, mas com este fim. Nesta forma de trabalho não há liberdade, mas necessidade. Já o trabalho do artesão, este é na pólis feito com alguma liberdade: há a liberdade do ofício, a de ir e vir, mas o que será realizado depende do desejo de um outro. A ação seria a única forma de trabalho efetivamente livre, e ela é política. Essa noção, política, também tem sua particularidade: não é domínio e nem distinção entre governantes e governados, mas ação em conjunto que reflete a pluralidade humana (ARENDT, 2007). Neste contexto, a ação é singular e cada sujeito é reconhecido pelos seus feitos na pólis. Arendt chega a refletir sobre uma outra atividade, a filosofia, que seria a mais livre de todas por ser contemplativa, mas considera que esta, por não inserir a atividade do sujeito, não pode ser considerada tão livre assim.

Duas outras ideias precisam ser trazidas também a esta discussão: a definição de pólis e de social. Os laços na pólis, quando dos homens livres, são



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP.



de pares. Os indivíduos, os homens livres, são pares entre si, e cada um se coloca de maneira singular neste laço. Pares têm a conotação de serem todos iguais em direitos, mas diferentes em ação. Trata-se de ser livre perante outros que também o sejam, o que não significa um poder fazer a partir das próprias vontades, há a lei, o nomos. Já no social, segundo Arendt, os indivíduos são parte de um agrupamento maior, perdem sua singularidade na medida em que respondem, ou devem responder, às expectativas do grupo. Quanto maior uma população, mais a estatística funciona como predição de probabilidade de comportamento e mais homogeneíza as relações. Desta forma, o social priva o sujeito de sua liberdade na medida em que ele é privado de sua ação, que por definição seria singular. Assim, a estatística, como forma de compreender a existência humana, massifica a população.

Penso ser possível articular essas ideias de Arendt, interpretadas para os fins deste trabalho, com o Cartel.

Primeiro, penso que no texto "Discurso na Escola Freudiana de Paris", há algo que diz sobre a relação de pares que Lacan propõe para a Escola: "Respeitei, não sem razão, o que merecia a experiência de cada um, tal como avaliada por outros. Uma vez efetuada esta triagem, toda resposta de classe implica a igualdade suposta, a equivalência mútua". E depois: "Assim, é inútil que alguém, por se acreditar em figura de ponta, nos ensurdeça com os direitos adquiridos de sua escuta, com as virtudes de sua 'supervisão' e com o gosto pela clínica ou que assuma o ar entendido daquele que detém algo mais do que qualquer um da sua classe". E no parágrafo seguinte ele diz que a Sra. X e a Sra. Y merecem tanto quanto os Srs. P e V. (LACAN, [1970] 2003, p.265-266)

Na Escola, feito o reconhecimento de cada um por meio de suas provas, seus feitos, todos merecem o mesmo, há uma igualdade suposta. Há uma equivalência, mesmo que existam as diferenças de *gradus*. Isto se contrapõe à hierarquia, em que as diferenças de percurso poderiam fazer com que o dizer de uns seria mais importante que o de outros. Deste ponto de vista, resposta de classe não é resposta em conjunto, mas resposta singular, de cada sujeito, na Escola, onde seus membros são ouvidos por seus pares.

Isto implica que os psicanalistas não fazem grupo. Assim como na pólis, cada um é responsável por suas ações, pelo seu dizer, com o mesmo merecimento de escuta pelos outros. Já no social, se estabelece uma resposta certa, que corresponde a uma expectativa, que pode ser baseada em uma teoria, em verdades estabelecidas ou em provas científicas, talvez. Qualquer coisa que responda a uma expectativa. Isto estaria mais próximo do que







Arendt diz sobre o social e da *Psicologia de Grupo*, de Freud ([1921] 1969). De outra forma, entre os psicanalistas a proposta lacaniana parece ser mais próxima da organização da pólis do que do social. Os psicanalistas não fazem grupo, mas talvez conjunto daqueles que não incluem a si mesmos. Conjunto paradoxal que não se fecha.

Aqui, nos encontramos com a ideia de alienação. Se alienação, como está no *Seminário 11*, (LACAN,[1964] 2008) pode ser definida pela reunião com o Outro, conjunto dos significantes, o trabalho de corresponder às expectativas seria então assumir os significantes do Outro como aqueles que orientam a existência e o comportamento, de onde a ação ficaria excluída. Se o trabalho freudiano em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (FREUD, [1921]1969) foi o de mostrar que na massa não há singularidade, os psicanalistas, ao seguir uma expectativa de verdade ou de grupo, ou mesmo um líder, seriam como as instituições citadas por Freud: Religião e Exército.

A pergunta seguinte é: então, como podem se dar os Laços na Escola? Se não se trata de laço social, e se os laços da pólis estão tão distantes de nós no tempo e na experiência, como fazê-lo? Podemos pensar em laços de trabalho.

Na pólis, acompanhando o pensamento de Arendt, os laços podem ser pensados pelas formas do trabalho. No espaço privativo, os laços são marcados pela questão da sobrevivência. No ofício, da dependência. Na ação, que se trata de um trabalho singular, os laços são dados por meio da igualdade suposta e das provas de cada um. Isto me parece ter a ver com a proposta lacaniana de Cartel.

Considero o dispositivo do cartel algo que possibilita na Escola laços de trabalho que nos aproximam da experiência de pólis. Ao se constituir com poucas pessoas, exclui o problema da probabilidade estatística. Ao ter prazo de validade e dissolução após dois anos, tem a possibilidade de excluir os efeitos de igualdade de pensamento e minimizar a consistência de expectativas. Ao ser escolhido um Mais-Um, por sorteio ou qualquer um, possibilita a exclusão dos fenômenos de liderança de um grupo.

No texto *A invenção da Política (WOLFF, 2003)* encontramos uma informação interessante: o líder da cidade-Estado é escolhido por sorteio. Penso que ao ser sorteado, o líder não é o mesmo descrito por Freud em Psicologia das Massas, mas é alguém que apenas exerce uma função: a de administrar a cidade sem que isto implique ser o senhor da pólis. O mais-um do cartel pode ser também escolhido por sorteio, é qualquer um que se disponha a fazer uma função. Isso não garante que todos os cartéis vão funcionar tendo o mais-um desta maneira, mas constrói uma possibilidade.





Tendo em vista o raciocínio construído até aqui, podemos arriscar a dizer sobre o laço de trabalho dado no cartel: trata-se de um laço em que a singularidade está presente, não há expectativas previamente definidas de resultados e de funcionamento, não há hierarquia. O que há é a reunião de pares, onde cada um se faz pelas próprias ações, pelo próprio trabalho, junto com outros.

Talvez possamos pensar isto tomando as fórmulas da sexuação (LACAN, [1972-73] 2010). O grupo social, como o descrito por Arendt (2007) pode se aproximar do que chamamos de lado homem nas fórmulas da sexuação. Ao estabelecer que há um que não está submetido à castração, o líder, todos os outros se fazem a partir disso e forma-se um grupo, um conjunto fechado. Podemos pensar que nesta lógica, os outros, todos os que são a partir deste ao menos um, são efetivamente iguais, excluindo a singularidade e a ação. A igualdade aqui é efetiva, não suposta, pois exclui a diferença e estabelece a expectativa. Um conjunto fechado onde a estatística pode fazer prevalecer seus efeitos (LACAN, [1972-73], 2010).

A ideia de pólis trazida por Arendt (2007) nos dá outra possibilidade: não há Um. Nem numa liderança política ou numa liderança ideológica. O que seria pensamento correto em uma sociedade, na pólis é a efetivação do não reconhecimento pelos pares. O reconhecimento por outros se dá pela singularidade e apropriação de suas ações. E as ações têm sua presença pelos seus efeitos, não pela sua identidade com as expectativas.

Quanto ao lado Mulher, este me parece ser o conjunto aberto, paradoxal, que eu lembrava acima neste texto. Questiono se, ao dizer isto, posso me referir ao significante falo como o que dá o limite entre os dois lados, fechando um e deixando o outro aberto, pouco apreensível pela lógica do social. Numa sociedade, pela lei da estatística, da probabilidade, da expectativa, me parece ser o significante fálico o referencial. E neste, resta tentar ser maior ou menor que o Outro por não poder ser igual a ele. Se inseridos nesta lógica, apenas nos restaria eludir a descoberta freudiana (FREUD, [1900]1972), de que os sonhos não têm uma interpretação única – como nos manuais de interpretação dos sonhos; que o sintoma não é apenas uma patologia genérica – como o quer a psiquiatria; que há uma divisão do sujeito que o torna não todo e também paradoxal.

Pelo exposto aqui, penso que o cartel como dispositivo nos permite sair da lógica do social, da homogeneidade da estatística, e fazer um laço que não seja social, mas pólis. Que não seja fálico, mesmo que exista esta referência. Laços de pólis como laços de trabalho, diferente dos laços dados pela necessidade e pela dependência, como no labor e no ofício.







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. A condição Humana [1958]. RJ, Ed Forense, 2007.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e Análise do Eu [1921]. Obras Completas, vol. XVIII, RJ, 1969.

FREUD, S. A interpretação dos Sonhos [1900]. Obras Completas, vol IV, RJ, Ed. Imago,1972.

LACAN, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris. Outros Escritos [1970], RJ, Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Seminário XI [1964], RJ, Jorge Zahar, 2008.

Lacan, J. Seminário XX Encore [1972-73], Escola da Letra Freudiana, edição não comercial, 2010.

WOLFF, F.A Invenção da Política, in A Crise do Estado Nação, NOVAES, A. (org), Ed. Civilização Brasileira, RJ, 2003.













Glaucia Nagem¹

A partir do *Seminário 19*, os nós se amarram ao ensino de Lacan e o interrogam. No entanto, ele não abandonou sua construção anterior. Ele avança sim, mas sem abandonar algumas bases: a fala como base da análise em sua qualidade de som e o inconsciente estruturado como uma linguagem.

Podemos acompanhar a construção dos esquemas no ensino de Lacan por algumas perspectivas. É preciso ler esses esquemas com Lacan para poder entendê-los. Algumas entradas são possíveis para essa tarefa, e escolherei uma: o sujeito.

Esse é um tema amplo e não tem como esgotar neste texto. No entanto, é um tema que pode nos ajudar a acompanhar a pesquisa de Lacan pelos terrenos da topologia.

Temos a máxima lacaniana: um significante representa o sujeito para outro significante, isso para o inconsciente estruturado como linguagem. Lacan, de braços dados com os linguistas, construiu sua teoria nessas bases. Há que se escutar o paciente. Mas uma escuta que dê valor ao dizer que há por trás dos ditos.

Nessa via, Lacan faz seu retorno atento ao texto freudiano. Na pena de Freud encontramos esse trabalho significante em cada paciente apresentado desde suas primeiras histéricas.

Em o *Eu e o Isso*, Freud nos ensina que para algo tornar-se pré-consciente ele precisa vincular-se às representações verbais e que "Essas representações verbais são resíduos de lembranças; foram antes percepções e, como todos os resíduos mnêmicos, podem tornar-se conscientes de novo" (FREUD, [1923] 1981, p. 2706).

O que está posto desde a origem da psicanálise é o peso do dizer no texto do inconsciente. Freud ensina que o recalque é um erro de tradução e que é isso que possibilita escutá-lo.

Com a linguística, Lacan constrói suas redes e esquemas. A cada tentativa de construção teórica Lacan localiza o sujeito. Rapidamente podemos vê-lo já posto no esquema R (LACAN, [1960] 1980, P. 559).

 \bigoplus

Nós na fita 135





¹ Psicanalista e artista visual, membro do FCL-SP e da EPFCL – Brasil.



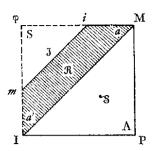
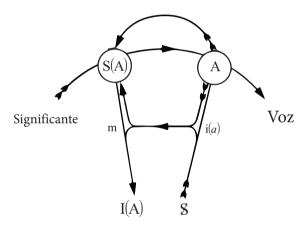


schéma R:

Ali, onde opera o Édipo, o sujeito está posto sob a barra que o separa do significante falo. O esquema R nos apresenta que quando o Édipo opera, o falo e o NP aguentam as pontas para esse sujeito construir sua realidade.



No mesmo ano, Lacan monta suas redes em um grafo chamado do desejo. Nele, também localiza o sujeito em questão. (LACAN,[1960], 1980, p.822)

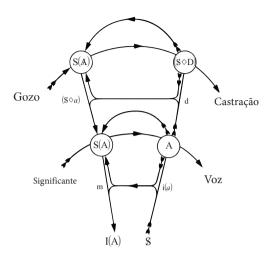
O sujeito na saída, de onde parte a seta, vai em direção ao Ideal. E nesse trajeto topa com a estrutura. E, assim como o esquema R, operando o NP, esse grafo se desdobra, abre, passa pelos campos do desejo e do fantasma. Topa com o alívio de que o Outro não é todo. (LACAN, [1960] 1980, p.831)

136



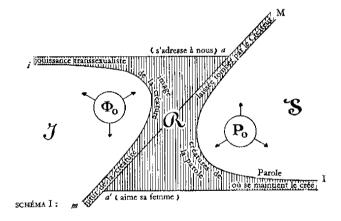






Tanto um quanto outro localizam o sujeito neurótico em suas peripécias na estrutura.

E quando a estrutura é operada a partir da forclusão? Temos que o R, na ausência do NP e do significante fálico, se abre ao infinito (LACAN, [1957] 1980, p. 578).



E mostra como a realidade do sujeito em questão no esquema I se abre ao infinito em suas significações. Quanto ao delírio, Lacan demonstra isso com Schreber, ao tratar essas pontas abertas.

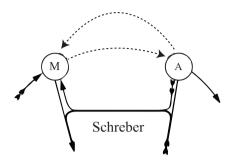
No grafo, Lacan demonstra como a ausência do NP opera uma ligação diferente entre os significados do Outro e a bateria significante. (LACAN,[1957-58] 1999, p.160)

Nós na fita 137









Em vez deste último ressignificar o primeiro por uma via direta, ele o faz por um curto-circuito. Também é o caso Schreber que demonstra o funcionamento da parte inferior do grafo na ausência do NP.

Passando para as topologias de superfícies, temos desde o *Seminário 9* Lacan às voltas com isso que recoloca a relação do sujeito diante da demanda e desejo e reordena o lugar do objeto a e ainda a relação do sujeito ao Outro. Para isso ele se utiliza de algumas superfícies, como ele mesmo afirma que "certamente, essa topologia é essencial à estrutura da linguagem. Falando estrutura não se pode não evocá-la" (LACAN, 1964, p.25).

Jean-Marie Jadin diz que:

[...] a topologia aparece como o link intermediário indispensável entre as primeiras formulações de Lacan, aquelas sobretudo resultado da aplicação da linguística estrutural ao texto de Freud, e as formulações mais tardias [...] Sem a topologia não podemos compreender algumas fórmulas lacanianas. Tudo se passa como se Lacan tivesse criado imagens ou formas espaciais, um imaginário para suas primeiras formulações. Ele diz ainda que "A topologia vem a ser uma escritura que ele lê e não mais um modelo que ele comenta" – "o sujeito é corte do objeto a" não é um comentário, mas uma leitura (JADIN, 2001, p.125).

Temos uma nova maneira de ler o que Lacan construía teoricamente a partir de sua clínica. Parece que um dos principais interesses nesse modo de leitura é a possibilidade de enxugar o que seria uma leitura dos fenômenos e comportamentos, focando no que é da estrutura. E ainda, pelas propriedades da topologia de superfície demonstrar o sujeito como esse ponto impossível







de localizar, inconsciente moebiano em sua continuidade interno-externo e o objeto em sua impossibilidade de fazer imagem.

O moebiano é o que localiza algo do sujeito nessas superfícies. E acompanhamos passo a passo como Lacan nos convoca aos cortes sobre essas superfícies para extrair de cada uma delas o que leva a esse moebiano. Jean-Marie Jadin conclui que:

[...] a apreensão moebiana se faz ao mesmo tempo em todas as figuras topológicas, o toro, o toro do sujeito face o toro enlaçado, o crosscap, a garrafa de Klein. Se trata sempre do mesmo corte, aquele que define o inconsciente moebiano (JADIN, 2001, p.158).

E o que esse inconsciente moebiano nos ensina? Que sendo ele estruturado como uma linguagem, confirma que o sujeito é isso que um significante representa para outro significante.



O que entra na topologia sacamos na demonstração de cada uma dessas superfícies. Lacan nos confirma essa ideia em seu *Seminário 13*:

O que representa nesta figuração a banda de moebius? [...] o que ela é [...] pura e simplesmente o corte. Quer dizer, suporte necessário para que tenhamos uma estruturação exata da função do sujeito, do sujeito como esta potência auscultadora, esta captura do significante sobre si mesmo que faz o sujeito necessariamente dividido e que necessita que todo o recorte no interior do mesmo não faça nenhuma outra coisa inclusive levado ao mais extremo, que reproduzir cada vez mais oculta a sua própria estrutura (LACAN, 1966, sp).

Do inconsciente moebiano e sua indicação do lugar do sujeito em sua relação ao objeto, por que passar aos nós?

Em 8 de janeiro de 72, quando Lacan recebe a construção do nó borromeu, seria um encontro vazio se ele já não estivesse com toda a construção anterior lhe movimentando. O seu trabalho com as fitas e superfícies lhe apontou o uso que os nós poderiam lhe acrescentar.

Nós na fita 139





Os nós abriram um novo campo na construção teórico-clínica de Lacan. A começar pela possibilidade de articular seu RSI de modo que um não se sobrepusesse ao outro em matéria de valor, mas sim em seus cruzamentos e relações. Com esse enodamento o objeto a muda de estatuto, pois ele não mais consiste como superfície, ele passa a ex-sistir como ponto de amarração do nó.

E o sujeito, o que muda nele em sua relação com os significantes? Isso foi a pesquisa nos encontros de membros do FCL-SP deste ano. A pergunta que se impôs em vários encontros foi se o sujeito teria sido ou não substituído pelo parlêtre.

No texto "o Fala-ser modifica a psicanálise", Albert Nguyên afirma que:

O sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem, o sujeito do simbólico, não está mais na frente da cena (mas, nem por isso está desaparecido), é o fala-ser que ocupa esse lugar corporal: Real: "o ser é um corpo" (*Seminário XX*, p. 127). O fala-ser faz a junção entre a função da alíngua e o real do gozo, e é esta nomeação que faz entrar na questão do homem, do humano (NGUYÊN, 2015, p.12).

O Fala-ser foi uma construção possível a partir da teorização dos nós. O nó traz a possibilidade de apresentar os registros RSI enodados de um modo que se um se solta os outros também se soltam. Essa é uma amarração que nos interessa, pois tira a soberania de um registro sobre o outro. Não é mais o caso de cair na armadilha de pensar que o simbólico seria o registro principal, nem que em seu lugar entraria o Real e nem ainda que o imaginário pode ser rechaçado.

Izcovich afirma em seu artigo "L'être de jouissance" que:

A partir do abandono da antinomia entre simbólico e gozo, Lacan volta a definir sua teoria do sujeito, forja outro estatuto do inconsciente e modifica sua abordagem do corpo na doutrina. Essas mudanças acabaram por introduzir o termo Parlêtre (IZCOVICH, 2008, p.40).

Em 1974, Lacan diz que: "O fala-ser é um modo de exprimir o inconsciente. O fato que o homem é um animal falante, isso é bastante inesperado, é que é totalmente inexplicável, saber isso que é, com o que se fabrica, essa atividade da palavra" (LACAN, 1974).







O sujeito não sai de jogo nem mesmo é substituído. No entanto, os nós nos oferecem um maior descolamento do que poderíamos nomear como uma certa rigidez da estrutura. A pergunta que se impõe a partir dessa virada que os nós nos oferecem é como cada um se amarrou e se virou com os registros RSI? Como o analista pode ouvir e tratar essa amarração?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. (1923). "O Eu e o Isso". Madrid-4 Espanha, 1981. Tradução directa del aleman por Luis Lopez-Ballesteros Y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras Completas, Tomo III), p. 2.701.
- IZCOVICH, L. *L'être de jouissance*. In: L'em-je n° 11. Toulouse: Éres, 2009. p. 40.
- JADIN, J.-M. (2001). "L'Inconscient Möebien, La Topologie des surfaces de Lacan I". In: Ecritures de l'inconscient de la lettre à la topologie. Strasbourg: Arcanes, 2001.
- LACAN, J. (1964-65). *O seminário livro 12: Os Problemas Cruciais da Psicanálise*. Publicação não comercial para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. p. 25.
- _____. Conferência de imprensa de Lacan no Centro Cultural Francês, no site da École Freudienne (1974) http://www.ecole-lacanienne.net.
- ______. *O Seminário livro 13*. Versão digital Staferla, aula de 5 de janeiro de 1966.
- NGUYÊN, Albert. *O falaser modifica a estrutura*. in Revista Livro Zero 7,, São Paulo, FCL-SP/EPFCL-Brasil, 2016, p.12.
- ZAHAR. J (1999) O Seminário livro 5, as formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro
- ______. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, in Escritos (1957) Rio de janeiro:
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, in Escritos (1960) Rio de Janeiro

Nós na fita 141











Enlaces e desenlaces entre gozo e verdade

Ingrid Figueiredo¹

Este trabalho pretende discutir a noção de *ser-para-o-sexo*, formulada por Lacan, e suas relações com o conceito de verdade. Retomo-o, em *Alocuções sobre as psicoses da criança* (1968/1998, p. 363): "E não pegamos a coisa em razão daquilo que os psicanalistas dizem bem demais para suportar sabê -lo, e que designam, graças a Freud, como a castração: o ser-para-o-sexo".

Lacan destaca que a partir do momento em que somos sujeitos divididos pela barreira da castração, o ser-para-a-morte - em referência a Heidegger -, deixa entrever que está em jogo a castração do próprio sujeito. Em outras palavras, trata-se de um ser-para-o-sexo, pois, para além da morte, o sujeito precisa se encontrar com a barreira da castração e com o gozo, encontro que guarda relação com a noção de verdade. No momento em que o sujeito constrói a sua fantasia fundamental, em sua entrada na linguagem, estabelece um valor de verdade para esta escrita fictícia além de fixar um modo de gozo. Lembrando que, para Lacan (1969-70/2002), a verdade tem estrutura de ficção e la jouissance (o gozo) comparece como a "cunhada" desejada no casamento fictício entre saber e verdade, segundo Prates Pacheco (2008, p. 10). Tal formulação me endereça a Clarice Lispector em Água Viva (1973/1998, p. 17): "Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada". Assim, pretendo empreender um diálogo entre psicanálise e filosofia acerca da relação entre o gozo e a verdade.

Mais além da significação do falo: não há relação sexual

No texto *L'Étourdit* (1972/2003), Lacan aborda o ato, ou interpretação, do analista a partir do equívoco da língua, em uma articulação entre lógica



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP.



e topologia. Ele propõe a psicanálise como aturdimento e o princípio da inexistência da relação sexual – em contraposição ao princípio de não contradição de Aristóteles – no qual o *dizer* promove uma suspensão do sentido e produz um equívoco ab-senso na linguagem, colocando em tensão o valor de verdade. Desse modo, o sujeito da enunciação está submetido ao princípio da inexistência da relação sexual.

Lacan (1972/2003) nos endereça a um caminho em direção à primazia do dizer: "Que se diga fica esquecido atrás do que se diz e no que se ouve" (p. 448). Nesta afirmação, aponta-se para o três, para a terceira dimensão. Refere-se ao dizer que se esquece atrás do dito que se ouve. O neurótico do toro, que Lacan aborda neste texto, é o esquecido que dá voltas com os seus ditos da demanda.

Retomo Dominique Fingermann, em sua transmissão no FCL-SP. Ela explora *L'Étourdit* por meio de homofonias: *tort* [erro], *tore* [toro], *trou* [furo], *tour* [volta], *rétour* [ida], *détour* [volta], *contour* [esboço]. *Le tort du tour du trou retourne* [o erro da volta do furo, retorna].² Lacan utiliza a homofonia e a função poética para revelar o equívoco da linguagem com o qual os analistas podem operar e que é "calculado" pelos poetas. O sentido somente é decidido pela escrita. *L'É-tour-dit*, como "a volta não contada do dito", numa topologia em que é a palavra que corta e produz efeito de suspensão de sentido. É, nesse sentido, um corte que a palavra opera para retornar à estrutura do significante que comporta um furo. Assim, um corte do analista aponta para um dizer que está fora dos ditos.

Esses equívocos não podem ser pensados a partir da lógica clássica aristotélica, por isso Lacan se apropria de uma nova lógica para dar conta do *que se diga* que é a lógica da inexistência da relação, ou proporção sexual, e que se articula com *lalíngua*. Este conceito de lalíngua faz referência ao que está para além da linguagem, em uma articulação êxtima, de modo a engendrar uma proliferação de sentidos que não se relaciona ao significado das palavras no dicionário. Tal novo regime discursivo impõe uma operação do gozo fora do regime fálico, onde está em jogo a letra que bordeja o furo do real: do fora do sentido. Estamos diante da possibilidade de transpor o muro de linguagem em direção à produção de um sentido novo?

Lacan, ao formalizar esta nova lógica, desenvolve as fórmulas da sexuação, questionando a ontologia e empreendendo uma investigação sobre a relação do *ser* com o gozo e a verdade. Desconstrói a noção de *ser* em detrimento da noção de *pareser* ou de *semblant*, o que denota a existência de semblantes sexuais, como comenta Cevasco (2013).





² Tradução minha.



Aqui, tem-se uma análise a ser considerada: nas fórmulas da sexuação, o inapreensível e a inacessibilidade do real do sexo, que está fora do sentido e que remete ao gozo não todo, está em relação com a referência fálica, mas também escapa a esta. Dito isso, é fundamental verificar como ocorre tal articulação.

O Outro gozo e a verdade

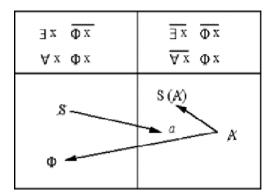
O inconsciente estruturado como uma linguagem, e marcado pelo sexual, inscreve o gozo fálico, o que não estabelece diferença na ordem de gênero – homem ou mulher –, mas sim em relação ao modo de gozo ou posição sexuada. O discurso do inconsciente, que é o discurso do mestre, não é o mesmo do analista ao operar com o não todo da linguagem. De acordo com Cevasco (2013), esse gozo não todo não recorre à anatomia, muito menos às identificações (semblantes sexuais), mas sim à fixação de gozo determinada pela linguagem. Neste sentido, o gozo não todo não é complementar ao gozo fálico, mas *suplementar*.

O que Lacan apresenta em *L'Étourdit* (1972/2003) e com suas articulações a partir das fórmulas da sexuação é a possibilidade de rompimento com a significação – onde está em jogo um modo de gozar fálico – a partir do acesso ao real do sexo, referido ao lado mulher do quadro da sexuação. No lado feminino, Lacan situa A Mulher que não existe e S(A), o grande Outro barrado, onde a verdade comparece como acessível apenas por um semi-dizer, o que possibilita desconstruir uma ontologia alicerçada sobre o princípio de não-contradição aristotélico e posicionar homens e mulheres diante do Heteros do Outro gozo, fora da referência à matriz heterossexual presente no laço social, como podemos ver nas fórmulas da sexuação abaixo: (LACAN, 1972-73)









Contra a ontologia da univocidade do ser, haveria a equivocidade do significante ou uma ontologia cuja substância seria a *substância gozante*. Isto se dá, justamente, por causa da divisão do sujeito e da barreira da castração na linguagem que guarda relação, respectivamente, com a *falta-a-ser* e a *falta-a-gozar*. Este é o ser-para-o-sexo, conceito cunhado por Lacan (1967) em *Alocução sobre as psicoses da criança* (1968/1998), que estabelece um diálogo com o conceito de *ser-para-a-morte*, de Heidegger.

O ser-para-o-sexo diz respeito a uma eleição inconsciente da posição sexuada do sujeito. A inexistência da relação sexual, formalizada por Lacan, diz respeito à impossibilidade de um determinismo no encontro sexual. Deste modo, torna-se necessário "se virar" com o real inapreensível da linguagem e construir um *savoir-y-faire*, uma invenção, a partir dessa impossibilidade. Uma verdade inventada, como nos diz Clarice?

De acordo com Cevasco (2013), em L'Étourdit, Lacan reconhece a fraternidade entre filosofia e psicanálise quanto ao vínculo entre verdade e linguagem em referência a Heidegger, a quem já havia rendido homenagem por considerá-lo o filósofo contemporâneo que abordou esta importante articulação. Assim como o sintoma, que é a verdade que retorna nas falhas do saber, a linguagem não é mais que um *meio-dizer*, pois tanto ela como a verdade são feitas da mesma matéria. Não existe, portanto, a possibilidade de dizer uma verdade absoluta, toda, pois a palavra comporta uma equivocidade que impossibilita a enunciação da univocidade do ser. A verdade é evanescente, porque quanto mais se manifesta, mais se camufla. Esta articulação entre filosofia e psicanálise permite a abordagem da questão da verdade que é rechaçada pelo discurso da ciência e sofre uma banalização pelo discurso capitalista. A resposta da ciência e a resposta da psicanálise para o real são distintas, como aborda Pacheco Filho (2013). E é nesta discussão que Lacan estabelece o ser-para-o-sexo a partir – e também em oposição – ao ser-para-a-morte, de Heidegger. Cito Cevasco (2013, p.71):







Al transformar el ser-para-la-muerte en ser-para-el-sexo, Lacan se aleja de Heidegger. La dimensión sexual, ausente del pensamiento heideggeriano, es una fuerte objeción a la pretendida autenticidad de la pureza del ser, lo cual permite, de paso, liberarse de la posible toxicidad que pueda acarrear su pensamiento; nos referimos, por supuesto, a su ceguera ante el nazismo. El abordaje del ser-para-el-sexo introduce la incompletud que es un antídoto de todo pensamiento totalitario.

A incompletude implicada no ser-para-o-sexo nos oferece uma politização do real do sexo, pois o campo do gozo não todo faz barreira ao totalitarismo no laço social. Aqui, cito Conrado Ramos, em importante debate no *Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Sociedade da PUC-SP.* Assim, pode-se pensar em um laço que inclua a dimensão da heteridade.

A psicanálise está interessada em operar com o gozo não todo da linguagem. Se um valor de verdade absoluto é quebrado dentro da referência fálica, é necessário que o sujeito tenha que se deparar com uma disjunção entre o casamento fictício entre saber e verdade, impossibilidade demonstrada pela barreira do gozo, *la jouissance* (a cunhada). Lacan nos traz em *Televisão* (1973/2003, p. 508) a seguinte afirmação bastante contundente: "Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real".

Assim, considero que a noção de verdade está intimamente atrelada à de ser-para-o-sexo, a partir das fórmulas da sexuação, com a subversão da lógica clássica aristotélica. Com a formalização do gozo não todo, Lacan propõe uma incompletude do ser e uma impossibilidade de dizer toda a verdade, pela própria barreira da substância gozante, de modo que nenhum saber dará conta da verdade por completo. Trata-se de uma verdade não toda.

Além disso, a proposição do *ser-para-o-sexo* permite romper com a ontologia heideggeriana, tomando em evidência os seguintes pontos fundamentais: a dimensão do gozo presente na linguagem; os limites da filosofia e da ciência quanto à verdade e ao real, e; a possibilidade de um diálogo da psicanálise com a lógica e a topologia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEVASCO, R. Ser-para-el-sexo y partición de los sexos. In: ZAPANCIC, A., COPJEC, J. & CEVASCO, R. Ser-para-el-sexo: diálogo entre filoso-fía y psicoanálisis. Barcelona: Ediciones del Centro de Investigación Psicoanálisis & Sociedad, 2013. pp. 69-99.
- LACAN, J. (1968). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003. pp. 359-368.
- ______. (1971-1972). Seminário 19: O saber do psicanalista. Tradução de Ana Izabel Corrêa, Letícia P. Fonsêca e Nanette Zmery Frej. Publicação para Circulação Interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- ______. (1972). O aturdito [*L'Étourdit*]. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003. pp. 448-497.
- ______. (1972-1973) Encore. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. Publicação não comercial da Escola Letra Freudiana, 2010.
- ______. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003. pp. 508-543.
- LISPECTOR, C. (1973). Água Viva. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1998.
- PACHECO, A. L. P. O dote que o saber paga ao gozo (*la jouissance*) no casamento fictício com a verdade. *Textura*. Rio de Janeiro: Publicação das Reuniões Psicanalíticas, nº 7, pp. 9-12, 2008.
- PACHECO FILHO, R. A. O real: a resposta da ciência e a resposta do psicanalista. *Stylus*. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, nº 26, pp. 35-43, 2013.







Do real ao a, ou da queda ao passo de dança

Lucília Maria Abrahão e Sousa¹

Do real, o que não se diz

Ando muito completo de vazios./ Meu órgão de morrer me predomina./ Estou sem eternidades./ Não posso mais saber quando amanheço ontem. Manoel de Barros

> Boca não disse palavra. Carlos Drummond de Andrade

O cotidiano de Ana – nome banal de uma mulher acostumada ao conforto do lar e à realização de tarefas domésticas sempre iguais – guarda certa inquietação contida, um desarrumar sob aparente controle, "alguma coisa intranquila" que se sustenta presente na ordem da vida. Clarice Lispector a desenha com primor, mantendo-a circunscrita ao típico dos anos 50, uma vida escrita por/para marido e filhos, em um apartamento bem situado na capital carioca e em cuja ordem do repetível as horas se desenrolam protegidas de toda turbulência e da "ternura do espanto".

Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco de espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido [...] Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. Ela alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera (LISPECTOR, 2009, pp. 20-21).



¹ Docente na Universidade de São Paulo (FFCLRP), membro do Fórum do Campo Lacaniano SP. Contato: luciliamasousa@gmail.com



A fúria utilitária da personagem se soma à persistência com que limpa móveis, arruma objetos, faz compras e (tenta) higieniza(r) qualquer assombro, domesticando-se em torno de uma necessidade de criar raízes, melhor dizendo, "de sentir a raiz firme das coisas" (*Idem*, p. 20), no que o casamento lhe serviu muito bem. Tal edifício de sustentação cria para ela uma verdade diferente daquela que havia experimentado na "juventude anterior" (*Idem*, p. 20) quando tivera "uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera" (*Idem*, p. 20). Desses efeitos de turbulência silenciados, deriva a descoberta de que "também sem felicidade se vivia" (*Idem*, p. 20) e de que algo de uma ordem estética poderia ser construída justamente ali. "Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem" (*Idem*, p. 20).

Naturalizam-se esses sentidos como evidentes para Ana na posição de mãe e esposa sem que isso implique o desaparecimento de outros; muito ao contrário, eles persistem em movimento, eles dão notícias do instável, eles promovem a anunciação do que virá adiante. No fundo e dentro dessa ordem, a personagem feminina experimenta que "alguma coisa intranquila estava sucedendo" quando, de dentro do bonde, vê um cego. "Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles." (*Idem*, p. 21). Eis o momento em que a vida sai dos trilhos, os ovos caem da sacola, ela é tomada por um torpor inexplicável, dá-se a vertigem e as coordenadas de espaço e tempo são dissolvidas.

[...] continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita, jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados (*Idem*, p. 22).

Um átimo de Ana e o tropeço no real. Lacan ([1964] 1973, p. 159) o define nos seguintes termos: "o oposto do possível é seguramente o real (...) o real como impossível", com cujo encontro inaugura sempre um para-além, um horizonte não alcançável. Nesses termos, o inconsciente está no domínio da hiância, produzi(n)do pelo que não se conclui nem se presta a conclusões enrigecidas, não se realiza completamente a não ser pela via de um abrir e fechar rápidos, sinais de evanescência de algo sempre prestes a escapar de novo, e de novo e mais ainda. E nisso consiste o sujeito, nesse tráfego







constante entre significantes (e buracos entre eles) que tentam uma (e outra e sempre provisória) resposta ao buraco. Desse movimento, emerge Ana no intervalo as entre-palavras do lar e a ordem escapante da queda de sua sacola no transporte/espaço público: com os ovos, cai o ideal desenhado para si mesma e o vazio convocado pelo olhar do cego se faz presente a produzir (e)feitos de vazio.

Ainda sem contorno preciso no campo da linguística, a noção de real encontra caixa de ressonância no pensamento de Pêcheux (1983, p. 29) quando ele sintetiza que "não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra". Talvez sem a radicalidade originalmente tecida por Freud (1895) e Lacan (1960, 1964) e com as especificidades que foram possíveis, o fundador da Análise do Discurso (1981, p. 63) aponta que "(...) a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito", o que implica não tentar disfarçar ou escamotear a "novidade insuportável" (*Idem*) de Saussure, qual seja, "as relações entre o desejo, o real e o impossível". Pêcheux se inquieta com tais relações, dedicando-se a formular a força do witz, joke, do equívoco, da língua e suas falhas e seu inatingível, e seu traço ausente, e da poesia como lugar de encontro de lalangue com a loucura. Logo no primeiro texto, anuncia o objeto da Linguística nos seguintes termos:

A linguística, ciência da língua e das línguas, ciência da divisão sob a unidade, traria assim, inscrito em seu destino o desejo irrealizável de curar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento da divisão. Seria esse destino que induz a estranha propensão da linguística a se resvalar na ignorância? Essa surdez interna ganha terreno cada vez que a linguística deixa o real da língua, seu objeto próprio [...] (Op. cit., p. 19).

Nesse extrato, Pêcheux não apenas flerta com a psicanálise de Freud e Lacan, ao referenciar a noção de "ferida narcísica", mas principalmente apresenta-se no lugar de defesa de um real que a própria linguística teria deixado de lado em seu interior e em seu campo, real este que Pêcheux nomeia como próprio da língua. Na esteira dos estudos sobre a teoria do valor em Saussure e sobre os anagramas, sinaliza que há "o retorno de um ponto recalcado da linguística..." (*Op. cit.*, p. 22), o real, que ele escreve como a ordem de "um impossível, inscrito na própria ordem da língua" (*Op. cit.*, p. 32).





Nesses momentos de formulação sobre o real, Pêcheux apoia-se no trabalho "O amor da língua", de Milner (1987), e segue adiante: "O 'real da língua' é, portanto, o impossível que lhe é próprio" (*Op. cit.*, p. 52); ou seja, o que ela mantém de inatingível e indizível em si mesma, o que insere na ordem do sistema o inacessável como próprio da estrutura. Assim, a linguística teria que considerar não apenas o que manca no funcionamento do sistema, mas, sobretudo, o que lhe é puro limite de nunca conseguir expressar. Pois foi dessa ordem o (des)encontro de Ana com os olhos do cego: tropeço no inominável, abismo sem palavra, sem sentido que escancara a precariedade da sua verdade, um grito e o vazio como condição (SOUSA, 2013, p. 61). Vejamos como Clarice literiza, esburaca e poetiza isso.

[...] a rede perdera o sentido e estar no bonde era um fio partido. Não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? [...] Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível [...]. O mundo se tornava de novo um mal-estar (LISPECTOR, 2009, pp. 22- 23).

Se até o encontro com o cego Ana tinha se conservado enquadrada por certos efeitos de/sobre dona de casa e esposa, no-depois algo implode o estabilizado e coloca tudo em um estado de suspensão. Os ruídos da rua ficam mais altos, sideram ao seu redor imagens não percebidas, o bonde já não é mais o mesmo, o turbilhamento a suga: "Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram" (LISPECTOR, 2009, p. 23). Os olhos do cego guardam algumas características importantes de anotar, parecem sorrir durante a mastigação, não indiciam sofrimento embora estejam na escuridão e olhem "como se olha o que não nos vê" (*Idem*, p. 21). Clarice escreve: "(...) olhava o cego profundamente, como se olha o que não se vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem o sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir (...)" (*Idem*, p. 21). Ana em movimento, o cego parado; ela dentro do bonde o vê por uma moldura de janela, ele exposto no passeio público masca, sorri e se oferta como a fazer-se olhar; ela com o (des)caminho de ovos quebrados, ele silente no sem direção de seus olhos secos. Desse encontro, o acidente irreversível:







Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca (*Idem*, p. 23).

Soma-se a esse tropeço dos olhos de Ana nos do cego, um conjunto de outros movimentos: os passageiros olham para Ana, ela continua com seus olhos no cego, desvia-os, olha em torno de si "segurando a rede suja de ovo" (*Idem*, p. 23), olha para si e de novo para ele. Em todos esses *flashes* da travessia de Ana, estamos diante do órgão em ação (e aqui vale a polissemia, posto que é esse o mote da narrativa); interessa-nos, no entanto, observar como o olhar – uma das formas de inscrição do objeto a – produz efeitos em duas cenas do conto.

Do olhar, notícias de um intervalo

Saiba que os poetas como os cegos podem ver na escuridão. Chico Buarque

> Sou cego de tanto vê-la. Caetano Veloso

Lacan atravessa muitos seminários e escritos investigando o olhar, o que indicia o quanto tal conceito é importante para a sua teoria, em se tratando da constituição do sujeito. No *Seminário 11*, ele dedica longo tempo ao que denomina a "esquize do olhar". Duas coordenadas são depreendidas daí: i. o olhar é objeto da pulsão e ii. o olhar é condição de estruturação do sujeito em sua relação com A. Do primeiro ponto, afirma que:

Essa esquize constitui a dimensão característica da descoberta e da experiência analítica, que nos faz apreender o real, em sua incidência dialética, como originalmente mal-vindo. É por isso, precisamente, que o real é, no sujeito, o maior cúmplice da pulsão [...] (*Op. cit.*, [1964], 1973, p. 71).





Diante do mal encontro com o objeto perdido e do tropeço no real, o sujeito constrói como resposta o objeto pequeno a, que lhe servirá de fio imaginário a manter certa repetição no circuito pulsional e a tentar recolocar um preenchimento imaginário (sempre insuficiente e provisório) no epicentro do vazio. Quinet (2002, p. 12) sintetiza:

O vazio da janela é a falta do Outro – buraco deixado vazio pelo objeto perdido desde sempre. A estratégia do sujeito é fazer com que o objeto causa do desejo volte para a janela vazia [...] Em suma, o sujeito aloja um espelho ou um quadro no vazio deixado pela extração do objeto a no campo do Outro.

Estamos em um campo de repetição "em que se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico" (LACAN, [1964], 1973, p. 74), o que consiste na tentativa de suturar o impossível. Isso porque "o olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia de castração" (*Idem*, p. 74). Nesse sentido, é importante marcar que Lacan não está às voltas com o empírico do órgão, embora lance mão do fenômeno do mimetismo nos insetos como recurso de adaptação ao meio, drible do predador, posição de domínio do corpo na relação com os outros animais, mas sim está interessado na função de/do olhar, isto é, entendendo que "o olho é apenas metáfora de algo que melhor chamarei o empuxo daquele que vê – algo de anterior ao seu olho" (*Idem*, p. 73).

E se estamos para além do órgão, tateamos o que do olhar implica o imaginário e o simbólico no grande enredo das pulsões humanas: do olhar, algo se repete; do olhar, algo dá satisfação; do olhar, se enlaça uma tradução da falta estrutural do sujeito; do olhar, algo sempre se ignora; do olhar, algo evanesce. Lacan é quem o diz: "Na medida em que o olhar, enquanto objeto a, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração, e que ele é objeto a reduzido, por sua natureza, a uma função (...) evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência (...)" (*Idem*, p. 77). Essa evanescência depende especialmente do "ponto de olhar" (*Idem*, p. 95), já que não se pode ocupar todos os pontos de olhar ao mesmo tempo, do mesmo modo que não se pode ficar fora de qualquer ponto. Inscreve-se aqui a importância do lugar de onde o sujeito pôde/pode olhar, do lugar a partir do qual ele vai tecer sua tapeçaria imaginária de luz e sombra, do lugar que lhe foi possível ocupar na relação com o Outro.







No que se apresenta a mim como espaço de luz, o que é o olhar é sempre algum jogo da luz com a opacidade. É sempre esse respelhamento que estava lá ainda há pouco no coração de minha estorinha, é sempre o que me faz me conter, em cada ponto, de ser anteparo, de fazer aparecer a luz como cintilação, que o transborda. Para dizer tudo, o ponto de olhar participa sempre da ambiguidade da joia (*Idem*, p. 95).

Se um ponto de olhar é estruturante para o sujeito, temos que tal operação é sempre incompleta, o que implica e se desdobra sempre em nova busca, em outro deslizamento rumo a um encontro que não se dá por completo, e por ser parcial convoca o sujeito a desejar novamente. "Quando, no amor, peço um olhar, o que há fundamentalmente insatisfatório é sempre falhado, é que – jamais me olhas lá de onde te vejo" (*Idem*, p. 100). E por ser assim, configura-se como objeto a em si definido por Násio (1995, pp. 54-55) como "uma instância que não tem materialidade, nenhuma substância, não tem imagem, não se pode apalpá-lo, tocá-lo, ele não é especular (...) o olhar em si, como lugar do gozo, como energia, satisfação, isso não é visível".

E assim ocorreu com Ana, personagem cuja vida sai dos trilhos após um simples ponto de olhar, olhar sem imagem e sem substância, olhar evanescente que abre o abismo do real e faz a personagem dar uma volta em torno dele. "O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada (...) Um cego mascando chicles mergulhava o mundo em escura sofreguidão (...) Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa (...) Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto (...)" (Idem, p. 23). A movimentação do olho do cego concorre para a sua própria impossibilidade de ver; a posição dele amplifica e sideriza o ponto cego dela, a sua vida aprisionada pela ausência do espanto, preservada do indizível, normatizada pela falta da falta. "Parecia ter saltado no meio da noite" (LISPECTOR, 2009, p. 24). Algo da ordem da vertigem se produz aí, Ana vê o seu insuportável vir a reboque, o torpor do seu buraco de não ver, a crueza do mundo e a permanência de um voo-livre que a faz sucumbir em efeitos de fascínio e horror. "Ela adormecia dentro de si" (Idem, p. 24). Ao entrar no Jardim Botânico, dilatam-se as marcas desse torvelinho sem sentido: "O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno" (Idem, p. 25).

O segundo ponto importante destacado por Lacan diz respeito ao olhar no campo de A, "um olhar imaginado por mim no campo do Outro" (*Idem*,





p. 84) afirma ele, o que é condição estruturante para o sujeito. O fazer-se olhar elimina de pensar uma relação ativo e passivo (NASIO, *Op. cit.*) e constitui o sujeito na dialética de distância e aproximação marcadas pela rachadura e hiância, que não podem ser preenchidas e que estão em jogo justamente porque incompletas.

Nessa direção, o olhar nunca é compacto posto que pura contradição. "No campo escópico, tudo se articula entre dois termos que faz funcionar de maneira antinômica – do lado das coisas há o olhar, quer dizer, as coisas têm a ver comigo, elas me olham, e contudo eu as vejo"(*Idem*, p. 106). Esses dois termos marcam a relação do sujeito com a existência de um Outro que também olha, que faz sinfonia com o olhar do sujeito, que faz retroagir efeitos de olhar, constituindo a dialética do desejo. Quinet (2002, pp. 12-13) afirma:

[...] o olhar pode ser imaginado pelo sujeito através de um barulho qualquer que denote a presença de alguém [...] O objeto olhar reina invisível no campo imaginário como suporte do desejo ao Outro que o caracteriza. Ele faz do eu uma instância de espetáculo: ator e espectador. Ator, ele se dá a ver para agradar ao Outro, para suscitar seu desejo; espectador, ele espia o Outro que o espiona para melhor enganá-lo. O quadro da fantasia [...] é os óculos com os quais ele vê a realidade [...] nada mais é senão um quadro que ele colocou na moldura de sua janela do real.

Tal processo não se sustenta sem o intervalo dado pelo vazio, cisão sempre mantida como tal. "O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha" (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29). É justamente isso que faz o intervalo no movimento de Ana: ela ser tomada pelo fazer-se olhar do cego, o vazio do intervalo entre vê-lo de perto e de longe, na distância disso que não tem matéria. Olhá-lo mais de perto de dentro do bonde, olhar os ovos (olhos) quebrados, retornar à busca de olhar o cego de novo agora mais de longe posto que o bonde se distanciou, o intervalo como cisão. Essa é a primeira cena que dá notícias do olhar como fundamentado por Lacan.

Desse intervalo constitutivo do olhar, é possível extrair do conto dois recortes que remetem Ana ao seu retorno do Jardim Botânico para o







apartamento: "Era fascinante, e ela sentia nojo" (*Idem*, p. 25) e "Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como sempre foi fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a" (*Idem*, p. 26). O olhar comparece aqui como objeto pulsional, como deflagrador de contradições, como janela onde são pintadas cenas da relação do sujeito com o Outro. "O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico" (LISPECTOR, 2009, p. 29). Barthes (1990, p. 278) alerta que "No verbo olhar as fronteiras do ativo e do passivo não são nítidas", muito ao contrário, são tênues e muito movediças de tal modo que, no conto, conservam amor e nojo ao mesmo tempo, de tal modo que as cenas de olhar pendem como frutos ora verdes, ora maduros nos desdobramentos fantasmáticos do sujeito.

"O olhar está para além das palavras, e fora do tempo. Quando acende um instante, sua presença se eterniza e o tempo não apaga" (QUINET, 2002, p. 86), talvez por isso os efeitos de olhar do cego continuem a produzir ressonâncias em Ana quando ela se depara com o filho, já dentro do apartamento. Eis a segunda cena.

O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. [...] Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la [...] seu coração se enchera com a pior vontade de viver (LISPECTOR, 2009, pp. 26-27).

Sobre essa cena, Zanello (2007, p. 536) afirma que "O olhar não é mais materno (...) mas de uma falta", olhar de uma falta antes abafada e impedida de circular na vida de Ana, agora dada como marca de amor, amor pelo cego, amor pela falta que ele inscreveu nela, amor por ele fazer-se olhar de um ponto em que a falta nunca mais deixar de produzir movimentos. "A vontade de viver", "a vertigem da bondade", o amor: com tais marcas, Ana prende "o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu" (idem, p.28) e Ana vive "o amor e seu inferno". Pois assim foi feita uma travessia: do tropeço no real como furo, ao objeto olhar como marca de desejo; da queda ao passo de dança.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. O óbvio e o obtuso: Ensaios Críticos III. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. São Paulo, Ed 34, 1998.
- FREUD. Projeto para uma psicologia científica. [1895]. Rio, Imago, 1977.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. A língua inatingível o discurso na história da linguística. [1981] Campinas, Pontes, 2004.
- LACAN, J. Seminário, Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. [1964]. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1973.
- LISPECTOR, C. Laços de família. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.
- NASIO, J. D. O olhar em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge e Zahar Editor, 1995.
- QUINET, A. Um olhar a mais ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge e Zahar Editor, 2002.
- SOUSA, L. M. A. O vazio como condição: um movimento de sentidos a partir do horror. Niterói. Revista Gragoatá, n. 34, p. 61-76. 2013.
- ZANELLO, V. O amor (e a mulher): uma conversa (im)possível entre Clarice Lispector e Sartre. Estudos Feministas. Florianópolis 15(3), 2007.







O falasser, o desejo e o maisde-gozar em Antígona

Patrizia Corsetto¹

Deixa-me, deixa que minha loucura se afunde em horrores. Não padecerei, com certeza, nada que não seja morrer gloriosamente. (Antígona)

Quando comecei a pensar a estrutura deste texto, uma vez que esta é a terceira produção que tem Antígona como objeto de pesquisa em psicanálise, deparei-me com a seguinte questão: o que um texto sobre esta personagem ainda poderia trazer de novo, de inusitado, do inédito ou do não dito?

Fato é que Antígona se transformou, por diversos motivos e contextos, numa referência na psicanálise, principalmente na psicanálise dita lacaniana. E, como tal, pode ser pesquisada e pesquisada, dita e redita. Na medida em que permite a articulação de vários conceitos, a exemplo da questão da mimese e sua definição aristotélica que, dizem, de certa forma, do mais-de-gozar na clínica.

Se com Freud, podemos pensar a arte como antecipação à psicanálise, com Lacan a arte é uma das formas de lidar com o vazio. Se Dostoiévski foi o escritor que permitiu a Freud pensar sobre o inconsciente, a pulsão de morte e o parricídio; Sófocles e as tragédias gregas permitiram a Lacan partir do Édipo freudiano rumo ao mais-de-gozar e aos efeitos de satisfação que a experiência estética do trágico causa à plateia. Lacan, em seu comentário sobre a tragédia, diz que o desejo não se confunde com a realização de um bem. O desejo só se realiza em perda, por meio de um apagamento radical do sujeito e na medida em que o herói é aquele que advém como dejeto de sua própria empreitada.

Sobre *Antígona*, diz Antonio Quinet: "não se trata aqui do desejo com seus impedimentos derivados de sua articulação com a Lei que se declina



¹ Jornalista, Membro do Fórum do Campo Lacaniano SP.



em insatisfeito, prevenido ou impossível, como no neurótico. Não é o desejo em suas errâncias, que pula de objeto em objeto e nunca se satisfaz por ser metonímia da falta. É o desejo em sua positividade, um desejo assertivo, desejo em ato-base do desejo do analista".

Se pensarmos em *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e em *Antígona*, de Sófocles, veremos que as personagens centrais das duas obras, Raskolnikóv e Antígona, respondem ao desejo em ato e estabelecem cada uma, relação particular com a morte e o mais-de-gozar.

Raskolnikóv, personagem de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, é um jovem, formado em Direito, que vive em extrema miséria na cidade de São Petersburgo, na Rússia. Mora em um pequeno quarto alugado, dorme em um divã, usa roupas velhas como travesseiro e não come muito, apesar de, às vezes, sua senhoria mandar a criada servir-lhe comida.

Ele mata uma velha usurária a machadadas, com a intenção de usar o dinheiro dela para boas causas, baseado numa teoria que ele mesmo desenvolve. Raskólnikov acredita que as pessoas estão divididas entre "ordinárias" e "extraordinárias". Ele nomeia de "ordinárias" as que seguem o rebanho, sendo dóceis e submissas às ordens estabelecidas. As "extraordinárias" são aquelas que ultrapassam o limite, portanto, ainda que cometam crimes, acabam até sendo "absolvidas", como Napoleão ou César.

Diz, Raskólnikov:

"- Meu crime? Qual? - exclamou num acesso de súbito furor. - O de ter matado uma vil criatura malfeitora, uma velha usurária nociva a todos, um vampiro que sugava o sangue aos desgraçados! Mas um crime desses bastaria para apagar outros quarenta pecados... Ah! Meu ato não se revestiu de uma forma estética aceitável, mas decididamente não compreendo por que é mais glorioso bombardear uma cidade assediada do que assassinar alguém a machado... O respeito à estética é o primeiro sinal de impotência. Nunca o senti mais do que agora e compreendo cada vez menos qual foi o meu crime..." (conversa entre os irmãos Raskolnikóv e Romanovna).

Já a personagem Antígona, filha de Édipo e Jocasta, irmã de Ismênia, Etéocles e Polinices tem uma trajetória marcada pela tragédia desde o nascimento, uma vez que é fruto de incesto de Édipo com a própria mãe, pesando ainda sobre seus ombros a missão de guiar o pai cego, após ele ter sido expulso de Tebas, até a sua morte em Colono. Para os gregos, o lugar da cegueira é o lugar da verdade, que é sempre *pat tous*. Vale lembrar que Tirésias, Homero e Édipo são cegos.







Com a morte de Édipo, Etéocles e Polinices passam a se revezar de forma alternada no trono de Tebas. No entanto, Etéocles, que foi o primeiro a governar, ao fim do mandato, não quer ceder o lugar ao irmão Polinices que, revoltado, vai para a cidade vizinha e rival e reúne um exército aliado, retornando a Tebas. O conflito culmina com a morte de ambos. Creonte, irmão de Jocasta, que assumira o trono, recusa-se a dar uma morte digna a Polinices, acusando-o de traidor. Diante da recusa de Creonte de dar uma morte digna a Polinices e do temor da irmã Ismênia em desafiar a lei, Antígona toma o desejo como dever ético e como verdade. Creonte, ao saber que Antígona fora a responsável pela transgressão, recua em sua decisão, comutando a pena de lapidação (derramento de sangue) pela de emparedamento.

Se pensarmos na teoria desenvolvida por Raskolnikóv, Ismênia seria, portanto, aquela que estaria do lado das pessoas "ordinárias", enquanto Antígona corresponderia às pessoas "extraordinárias". Raskolnikóv mata em nome do que considera nobre e extraordinário, enquanto a heroína Antígona advém como dejeto de sua própria empreitada, entregando-se à morte. Antígona é aquela que paga com o próprio corpo, que é condição sine qua non do gozo. E, quanto a Creonte, aquele que ao saber que seria Antígona a transgressora, se compadece diante da verdade revelada? Estaria ele do lado do humano, e Antígona do lado do inumano? Antígona é aquela que experimenta o gozo "excedente", que se apresenta como não recuperável pelo sujeito – na medida em que este está, de entrada, perdido. Se o maisde-gozar deve ser entendido como uma função em Lacan, em Antígona ele se apresenta sempre como um a menos (um antes) e um a mais (um depois).

Nestor Brownstein diz: "o gozo é aquilo que deve ser recusado para que possa ser alcançado. Na rota até o gozo há que fazer, forçosamente, uma escala no porto do desejo".

Antígona é o ato para além da lei. Diz Lacan: "O desejo parece ser essencialmente o desejo de um ato ou de um estado, sem que ele seja necessário em todos os casos da representação do caráter afetivo desse fim" (LACAN, p. 20, *O Desejo e sua Interpretação*).

Antígona sustenta seu discurso a partir da recusa a Creonte. Uma posição discursiva de um gozo latente, tal qual a posição sustentada pelo analista: como santo, como morto e rebotalho do gozo.

Nos *Escritos*, Lacan fala da incompatibilidade entre desejo e palavra, dizendo que a verdade sobre o desejo está presente em toda palavra, mas nenhuma palavra pode expressar a verdade toda sobre o desejo, ficando sempre um resto que a excede.





Ao dizer: "– Minha vida, há muito renunciei a ela, a fim de ajudar aos mortos", Antígona revela a sua verdade. Antígona sustenta seu discurso a partir da recusa a Creonte. Aí está a posição de gozo de Antígona, a posição desejante que localiza o sujeito na linguagem, linguagem esta que viola o corpo e assume a função de deciframento. A linguagem que diz, na medida em que demarca alusivamente a possibilidade de executar a passagem crucial "ato-palavra". Mais-de-gozar, então, como terreno que fratura o gozo fálico. A representação das ações humanas pela linguagem. O desejo positivado e sua relação com a verdade. O desejo estruturado sem a intermediação da barra do Outro [Creonte]. Um gozo não visitado pelo simbólico. O gozo na sua acepção original e mítica. A barra do campo do outro que faz função e simultaneidade: funda o campo do gozo e, ao mesmo tempo, o restringe enquanto possibilidade avassaladora. Antígona é aquela que está entre as duas mortes, já estando morta antes mesmo de estar.

Diz Lacan:

O terço central da peça é constituído pela apofania detalhada que nos é dada do que significa a posição, o destino de uma vida que vai confundir-se com a morte certa, morte vivida de maneira antecipada, morte invadindo o domínio da vida, vida invadindo a morte (LACAN, 1997, p. 31).

Antígona é aquela que fracassa no mais-de-gozar, na medida em que a posição simbólica da linguagem fracassa. Antígona faz valer a demanda pela via do imperativo fálico, uma vez que ela não parte para a posição discursiva, ao contrário de Creonte que instaura um dizer. No sentido freudiano, ela encontra-se numa posição de fixidez e até de certa obediência.

Antígona permanece no gozo fálico, que é da ordem do dito: "Minha vida, há muito renunciei a ela, a fim de ajudar aos mortos", e faz valer a demanda pela via do imperativo fálico. Desde o imperativo fálico do gozo (campo do dito), na sua relação com S(A), Antígona manifesta seu discurso usual, comum. Em Antígona o F (X) tem relação com a morte, com a ilusão de que se pode controlá-la.

Concluo com Antônio Quinet, "a psicanálise e a arte nos permitem, a partir de Lacan, apreender a distinção entre o desejo como falta, equivalente ao menos phi (- ϕ), e o desejo causado pelo objeto 'a', sendo o primeiro articulado à lei e à impossibilidade; e o segundo ao gozo e à satisfação, derivada da presença do objeto mais de gozar".



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWNSTEIN, N. *O gozo na experiência e teoria psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Donaldo Schuler. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999.
- LACAN, J. *O seminário*, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
 - _____. *O Seminário*, livro 6 (1958-1959): O desejo e sua interpretação. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- QUINET, A. In *Os paradoxos do desejo* IF EPFCL 2014. Disponível em: http://paris2014.champlacanien.net/?p=984&lang=pt. Acesso em: 4 nov. 2015.
- VORSATZ, I. *Antígona e a ética trágica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.











A disjunção entre o simbólico e as leis

Rafael Daud¹

Queridos colegas,

isto é uma carta. Por que uma carta, aqui? Para preservar o lugar da demanda, que é o lugar da transferência, que é o lugar de onde se fala, aqui. Sim, ou por que dirigir-se aos outros, senão por supormos que esses outros sabem algo sobre o lugar que ocupamos aqui? E talvez eu não me equivoque.

De outro modo, não é como aluno que me apresento diante de vocês, sim como mestre. Causa espanto? No entanto, tenho uma ou duas coisas a ensinar, que possivelmente estejam sendo ignoradas por uma vasta maioria. Trata-se da questão mais repisada entre nós, e no entanto ainda mal explicada. Não custa, portanto, voltar ainda uma vez ao tema do Nome-do-Pai.

Os presentes talvez tenham notícia de um livrinho publicado por Deleuze no longínquo ano de 1969, pouco antes, portanto, que Lacan falasse sobre O avesso da psicanálise. Tomei contato com este livro em 2002 – há tanto tempo que o crime já está prescrito – furtando-o pela janela de uma livraria em plena Av. Paulista, tendo-o antes astuciosamente posicionado ao alcance para esse fim. O livro chama-se *Lógica do Sentido* (Deleuze, Gilles. São Paulo: Perspectiva, 2000) e está entre as melhores coisas que Deleuze escreveu. Reporto-me especificamente à terceira série, dita "Da proposição". Não deixa de ser relevante para nós, que tanto nos apoiamos em Lacan, verificar o que diziam seus contemporâneos sobre as mesmas coisas que ele escrevia. Caso contrário, corremos o risco de tomá-lo por um autor, coisa que ele não é. Ele é um texto. Aliás, reside nisto acima de tudo, o estruturalismo de Lacan, que ele seja um texto. Aliás, muitas vezes não é sequer um texto, mas um leitor, como nós também. Mas bem, retornemos ao sentido.

Deleuze nos oferece três dimensões da proposição: sim, como se fossem três nós: a designação, a manifestação, a significação. Pergunta-se em qual delas se acha o sentido.

Façamos o exercício. Propomos: A sala é grande. A designação está em que



¹ Psicanalista, Membro do Fórum do Campo Lacaniano SP.



um cômodo pode ser um quarto, um banheiro, mas neste caso é uma sala. O que pode ou não ser verdade. O mesmo vale para o predicado, grande: cada sala deve ter um tamanho próprio, que há de ser grande ou pequeno, o que a proposição tem a chance de acertar ou errar. Tal é o domínio da designação.

A *manifestação* diz respeito ao lugar de fala, pois é certo que não estamos sentados na mesma cadeira e dessa forma é possível que haja divergência no que chamamos de sala, ou o que julgamos ser grande. É somente quando estivermos reunidos todos sob o mesmo teto que estaremos em condições de chegar a algum acordo sobre esses termos, e assim, sobre o acerto ou erro da designação. Trata-se de um domínio anterior ao da designação, portanto.

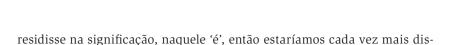
Por fim, temos a *significação*, que está naquilo que chamaremos, por comodidade, o elemento de ligação da frase, aquele "é" conectando o predicativo do sujeito, "grande", ao sujeito ele mesmo, "sala". Curiosamente, os sonhos não dispõem desse elemento, como vocês sabem, pois quem é que jamais sonhou com o termo "implica", "logo" ou "*ergo*"? Bem, grande ou pequena, nada disso importaria a nós se não fosse esse pequeno "é" que relaciona essas qualidades potenciais à sala em que nos reunimos.

Neste ponto, faz-se intervir o famoso paradoxo de Aquiles e da tartaruga, que versa sobre a interessante questão da regressão ao infinito. Já que este é um tema que me é tão caro, certamente já o terei trazido aqui, embora então por outro motivo que o de hoje. Bem, refiro-me à versão que Lewis Carroll lhe deu, a esse paradoxo, e que é mais ou menos a seguinte: dada uma proposição P, "a sala é grande", deveremos acordar sobre a sala que designamos, e o conteúdo do adjetivo 'grande', mas além disso, será preciso admitir uma outra proposição Q segundo a qual a proposição P deve ser por nós averiguada em relação a esta realidade e estado de coisas e nenhum outro, ou seja, que é para servir a esse exame que a proposição P está aí diante de nós, caso contrário ela poderia nos passar bastante despercebida. Portanto, uma proposição Q nos provocando a aplicar à proposição P um juízo de realidade qualquer, pressuposto sem o qual a proposição P ficaria aí, inútil e intocada. Do mesmo modo, escusado dizer, à proposição Q seria preciso antepor uma outra proposição R que indicasse a nós que a proposição Q está aí para nos explicar o que fazer com a proposição P, além de ignorá-la, e também uma proposição S que nos diga a respeito da proposição R que ela se dirige a nós a fim de explicar para que serve a proposição Q, ou seja, aplicar-se à proposição P, e assim por diante. Tal é a regressão ao infinito, que faz não apenas que o Aquiles não alcance a tartaruga, mas fique cada vez mais distante dela.

É por essa razão, afirma Deleuze, que precisamos localizar o sentido para além da designação, da manifestação e da significação, pois se o sentido







tantes do que realmente nos interessa...

Se vocês me acompanharam até aqui, o que não é nada improvável, então poderão me acompanhar no problema, ainda mais simples, senão idêntico, a que Hans Kelsen, o grande jurista do século XX, se aplicou (*Teoria Pura do Direito*. Coimbra: Armênio Amado, 1984, p. 271). É o seguinte: se um pai manda o filho à escola, é possível que este lhe pergunte: mas afinal, por que devo eu ir à escola? Ao que o pai certamente lhe responderá: porque estou mandando. Mas então, por que eu tenho de obedecê-lo, e a resposta mais acertada deve ser: porque sou seu pai. E logo o filho sai-se com mais esta: e por que devo obedecer ao meu pai?, ao que o pai, já com poucos recursos, responde: porque Deus assim quer. Ao que o filho, se não estiver a fim de meter-se em encrencas mais sérias, deverá aquiescer.

É a este fundamento último, a essa proposição fundamental que visa tão somente interromper o fluxo infinito de questionamentos do filho, a que Hans Kelsen designou a Norma Fundamental, que haveremos de chamá-la com o termo mais do que apropriado Nome-do-Pai.

Se agora se aplicarem a este tema, e não pretendo tomar muito mais do seu tempo a fim de que possam fazê-lo, verão com clareza como se vinculam entre si o Nome-do-Pai e o sentido. Verão também que não se coloca, neste ponto, a questão do conteúdo do Nome-do-Pai, conquanto isto seja tema de um debate mais comprido que não estou em condições de empreender neste momento, já que está dito em Kelsen: "O conteúdo da norma que constitui o ponto de partida: o filho deve ir à escola, não pode ser deduzido desta norma fundamental." (*Idem ibidem.*)

Tudo o que pretendo dizer-lhes, neste momento, é que estejam atentos à disjunção lógica entre as diversas normas, leis ou regras, por exemplo, que os filhos devam ir à escola, que os textos sejam entregues no prazo e obedeçam ao limite de páginas, ou que não se furtem livros às livrarias, todas do domínio do imaginário, pois que bidimensionais e perfeitamente passíveis de serem borradas, e aquela que Lacan, num momento pouco inspirado - mas por que lamentarmos sua falta de inspiração, se ele não é um autor? - quis chamar de lei simbólica. Não, a lei simbólica não há de ter qualquer conteúdo, nem mesmo um suposto "não matarás teu pai" ou "não dormirás com tua mãe". Discutamos, ao invés disso, a relação que os loucos estabelecem com as leis, as leis que de fato merecem esse nome, as leis que têm nome, não o Nome-do-Pai, e vocês verão como eles se perdem, como se tomam de surpresa a cada "isso não" ou "isso você pode". E a razão disso é exatamente aquilo que Lacan apresentou, a ausência daquele corte fundamental que faça cessar as perguntas infinitas.





A relação dos psicóticos com as leis pode se dar de uma de duas formas: ou bem se dirige ao infinito, descrevendo uma curva assintótica, tentando mas sempre falhando no intento de chegar ao fundamento último que lhes dê validade, ou então, na ignorância total desse fundamento, fazer de cada norma, lei ou regra, uma norma absoluta, inelutável, bruta, o que por vezes pode significar, também, uma terceira forma dessa relação: se todas as leis possuem igual poder, e esse poder é absoluto, então nenhuma lei vale mais, o que é o mesmo que dizer: nenhuma lei vale. As diversas condições em que se acham os psicóticos, em crise, estáveis, estabilizados, correspondem a esses tipos de relação com as normas.

Quanto aos neuróticos, cabe observar apenas o seguinte: a dimensão do simbólico não tem nada que ver com as leis. Não, em sua relação com as leis, Antígona é tão louca quanto o mais louco dos Napoleões. Nenhum privilégio até aí. O recurso de Lacan ao domínio das leis, a fim de explicar o simbólico, justifica-se no seguinte: uma lei é algo de intermédio na relação entre duas pessoas. Ela é um terceiro termo, algo que está fora dessa relação, mas ao que ela se reporta, a fim de conhecer seus limites, forma, intento. Por exemplo, é preciso olhar para fora dessa nossa situação, de quem escreve e de quem lê, para dar-lhe um sentido. Isto é o simbólico, e somente isso: esse recurso a um terceiro termo. Que pode ser uma lei e pode ser uma porção de outras coisas, desde que não as tomemos por si próprias, caso em que já não serão mais terceiras.

Não lhes disse que estava aqui de mestre? Nem por isso lhes imponho qualquer restrição, ou pena. Quem sabe? É possível ser mestre sem ter poder. Vejam: é por isso que a relação do psicótico com a lei é tão perturbadora, não porque ele não tenha recurso a ela, como alguns parecem crer, mas porque ele a toma sem mediação, sem recurso a um terceiro termo: não se relaciona com alguém por meio da lei, da norma, mas se relaciona diretamente com a lei, com a norma. Está aí o seu laço, que torna tão difícil que possa se enlaçar com outros. Enquanto os outros estão sempre se perguntando, cansados: o que é que não está aqui, que eu juro que deveria estar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hans Kelsen. Teoria Pura do Direito. Coimbra: Armênio Amado, 1984

Gilles Deleuze. A Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, 2002.







Momento de concluir: entre o som e o silêncio

Silvana Pessoa¹

Nem sempre, a um primeiro olhar de uma cena qualquer, percebe-se a existência de algo novo: e, quando isto se dá, no instante seguinte tenta-se explicar o diferente, dar um nome, associá-lo a algo visto, inseri-lo num mundo das coisas conhecidas. Busca-se reduzir o desconhecido, o que nos causa preocupação, ao familiar, ao "mesmo", que nos acalma. Mas, com isso, lamentavelmente, perde-se o novo.

Esse mecanismo também acontece na leitura: adquirimos o vício de não ler ou não ler direito. Buscamos, no que lemos e no que escutamos, aquilo que tem relação com as nossas verdades. Inventamos, para nós mesmos, boa parte do fato. Somos todos inventores. Mas vemos e ouvimos segundo as nossas verdades e perdemos o detalhe. Isso também pode ocorrer em algumas análises, quando não se entende a linguagem como causa do inconsciente.

Dar tempo para a coisa aparecer, deixar a coisa ser, sem pensar em nada, sem emitir parecer ou julgamento, deixar a coisa se mostrar, é a orientação nos campos da linguagem, da arte e da psicanálise. Criar o silêncio, um espaço, um momento, entre esses dois tempos, para ter o aparecimento das coisas como recompensa – estrutura de linguagem que possibilita a aparição do sujeito do inconsciente entre dois significantes.

A música de John Cage nos ensina a fazer isso na sua forma dadaísta de compor. Ele impõe, na sua obra, o uso deliberado do acaso, da indeterminação e da indistinção entre som estruturado e ruídos vindos da vida ordinária. Ele "[...] leva às últimas consequências seu projeto de crítica à racionalidade da música ocidental" (SAFATLE, 2006, p. 177). Racionalidade que, ao contrário, tem uma ansiedade enorme de comentar, buscar sentido, expressa nas estruturas dos romances, nas grandes sinfonias, nas falas dos analisandos.

"Todos querem através da palavra, e não do silêncio, provar que estão vivos" (MARCONDES, 2005. p. 570) e perdem a oportunidade de permitir que se instale um espaço para outras vozes irromperem. Um *horror a*



¹ Psicanalista, membro do FCL-SP e da EPFCL- Brasil, AME da EPFCL.



vacui, expressão utilizada na era do Renascimento, quando os pintores não deixavam um pedaço de sua tela sem cor, por menor que fosse o espaço, e os compositores criavam priorizando o sentido e os afetos – pensando em termos de progressão, expectativa e resolução.

No livro *Som e sentido*, de Wisnik (1989. p. 285), podemos encontrar um panorama da transformação das composições, desde o canto gregoriano, modal, com pouquíssima variação tonal, à música eletrônica, serial, com excesso de variação. Com este autor podemos acompanhar este estilo de música se transformando, passando pelo sistema tonal, que tem como característica partir de um lugar tensional e depois voltar a repousar, tal como o for – da que elabora a angústia de um lugar que você perde e depois reconquista.

O século XIX leva ao extremo essa tonalidade. A composição dessa época tensionou tanto, que colapsou. No meio do século XX houve proposta de negação da tonalidade, nenhuma promessa de retorno após tensão, nada de música "repetitiva", pois, como tal, "enganosa", por isso, para não reconhecer identidade alguma, as séries dodecafônicas usam todas as notas sem repeti -las, como escutamos na obra de Stockhausen, um dos seus representantes.

Como podemos transpor este conhecimento e verificar o que se passa nas análises que conduzimos? Tomo como exemplo um "causo" desta musicalidade, encontrado ao "a-caso", Flo Menezes.² O que ele diz, em diversas entrevistas publicadas, serviu para demonstrar como o som afeta os seres falantes e o que se pode fazer com isso. Vejamos o que diz:

Eu era muito espoleta. Com quatro, cinco anos de idade fugia de casa, saía da escola sem avisar. Quando brigava com meus irmãos, meu pai punha na vitrola uma música do Berio chamada *Visage*, dizendo: "Olha, vou pôr a música da mulher louca". (...) Para uma criança, era ao mesmo tempo maravilhosa e assustadora. Aos dezessete anos, quando entrei na USP, me lembrei disso. Aí pensei: "Quando eu for para a Europa, vou fazer um doutorado sobre essa peça e analisá-la inteira". http://www2.unesp.br/revista/?p=6818.³

 \bigoplus





² Flo Menezes, 51 anos, é considerado pela crítica dentro e fora do Brasil um dos principais compositores de sua geração. Sua obra tem sido executada nos mais prestigiosos festivais e teatros no mundo e recebido os mais importantes prêmios internacionais em sua área (http://www2.unesp.br/revista/p=6818).

³ Flo Menezes, em entrevista, diz que Berio lhe revelou coisas que não tinha contado a ninguém, como o fato de que todo o trecho inicial da música era uma paráfrase musical do capítulo 11 do livro Ulisses, de James Joyce. In: Luciano Berio: Omaggio a Joyce (1958) https://www.youtube.com/watch?v=-uIvzVgk16c.



Flo foi para a Alemanha, voltou e virou professor na Unesp. Seu memorial virou um livro (2013), e seus estudos geraram muitos outros⁴ a partir da obra de Luciano Berio, este poeta maximalista, mestre da escritura no seu detalhe acelerado, do choque labiríntico de elementos, que compôs esta música ao mesmo tempo maravilhosa e assustadora para o pequeno Menezes.

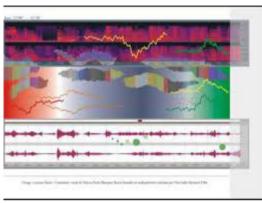


Fig. 1. Audiopartitura Gráfica da obra *Visage*, realizada por Marcos Blasques.

Adulto, tornou-se um (re)compositor, como ele gosta de se definir, senta-se à mesa para (re)construir a seu molde, o modelo original, que de originário só resguarda "relações genéticas incontornáveis". Sozinho, monta um "quebra-cabeça de mil peças", cuidadosamente separadas em categorias. Para ele, compor significa (re)compor, tal como fazem os analisandos durante uma análise, por vezes renascentistas, dramáticos, maximalistas.

Estes, capazes de criar a partir do já dado ou inventar um "significante novo" (LACAN, 1977), um novo saber que cada um coloca no vazio, caso tenha sido instaurada a capacidade de depor o julgamento e deixar os sons serem eles mesmos. Analisandos minimalistas, por fim, com a conjugação de uma "gramática da desafecção" (SAFATLE, *Op. cit.*, p. 182). Gramática que também podemos aproximar do analista, como produto de uma análise levada ao seu termo, como alguém "não afetado" pelas paixões ou ignorância, que atrapalham esta escuta.



 $^{{\}tt 4~BLASQUES, M. Audiopartitura\ Gr\'{a}fica\ da\ obra\ Visage\ https://www.youtube.com/watch?v=ZsuQsDAypxI.}$



Flo Menezes, sem saber, me ensinou pela sua capacidade de escuta da complexidade, capaz de ouvir uma linha, a rigor monótona, mas que a partir de uma articulação dos seus elementos no tempo, pode-se bifurcar em caracteres simultâneos. Um músico que pôde ensinar a um analista como mergulhar no som das palavras e perceber uma coisa, que corresponde a outra e que, no meio, tem três outras ideias, apesar de acontecerem de uma maneira sintagmaticamente numa sequência temporal.

Os analistas – que fazem parte desse movimento e para quem se dirige a fala – devem aprender a "agir com a linguagem como se faz com o som: seguir a velocidade dela para romper o seu muro" (LACAN, 1953, p. 145), e passar esse modo de funcionamento ao analisando, transmitindo-lhe, com isso, a psicanálise. Quando se entra no domínio estético, as coisas se multiplicam de tal forma que, se não houver consciência dessa complexidade, não se pode operar dentro dela.

Assim, no nosso campo "psicanalítico-musical-poético", é preciso seguir a velocidade própria da linguagem. Para adquirir essa prática, convém não nos enganarmos com regras, modas e proibições presentes em todos os lados, principalmente nas instituições. Este é um risco que sempre corremos. Aprendemos com os músicos que "ao instituir um traçado, não um ponto, seu lugar cede passo a seu deslocamento, sua figura cede lugar a um gesto. Escutar é ouvir direções; viver, percorrê-las. A velocidade é um deslugar", como diz Menezes.

Uma linguagem que subverte, canta, instrui e ri, um gaio saber. Alimentamse dessa tradição, para citar alguns, Joyce e Rabelais, que produzem um tipo particularmente fragmentário de narrativa e incluem particularidades que, quando não detectadas ou bem analisadas, são geralmente consideradas como aberrações ou irregularidades, o que aproximamos da estratégia de desconstrução da tonalidade das músicas eletroacústicas, como em Schoenberg ou Stockhausen, ou da desconstrução das certezas ou da emergência de um significante novo, operada pela psicanálise.

Estas expressões artísticas, tanto quanto a psicanálise, convidam os analisandos ou leitores a realizar, eles mesmos, a tarefa de procurar sua própria sabedoria, e ensinam que é necessário dissolver as fórmulas, as ideias recebidas e, no lugar delas, desenvolver-se um espírito crítico, ampliar a trama discursiva, aquela em que todos estamos peados, pois não há a opinião verdadeira e única – já que há paradoxos. Não vale confrontar, desafiar as coisas. Resta-nos, ao final, respeitá-las no seu tempo com humor, valorizando os chistes e tropeços da linguagem na clínica, com a certeza de que há o indecidível, assim como os mundos simultâneos e mundos impossíveis com variadas interconexões.







A mim, resta entender que, numa análise, operamos num esforço de redução de uma teia de relações; vamos peneirando, neutralizando as intensidades, mudando o tom, o timbre, transformando e esvaziando algo do mesmo; provocamos a emergência de um significante novo, este que pode emergir antes ou quando o "esp de um laps já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação)" (LACAN, 1976, p. 567) até, por fim, chegarmos ao silêncio total e ao ponto-final da análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLASQUES, M. Audiopartitura Gráfica da obra *Visage* https://www.youtube.com/watch?v=ZsuQsDAypxI. (Publicado em 31 de maio de 2013.)
- LACAN, J. "Discurso de Roma" (1953). In. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.145.
- ______. Seminário 24 L'insu-que-sait de l'une-unbevue s'aile à mourre aula de 17/05/77 rumo a um significante novo. Inédito.
- ______. "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". 1976. In. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003. p. 567.
- MARCONDES, C. *Perca tempo: é no lento que a vida acontece.* São Paulo: Paulus, 2005. p. 570.
- MENEZES. F. Matemática dos afetos: Tratado de (Re)composição musical. São Paulo: EDUSP, 2013.
- SAFATLE, V. "Destituição subjetiva e dissolução do eu na obra de John Cage". In. Sobre arte e psicanálise. Orgs. Tânia RIVERA e Vladimir SAFATLE São Paulo: Escuta, 2006, p. 177.
- WISNIK, M. Som e sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 285.

O fala-ser muda a psicanálise







•

•





•

•









